

# *Eneida, Livro II*

## *Narrativa de Eneas – A Destruição de Troia (804 Versos)*

**Milton Marques Júnior**

# Dicionário da *Eneida*, de Virgílio

## Livro II: *Narrativa de Eneas – A Destruição de Troia (804 Versos)*

**Pesquisa e Organização** *Prof. Dr. Milton Marques Júnior*

**Supervisão** *Prof. Dr. Juvino Alves Maia Junior*

### **Pesquisadores Colaboradores e Coautores**

*Alcione Lucena de Albertim*

*Danniele Silva do Nascimento*

*Felipe dos Santos Almeida*

*Juvino Alves Maia Junior*

*Nathália Pinto do Rêgo*

*Raphaella Barbosa Belmont*

*Vanessa Lima da Cunha*

*Yasmim Alcântara dos Santos Mendonça*

**João Pessoa/Paraíba**

**2011**

## Sobre o Dicionário

A nossa pesquisa consiste na dicionarização da *Eneida*, de Virgílio. Como o poema Virgiliano é composto de doze Livros, dividimos a pesquisa em três momentos: verbetização dos Livros I a IV; dos Livros V-VIII, e dos Livros IX-XII. A verbetização dos Livros I-IV está terminada e estamos dando a lume a publicação do *Dicionário do Livro II*. A publicação do Livro I, no início de 2011, foi, para nós, um teste, esperando que o público a quem o dicionário se destinava – inicialmente, os estudantes do curso de Letras – desse o seu retorno de leitura, sem o que não poderíamos corrigir as falhas, com o intuito de tornar melhor esta obra de referência.

Para a atual publicação do *Dicionário do Livro II da Eneida – A Narrativa de Eneias: A Destruição de Troia –*, realizamos algumas mudanças nas informações dos verbetes e na objetividade que se espera de uma obra dessa natureza, mudanças provenientes do uso do dicionário em sala de aula. Por outro lado, procuramos melhorar o aspecto visual do dicionário, separando cada seção de verbete com a letra capital correspondente e aumentando a fonte do verbete em relação à fonte que o descreve. A maior novidade é a existência de ilustrações, fotos oriundas de uma viagem de estudos que fizemos a Roma e à Grécia – Atenas, Epidauro, Micenas, Olímpia e Delfos –, visitando museus e sítios arqueológicos importantes. Assim, acreditamos que a informação foi qualitativamente melhorada, com as ilustrações proporcionando ao leitor um prazer visual. No mais, seguimos os mesmos critérios de verbetização do volume anterior, explicados a seguir.

A leitura frequente da *Eneida*, para ministração de aulas na graduação e na pós-graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba, fez-nos constatar a necessidade de um texto de apoio, de uma obra de referência – de que somos tão carentes no Brasil –, para a compreensão dessa obra Virgiliana. Complexa na sua estrutura,

complexa na sua linguagem, a *Eneida* é também complexa pela variedade e abundância de informações de toda sorte: histórica, filosófica, geográfica, religiosa... Apenas para estabelecer uma característica da *Eneida*, que nos parece bem nítida, é impossível ler e compreender esse poema épico sem o conhecimento da história de Roma, de seus primórdios à época de Augusto.

Foi pensando na dificuldade que encontra o leitor não iniciado, e mesmo alguns iniciados, nas obras clássicas, sem acesso ao texto em latim, que intentamos a realização de um dicionário da *Eneida*. Trata-se de trabalho lento e complexo, que faz jus às dificuldades que o texto nos apresenta a todo o instante. À frente do **GREC – Grupo de Estudos Clássicos e Literários**, da Universidade Federal da Paraíba –, o professor Juvino Alves Maia Junior e eu reunimos um grupo de pesquisadores, que conta com professores do curso de Letras e com estudantes da graduação e da pós-graduação, e começamos um trabalho que, a princípio, parecia de Sísifo, pois se rolar o rochedo ao cume do monte já é bastante difícil, rolar o rochedo sem saber que caminho tomar torna bem pior esta empreitada. Contudo, uma vez traçado o caminho, a pesquisa pôde avançar, e se o rochedo não chegou ao cume, pelo menos não rolou mais montanha abaixo.

A primeira decisão que tomamos, que nos parecia óbvia, foi no sentido de realizar a verbetização a partir do texto em latim e não a partir de uma tradução. Embora nem sempre nosso público seja o aluno de Línguas Clássicas, entendemos que uma obra que tem intenção elucidativa, como um dicionário, não pode confiar senão no texto lido na sua língua de origem. Além do mais, nossa experiência com traduções nos mostra que o que se traduz e se coloca no mercado não é exatamente o que se encontra no texto. Pode ser na sua essência, mas não nos seus detalhes. Como nosso trabalho objetiva um estudo da *Eneida*, o viés analítico se impõe, obrigando-nos a ir aos detalhes do original em latim.

O que verbetizar foi decidido ao longo do rolar a pedra montanha

acima. Inicialmente, pensamos nos personagens – heróis e divindades –, depois verificamos que era necessário ampliar a verbetização para os espaços e acidentes geográficos, além de determinadas plantas e expressões. Como compreender a viagem *terra marique* de Eneias, no Livro III da *Eneida*, sem a preocupação de verbetizar cada local por onde o herói passa? E as várias expressões de relação metonímica, como um *velho Baco* (*ueteris Bacchi*, Livro I, verso 215), por um vinho envelhecido? Ou expressões estereotipadas como *juízo de Páris* (*iudicium Paridis*, Livro I, verso 27)? Deste modo, acreditamos ter dado mais substância ao nosso trabalho.

Uma vez que o texto latino naturalmente se impôs, restava-nos escolher que texto seguir. Para um trabalho como este, torna-se evidente e imperioso o uso de um texto estabelecido filologicamente, por ser o mais confiável para o estudo. Optamos, pois, pela lição filológica de Jacques Perret, de 2006, procurando sempre confrontar com o texto estabelecido por Henri Goelzer e traduzido por André Belessort, de 1952. Em ambos os casos, a edição é da Les Belles Lettres de Paris. Tais textos encontram-se devidamente referenciados na bibliografia.

O uso de um texto crítico, estabelecido filologicamente, é de suma importância, pois nos aproxima das sutilezas do texto virgiliano, o que não encontramos em outras edições do texto latino. Por exemplo, fiéis ao texto estabelecido, mantivemos todas as formas arcaicas de Virgílio, como os acusativos plurais da terceira declinação em *-is*, como nos versos “*gens inimica mihi Tyrrhenum nauigat aequor/Ilium in Italiam portans uictosque Penatis.*” (A gente minha inimiga navega o mar Tirreno, levando Ílion e os Penates vencidos. Livro I, versos 67-68); ou as formas em *-uom* e *-um*, do genitivo plural da segunda declinação, como *diuom pater* (pai dos deuses, Livro I, verso 65) e *pater optime Teucrum* (excelente pai dos Teucros, Livro I, verso 555), e outras formas semelhantes.

As entradas no dicionário mostram o verbete em sua tradução

portuguesa, mantendo, entre parênteses, a forma latina, no caso em que a palavra aparece no texto original. Quando o vocábulo vem acompanhado da conjunção enclítica *que*, como em *Albanique* (Livro I, verso 7), consideramos apenas a parte lexical (*Albani*) e não a conjunção coordenativa aditiva (*-que*).

Como verbetizar os nomes foi outra grande dificuldade. Decidimos pela simplificação, para tornar a consulta mais rápida. Os nomes latinos ou gregos serão traduzidos para o português e aproximados, até onde for possível, da língua original. Em todo caso, simplificamos o *y* para *i*, o *ch* para *c* ou *qu*, conforme o caso; o *th* para *t* e assim por diante. Acreditamos que os problemas de tradução de nomes sempre existirão, mas eles nos parecem minimizados, pelo fato de que eles se encontram em sua forma original dentro dos parênteses, que acompanham o verbete, e no *índice onomástico*, ao final do dicionário. Um caso à parte foi com relação a *Júpiter*. Optamos pela verbetização das duas formas, *Jove* e *Júpiter*, mesmo sabendo que a forma *Jove* é o desdobramento em outros casos do nominativo *Júpiter*. No entanto, na tradição poética da língua portuguesa, tanto permaneceu o caso lexicogênico *Jove* (*Iouem*), como o nominativo *Júpiter* (*Iuppiter*).

Já os nomes acompanhados dos epítetos, como *Pio Eneias*, ou apenas os epítetos, como *Pai dos deuses e dos homens*, foram verbetizados, pois são comuns, frequentes e estruturais na poesia épica.

Com relação aos patronímicos, quer apareçam isolados, como *Troianos* ou *Argivos*, quer acompanhando um substantivo designando a descendência de um herói, como *Anquises Dardânio*, isto é, descendente de Dárdanos, quer como um adjetivo ligado a um substantivo comum, eles serão sempre grafados com maiúscula inicial. Por outro lado, agrupamos todos os patronímicos iguais num mesmo verbete, quando se trata das formas de masculino, feminino, singular e plural – *Argivo*, *Argivos*, *Argiva*, *Argivas*. Cumpre-nos, ainda, dizer que procuramos observar ao máximo o texto original e manter o uso de *Argivos*, *Aqueus*, *Dânaos* e *Graios*, em lugar de Gregos, tradução

corrente, mas que não se coaduna com o espírito do texto, que remonta a uma época em que não havia a Grécia, mas cidades-reino, que funcionavam independentemente, unindo-se contra o inimigo comum, quando necessário.

Por fim, mas não por último, temos consciência de quanto é extensa a tradição mitológica, tanto de poetas, quanto de mitógrafos, não sendo possível, portanto, exauri-la nos limites deste trabalho. Faremos, no entanto, todas as relações transtextuais que nos forem possíveis fazer, de Homero aos tragediógrafos gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides –, chegando até os contemporâneos de Virgílio.

Entendendo o texto literário como um tecido que se compõe de outros textos, vemos como, por exemplo, o poeta latino Ovídio (43 a. C. – 18 a. D.) se torna uma fonte importante para a leitura da *Eneida*, embora suas obras sejam posteriores à obra-prima de Virgílio. Mesmo sendo as *Metamorfoses* do ano 1 a. C. e os *Fastos* do ano 3 a. D., podemos ver como alguns mitos que estão em Virgílio são desenvolvidos por Ovídio nessa duas obras, ajudando o leitor que conhece ambos os autores a entender melhor o complexo tecido da *Eneida* – uma das fontes de Ovídio – e a perceber a influência do mantuano sobre o poeta de *Arte de amar*.

*Milton Marques Júnior*  
*Professor de Literaturas Clássicas*  
*Universidade Federal da Paraíba*

## Um Livro Augural

Milton Marques Júnior

Não é segredo para ninguém que a *Eneida* é um poema de forte cunho religioso: a decisão de saída do herói de sua pátria, Troia, tomada e destruída pelos Argivos, é determinada pelos deuses, para que ele, Eneias, funde uma nova Troia com a anuência dos imortais habitantes do Olimpo. Como é característico no poema épico, o seu argumento encontra-se enunciado no *Proêmio* (Livro I, versos 1-11); esta parte substancial do argumento, no entanto, só será detalhada no Livro II, levando-nos a conhecer os motivos por que o herói é impelido à fuga pelo fado (*fato profugus*, Livro I, verso 2)<sup>1</sup>. Descortina-se, então, para o leitor, a essência do poema de Virgílio, a mais importante narrativa épica do mundo latino: os deuses escolhem um herói insigne pela piedade, determinam-lhe como destino a fuga, impõem-lhe provações e orientam o seu caminho através das profecias dos vários oráculos de Apolo. Deste modo, *fatum*, *pietas*, em seus desdobramentos de *fas* e *nefas*; *labor*, *prodigia*, *omina*, *augurium* e *pressagia*, são palavras que compõem o texto e formam a sua estrutura. Acrescente-se a isto a forte presença do verbo *cano*, desde o início do poema, cujo um dos sentidos é profetizar – *Arma uirumque cano* –, e o elemento augural torna-se, portanto, inquestionável.

Tomamos a palavra augúrio nesse ensaio com o sentido etimológico, que direciona a sua compreensão. *Augurium* é proveniente de *augeo*, *augere*, fazer crescer, aumentar, termo arcaico e poético, conforme nos ensina Ernout, explicando a diferença entre esse termo e *auspicium*:

*Augurium* é o "presságio" [favorável] no sentido mais amplo da palavra; é um termo muito mais compreensivo que *auspicium*, que designa simplesmente a

---

<sup>1</sup> Para a *Eneida*, usaremos a edição preparada por Jacques Perret (2006), que consta na bibliografia.

observação dos pássaros, e a época arcaica distingue nitidamente os dois termos." (ERNOUT, 2001, p.57)<sup>2</sup>

Recordemos que embora a *Eneida* seja uma obra do período clássico latino, Virgílio remonta em sua narrativa ao período arcaico, ao princípio dos tempos ainda ditos míticos. Do mesmo modo como algumas formas utilizadas pelo poeta são arcaicas, também alguns significados, sobretudo os religiosos, guardam a sua substância arcaica. *Augurium* é, pois, o aumento, o presságio favorável que fará crescer. Nada mais claro: Troia destruída deverá crescer pelas mãos pias de Eneias, em outro lugar, pela anuência e vontade dos deuses, como uma cidade ainda mais florescente e rica do que aquela que, nas bordas do Helesponto, ora desaparecia.

Façamos uma breve caminhada por este Livro II, no sentido de mostrar o que ele representa dentro da *Eneida*, como ele difere da Odisseia, embora tenha uma estrutura semelhante e, principalmente, como diferem entre si os heróis narradores de ambas estruturas, Odisseu e Eneias, sendo este impelido pelos fados com uma missão determinada e já anunciada no Proêmio do poema, e aquele não. Essa caminhada faz-se necessária para podermos chegar com mais propriedade aos augúrios, que caracterizam esse episódio.

O Livro II da *Eneida* integra o segmento das *Provações* composto pelos quatro primeiros livros do poema, cuja narrativa se divide em dois grupos, a narrativa do tempo presente (Livros I e IV) e a narrativa do tempo passado (Livros II e III). O primeiro grupo narrativo, em terceira pessoa, marca a chegada e saída de Eneias da Líbia de então, mais precisamente, do reino de Cartago, em construção pela rainha Dido. O segundo grupo narrativo, em primeira pessoa, marca a saída de Eneias de Troia, em destruição, e a atribulada e errante viagem que ele está obrigado a fazer, em busca da nova terra, em que deverá fixar-se. O Livro II inicia-se com Eneias atendendo ao pedido da rainha Dido, para

---

<sup>2</sup> *Augurium* est le "présage" [favorable] dans le sens le plus large du mot; c'est un terme beaucoup plus compréhensif que *auspicium*, qui désigne simplement l'observation des oiseaux; et l'époque archaïque distingue nettement les deux termes.

narrar a sua história. O narrador geral do poema ainda comanda os dois primeiros versos e só retomará as rédeas de sua narrativa nos versos 716-718, fechando o Livro III e os relatos do herói Troiano. Nesse meio tempo, Eneias comandará, em primeira pessoa, a narrativa. Assim teremos, do verso 3 ao 804, o desenvolvimento do argumento do Livro II – *A Destruição de Troia*.

Ressaltemos que a narrativa de Eneias se encaixa perfeitamente na mesma estrutura já utilizada na *Odisseia* (Cantos IX-XII), qual seja a de uma narrativa dentro de outra narrativa. Iguamente à *Odisseia*, é o personagem principal quem faz o relato, em meio a um banquete, para uma plateia de uma localidade estranha, que o acolheu e quer conhecer a sua trajetória. Assim, no poema homérico, Odisseu narra as aventuras de sua partida de Troia até a sua chegada à Feácia, em quatro cantos (Cantos IX-XII). Eneias, por sua vez, no poema virgiliano, narra a sua trajetória em dois livros (Livros II e III). A proporção é a mesma. Dos vinte e quatro cantos da *Odisseia*, Odisseu é o responsável pela narração de quatro; dos doze livros da *Eneida*, Eneias é o responsável pela narração de dois. A proporção é de 1/6. Tal estrutura é mais uma constatação, dentre tantas fáceis de fazer, da leitura que Virgílio fez da obra homérica, pois as pistas são muitas ao longo da *Eneida*. Que Virgílio, pois, procura Homero como imitação não resta dúvida, mas ressalte-se que a imitação que ocorre não é no sentido de cópia, mas no sentido de ter em mente um modelo de excelência, a narrativa épica homérica, e, principalmente, de recriar em cima desse modelo. É o que ocorre na *Eneida*. Aqui, o ponto de vista a respeito da Guerra de Troia se desloca. Do vencedor passa para o vencido. Assim, se no Canto VIII da *Odisseia*<sup>3</sup> vemos Odisseu, ainda anônimo, pedir ao aedo Demódoco para cantar as façanhas do herói Odisseu e do estratagema do Cavalo de Troia, devemos perceber aí a celebração do heroísmo dos Argivos vencedores em Troia, além de uma deixa para que o convidado

---

<sup>3</sup> *Odisseia*, Canto VIII, versos 487-497. Para a *Odisseia*, utilizaremos a edição preparada por Victor Bérard (2002), que consta na bibliografia.

misterioso possa se apresentar a todos como o herói de Ítaca, responsável direto pela destruição do reino de Príamo. A guerra já havia virado narrativa e andava na boca dos aedos, immortalizando os heróis. Na *Odisseia*, portanto, a Guerra de Troia já é poesia, já é canto inspirado pelos deuses (θέσπιν ἄοιδήν, Canto VIII, verso 497). Por outro lado, Odisseu vai retornar para casa, Ítaca, um local sabido e certo, embora esteja sujeito pelos deuses a fazer muitas voltas, daí o epíteto de *polýtropos* (πολύτροπος), que aparece logo no primeiro verso da *Odisseia*. Se Odisseu faz muitas voltas e erra em sua viagem pelo mar, sentido primeiro do termo, não é só isto, porém, o que o epíteto indica. O herói de Ítaca é um homem sabidamente astuto (πολύμητις) e sua narrativa é recheada de aventuras, não necessariamente acontecidas, mas com o intuito de emocionar os circunstantes que, condoídos com tantas desventuras, o enviarão para o seu destino. As muitas voltas do pensamento de Odisseu o ajudarão no seu intento de voltar para casa.

Na *Eneida*, como já dissemos, a perspectiva passa do vencedor para o vencido. Eneias vai apresentar a Guerra de Troia como uma dor abominável, que não pode ser dita (*infandum dolorem*, verso 3), lembrando que *infandum* (*infandus, a, um*) deriva da mesma raiz de *fas*, o verbo *fari* (*\*for, fari, fatus sum*), com o sentido de *falar, dizer*, em latim, de acordo com Ernout<sup>4</sup>. Mesmo o desfecho da guerra já sendo do conhecimento de todos, como podemos perceber no Livro I, no momento em que Eneias vê as imagens da guerra nas pinturas que cobrem as paredes do templo de Juno, erguido por Dido em Cartago<sup>5</sup>, recordar o acontecido é uma narrativa dolorosa que faz o herói chorar, diante de tantos males já propagados pelo mundo<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo, a narrativa pictórica das paredes do templo é a certeza de que ele e os

---

<sup>4</sup> Cabe pensar em um estudo sobre o *fas* e o *nefas*, na *Eneida*, observando as várias formas e vários sentidos do emprego do verbo *\*for* e seus derivados.

<sup>5</sup> *Eneida*, Livro I, versos 446-493.

<sup>6</sup> *Eneida*, Livro I, versos 459-460 (*Constitit et lacrimans "Quis iam locus" inquit "Achate,/quae regio in terris nostri non plena laboris?"*).

demais Troianos foram imortalizados<sup>7</sup>, assim como Odisseu e os Argivos também o foram na voz de Demódoco. Eneias, portanto, apresenta a guerra sob o ponto de vista do vencido, que tem sua cidade destruída, e se vê impedido de lutar por ela, pois os deuses já determinaram a sua destruição; por isto mesmo, vê-se obrigado a fugir do que restou da destruição, para, por determinação divina, fundar uma nova Troia, em terras cuja localização ele desconhece. Se pudesse, Eneias faria diferente, como podemos constatar, no Livro IV. Acusado por Dido de ingrato e de querer abandoná-la, após tudo que ela fez por ele, Eneias diz estar submetido ao destino e que, se fosse de sua vontade, ele estaria em Troia, honrando os mortos queridos e onde sua mão teria reconstruído uma outra Pérgamo (versos 340-344). Eis outra diferença, em relação a Homero: Eneias não faz voltas no pensamento, com o sentido de enganar Dido ou quem quer que seja. Ele cumpre as determinações dos *Superorum* sem subterfúgios, porque submetido ao destino e aos augúrios.

As diferenças são muitas e não só seria cansativo tentar exauri-las, mas também não é o objetivo deste ensaio. Apresentaremos, contudo, mais algumas, que servirão para confirmar o caráter augural do Livro II. Virgílio, com a narrativa de Eneias, preenche uma lacuna deixada por Homero sobre os detalhes da destruição de Troia. Odisseu pede a Demódoco para cantar o acontecimento, mas nós leitores não lemos o canto do aedo, como lemos o divertido episódio do triângulo amoroso envolvendo Ares, Hefestos e Afrodite (*Odisseia*, Canto VIII, versos 266-367), pois o narrador faz apenas um sumário<sup>8</sup> do que foi a destruição da cidade Priameia (*Odisseia*, Canto VIII, versos 498-520), tendo em vista que o mais importante é centrar a atenção nas lágrimas de Odisseu

---

<sup>7</sup> *Eneida*, Livro I, versos 457 (*iam fama totum uolgata per orbem*) e 463 (*Solue metus; feret haec aliquam tibi fama salutem*).

<sup>8</sup> O sumário apresentado na *Odisseia* é apenas para os leitores e ouvintes. Entenda-se que os circunstantes, presentes ao banquete, ouviram detalhadamente o canto narrativo do aedo. Para nós leitores, o sumário apresentado tem a função de não desviar a nossa atenção do objetivo da *Odisseia*: fazer Odisseu retornar à pátria e promover a retomada do seu lar.

(versos 521-531), lágrimas não necessariamente sinceras, considerando a sua decantada astúcia, o que abrirá espaço para a narrativa dos quatro cantos seguintes, pelo próprio herói<sup>9</sup>. A narrativa de Eneias sobre a derrocada de Troia é, portanto, a mais completa que nos chegou através de um poema épico de qualidade inquestionável.

Por fim, Eneias erra por terra e por mar tanto quanto Odisseu, porém com objetivos diferentes, muito embora, ambos sejam provados. Odisseu, para saber se tem prudência e equilíbrio (σωφροσύνη) suficientes para retomar seu reino; Eneias, para saber se a sua piedade (*pietas*), pela qual foi escolhido, o fará merecedor de ser o fundador de uma nova nação. A Odisseu, a volta ao lar; a Eneias, a fundação de uma nova nação com perspectivas de ser a maior nação da terra, como se pode ver nas visões proféticas ao longo do poema – Livros I, VI e VIII, principalmente.

O forte componente religioso do poema já se faz presente nas revelações oraculares dos Livros II e III, envolvendo o *fas* (o que é permitido aos homens pelos deuses) e o *nefas* (o que não é permitido aos homens pelos deuses). Eneias, herói piedoso, deverá realizar as suas ações estritamente dentro do que é permitido. Por isto mesmo, ele não pode tocar nos Penates com as mãos sujas de sangue da batalha, embora deva levá-los consigo. A solução é o seu pai, Anquises, segurá-los nas mãos, enquanto o herói carrega o velho pai nas costas (versos 717-720). Também o herói não poderá levar consigo a esposa Creúsa, pois os deuses não permitirão que tal aconteça (versos 778-779). As diferenças existentes entre as revelações dos dois livros da *Eneida*

---

<sup>9</sup> A propósito da eloquência astuta de Odisseu/Ulisses, lembremos que um dos episódios marcantes no Livro II da *Eneida* é a fala de Sínon, o grego que se diz desertor e é aprisionado pelos Troianos. O discurso de Sínon astutamente forjado por Ulisses apresenta grande força persuasiva, pois está todo calcado na verossimilhança. Os fatos que ele narra aconteceram, mas não necessariamente da maneira como ele os apresenta aos Troianos. Além de trazer à tona a advertência de Laocoonte – *é assim que Ulisses é conhecido? (Sic notus Ulixes?, verso 44)* –, o discurso de Sínon se realiza como um dos exemplos mais marcantes do que é verossimilhança, um conceito tão caro aos estudos literários, mas, até onde sabemos, nunca tomado como exemplo.

consistem no fato de que, no Livro II as revelações apontam para a necessidade de Eneias deixar Troia entregue ao seu próprio destino, a destruição. Trata-se de uma necessidade imposta pelos deuses, como sabemos. Já no Livro III, as revelações orientam o caminho do herói ao destino imposto pelos deuses. Essas orientações, que se mostram oraculares, aparecem de modo mais completo através da fala de Heleno, o único dos filhos de Príamo a ter sobrevivido à ruína do reino mais importante da Ásia Menor de então.

De que augúrios falamos propriamente, conduzindo Eneias ao seu destino florescente, uma vez vencidas as provações? Heitor aparece em sonhos a Eneias para dar as primeiras indicações do novo destino do herói (versos 287-297). Se Heitor do fundo do peito conduz os gemidos (*gemitus imo de pectore ducens*, verso 288) é para com esse ato conduzir Eneias à fuga ditada pelos deuses, fazendo-o procurar as grandes muralhas que ele deverá erigir (*moenia quaere magna statues*, versos 294-295), metonímia da grande cidade, direcionando Eneias para a glória futura, em troca de sua Troia, que naquele momento ruía. A complementar esta visão profética, temos os augúrios que ocorrem quando Eneias tenta convencer Anquises a ir consigo. Diante da recusa do pai, Eneias resolve combater, sendo impedido pela esposa e pelo prodígio (*mirabile monstrum*, verso 680) da cabeleira de lulo em chamas, sem que ele se queime (versos 681-686. Vide o mesmo no Livro VII, com relação a Lavínia). Tal prodígio leva Anquises a se dirigir a Júpiter, para a confirmação do presságio (*omina*, verso 691). O som tonitroante do trovão e a estrela correndo como uma tocha e marcando uma rota no céu são vistos por Anquises como o augúrio que vem de Júpiter e que determinam sua partida - *Vestrum hoc augurium* (verso 703). O coroamento dos augúrios se dá com a visão da imagem (*simulacrum*, verso 772) de Creúsa, instruindo Eneias sobre os detalhes de seu destino (versos 776-789): passado o longo exílio e depois de

arada a planície do mar<sup>10</sup>, Eneias chegará a uma terra fértil, lavrada pelos homens, onde corre o Tibre. Ali encontrará reino e esposa régia, e posses abundantes (*res laetae*, verso 783).

Os elementos aqui elencados são um exemplo pequeno do que os augúrios e os elementos religiosos, de modo geral, representam no contexto da *Eneida*. Na nossa concepção, cremos que quanto mais fazemos o estudo detalhado de termos e de expressões, mais conseguimos nos aproximar da camada verdadeiramente substancial do poema de Virgílio, procurando novos significados, que nos ajudarão a compreender melhor o porquê de sua permanência na cultura ocidental.

## REFERÊNCIAS

ERNOUT, Alfred e MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4. éd. Paris: Klincksieck, 2001.

HOMÈRE. *Odyssée*; texte établi et traduit par Victor Bérard; introduction d'Eva Cantarella; notes de Silvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2001 (3 vol).

VIRGILE. *Énéide*; texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 2006 (3 vol).

---

<sup>10</sup> Entenda-se: Eneias, para ter direito ao que o augúrio lhe prenuncia, deverá arar o mar, assim como se aram os campos, para que eles possam ser semeados, possam germinar e frutificar. Depois de arado o mar, ultrapassando os obstáculos e as provações, Eneias se realizará como o grande herói fundador de uma nação vitoriosa.

## A tradição homérica de Eneias

*Felipe dos Santos Almeida*

É evidente na *Eneida* o entrelaçamento articulado por Virgílio entre o mítico e o histórico, tendo como base a lenda de Eneias, o mais remoto antepassado dos romanos, e o Império de Augusto. Virgílio, ao se apropriar do mito da fundação das bases de Roma, elabora no personagem central, Eneias, o modelo de índole romana, baseado na tradição, na religião e na virtude. A *Eneida* representa, no âmbito político, o encorajamento oficial de uma onda de orgulho nacional que emergiu em Roma, após anos de guerras civis que culminaram na vitória de Otávio Augusto sobre Marco Antônio. Essa obra representa um produto desse impulso, na qual Virgílio aponta os valores romanos resgatados e situa a atmosfera da era de Augusto. Assim, o caráter de Eneias é desenvolvido para influenciar um momento histórico determinado, o Império de Otávio, e torna-se necessário que Virgílio manifeste um herói já romanizado, preconizando as virtudes que Augusto reinstituiu com o Império. Por isso, no momento do encontro de Anquises e seu filho Eneias nos Infernos, o pai nomeia este herói de *Romane* (Livro VI, verso 851), antecipando o povo que dele se origina e homologando seu caráter latino.

Com efeito, no Livro II, que compõe o grupo de Livros que se refere à narrativa em *flashback*, o episódio da destruição de Troia está situado muito próximo ao episódio dos ritos fúnebres a Heitor que marca o desfecho da *Ilíada*. Dessa forma, a partir do Eneias estabelecido pela tradição homérica, Virgílio transfere o caráter, sobretudo, ao personagem desse Livro II, que partilha o mesmo momento mítico do personagem da *Ilíada*. O ímpeto temerário do herói, saliente na *Ilíada*, sobressai-se nesse momento da *Eneida* emparelhando-se com a piedade evidenciada de Virgílio, repercutindo em Eneias um extremo conflito interior, que nada deixa a desejar aos personagens da Literatura da Modernidade.

Os Livros das Provações divididos por Milton Marques Júnior, no seu ensaio, em dois grupos – narrativas do tempo presente (Livros I e IV) e narrativas do tempo passado (Livros II e III) – constituem um ponto importante para as implicações do discurso narrativo. O Eneias do Livro I e o Eneias do Livro II, dentro da temporalidade narrativa, encontram-se sete anos afastados um do outro. Como consequência disso, esse herói do primeiro Livro já ocupa o papel de rei e patriarca entre os Troianos, pois distante de Troia, ele já passou por inúmeras provações, especialmente a morte do pai, fato que lhe impõe a liderança. Entretanto, no Livro II, introduz-se um novo ato de narração a partir do personagem-narrador, Eneias. Nesse novo cenário, no qual a temporalidade narrativa se estabelece exatamente na noite da destruição de Troia, o herói é apresentado por iniciar as provações que o tornarão chefe dos Troianos sete anos à frente. Não há como estudar a composição desse personagem sem observar o que representam os eventos ocorridos nesses sete anos e nem como atribuir um mesmo *éthos* ao personagem Eneias apresentado na narrativa do tempo presente e àquele apresentado na narrativa do tempo passado. O comportamento do primeiro está elaborado dentro do modelo romano, já o do segundo é praticamente o da tradição homérica. Assim, dentro da *Eneida*, pode-se observar, a partir da lógica de causalidade proposta por Virgílio, o *éthos* do personagem do tempo presente da narrativa como uma consequência do personagem do *flashback*.

A grande base de Virgílio para conceber o caráter guerreiro e temerário de Eneias está na *Ilíada*, sobretudo nos Cantos V e XX, de onde podemos retirar passagens representativas. Observa-se na *Ilíada* uma temeridade quase imprudente conferida às ações de Eneias que nos evidenciam exatamente o seu caráter. Essa capacidade de enfrentar o perigo sem nunca recuar, não ceder aos assaltos, manter-se com firmeza nos combates baliza as noções conferidas a ἀλκῆ (BENVENISTE, 1995, 73). O sentido que compõe esse vocábulo grego constitui um dos atributos tanto dos heróis, quanto dos deuses. Dois momentos da *Ilíada*

são basilares na constatação dessa temeridade de Eneias: um em seu confronto com Diomedes (Canto V) e o outro com Aquiles (Canto XX). O Canto V da *Ilíada* narra os grandes feitos guerreiros do Grego Diomedes. Nesse momento, o herói avança causando várias baixas aos Troianos, e entre estes, a Pândaro, que é então atingido a ponto de desfalecer no chão, tornando-se alvo fácil ao despojo de suas armas pelos inimigos. Contudo, Eneias põe-se a proteger o corpo do companheiro, mesmo que isso custe sua vida (Canto V, versos 289-302). É isso que sugere o narrador, se após o golpe de Diomedes a Eneias, Afrodite não o tivesse salvado (Canto V, versos 311-313).

No Canto XX, Eneias novamente observa uma carnificina, agora gerada por Aquiles, sendo impelido pelas palavras de Apolo, em feições de Lícaon, a lutar com o Pelida (Canto XX, versos 79-109). Assim, Eneias, encontrando Aquiles, em resposta às provocações do Argivo, revela-lhe que palavras não podem amedrontá-lo (Canto XX, versos 251-258). Certamente, em ocorrendo o confronto, Eneias teria morrido, novamente sugere o narrador (Canto XX, versos 289-293), se Posídon não o tivesse dali retirado (Canto XX, versos 318-329). No Livro II da *Eneida*, esse caráter guerreiro e temerário de Eneias constituinte da tradição homérica entra em confronto com a piedade virgiliana apresentada no Livro I e que ainda será desenvolvida nos livros subsequentes. Assim, se vários augúrios impelem o herói a partir de Troia, a possibilidade da glória eterna conferida pela bela morte o impulsiona a permanecer na cidade.

A abundante presença de augúrios nesse Livro II exprime bem aquilo que percorre toda essa obra de Virgílio. Ao se aprofundar a leitura da *Eneida*, observa-se que o augúrio é responsável por conduzir as ações que movem a trama de seu início ao seu desfecho. Dentro do desenvolver dessa trama, salienta-se o papel central do personagem Eneias, que será o condutor da ação principal, a fundação das bases de Roma. Como sabemos, é atribuída a Eneias uma piedade insigne, uma devoção e obediência singulares, que propriamente justificam essa

escolha dos deuses para promovê-lo como agente dessa iniciativa de fundação da nova cidade. É exatamente por essa obediência aos deuses, que Eneias vai seguir os comandos divinos, objetivando cumprir o seu destino assinalado e entrelaçado ao da nova Troia. Nesse ponto, encontramos a função dos augúrios, visto que a vontade dos deuses é expressa ao herói Troiano não só pela própria presença física dos deuses, mas especialmente pelos seus presságios, muitas vezes enigmáticos. O augúrio exerce seu papel, ou seja, a condução da trama, à medida que Eneias pratica sua piedade. Augúrio e ação estão presos um ao outro na *Eneida* em função dessa expressão da religiosidade romana, a *pietas*.

A partir da história narrada na *Eneida* se depreende o próprio mito de Roma, mas tal associação se estabelece também com outras nações. Da trama que se desenrola, fazem-se emergir outras histórias que, a princípio, pareciam secundárias e escondidas, mas que também encontram seu desfecho. Estas constituem a elaboração mítico-poética de Virgílio a outros povos que de alguma forma participaram da história que tornou Roma uma cidade soberana. Assim é a história que se desdobra de Dido em relação aos Cartagineses, a do rei Latino em relação aos nativos do Lácio, e a dos Árcades e Rútulos, que salientam a presença do mito grego nas terras da Itália. Também nessas histórias, o augúrio exercerá um papel importante. Na história dos Latinos, o augúrio que conduz a ação é o fogo que se apodera do cabelo de Lavínia (Livro VII, versos 71-78), instigando os nativos do Lácio a receberem bem os estrangeiros. Na dos Rútulos, o augúrio é a própria presença de Alecto nos sonhos de Turno (Livro VII, versos 411-456), conduzindo-o a lutar contra os Troianos recém-chegados. Na história dos Árcades, o augúrio é a aparição de um parente e amigo, Eneias, durante os sacrifícios solenes a Hércules, tendo isso comprovado pela genealogia compartilhada por ambas as raças e pelos presentes dados por Anquises ao rei Evandro no passado (Livro VIII, versos 101-174). Dessa forma,

constata-se que o papel do augúrio em conduzir a trama não se reduz apenas ao núcleo dos Troianos, representado por Eneias.

Certamente, essas tramas aparentemente secundárias também se interligam com a principal por impulso dos augúrios muitas vezes externos ao campo de ação de Eneias, revelados aos leitores através de uma focalização onisciente do poeta-narrador. Entretanto, é sobre o herói Troiano que se concentram os sinais divinos que movem a trama, e é sobre o Livro II, que se concentram os augúrios da *Eneida*. Com efeito, essa obediência de Eneias aos deuses entra em conflito com o ímpeto guerreiro homérico evidenciado nesse Livro II, repleto de presságios e ordens divinas. E não por menos, são cinco os augúrios necessários para o herói se conscientizar de que seu destino está além da ruína iminente de Troia e que a busca por uma nova fundação da cidade em terras ocidentais é inexorável. Os cinco augúrios se manifestam diretamente para Eneias através de um sonho com Heitor, do discurso de Panto, da advertência de Vênus, dos presságios de Júpiter e do simulacro de Creúsa. É sob esses prenúncios divinos que se constata a grande inquietação do herói diante daquilo que ele deseja e daquilo que designam os deuses. Verifica-se uma aflição inerentemente humana atribuída ao herói, no qual, ora pesa a obediência aos deuses, que o incitam a partir, ora se pesam as suas emoções, diante da destruição de Troia, que deixam aflorar seu ímpeto guerreiro e o desejo de morrer junto à cidade.

Com efeito, os augúrios que se apresentam a Eneias guardam em si uma unidade, um fio condutor que os atravessa aprofundando aos poucos seu significado e revelando a destruição de Troia e o destino do herói Troiano. Alguns elementos dos augúrios se repetem reforçando-os e estendendo seu sentido. Entre esses elementos estão declarações diretas da destruição de Troia por autoridades, a tomada das muralhas da cidade, a anuência de Júpiter perante os eventos estabelecidos pelo destino e o caráter religioso da família.

A visão profética de Heitor nos sonhos de Eneias (Livro II, versos 268-297) compõe o primeiro dos augúrios que anunciam a destruição de Troia e o destino de Eneias. Heitor em suas palavras anuncia explicitamente a ruína da cidade – *ruit alto a culmine Troia* – e confirma seu discurso indicando a tomada das muralhas da cidade pelos gregos – *Hostis habet muros*. Uma vez que as muralhas representam espaços sagrados protegidos pelos deuses, a invasão grega só se dá por intermédio de um favorecimento divino. Não só é através das muralhas que Troia rui, mas é por meio delas que uma nova cidade deve ser erigida. É assim que Heitor também anuncia a missão de Eneias, designando-o a procurar novas muralhas para a cidade – *moenia quaere magna* – onde se possa estabelecer o fogo da cidade e a poderosa Vesta, deusa que o mantém sempre aceso.

Diante desses desígnios, Eneias acorda e, ao percorrer a cidade, ele encontra Panto, sacerdote de Apolo, que procura partir da Troia. A própria imagem do sacerdote é augural, pois ele foge com seus deuses domésticos e com seu neto, simbolicamente o que deveria fazer Eneias (Livro II, versos 318-321). Panto também prenuncia o fim de Troia em suas palavras – *fuimus Troes, fuit Ilium* –, apontando que tal desígnio se dá pela vontade de Júpiter – *ferus omnia Iuppiter Argos transtulit* (Livro II, versos 322-338). Sua posição sacerdotal lhe confere a manteia e o discurso profético, elementos que reforçam o discurso de Heitor e deveriam impulsionar Eneias a partir. Entretanto, a visão da guerra, o bramido dos combatentes e o ruído das armas o impelem às chamas que tomam a cidade e o impulsiona às armas.

O terceiro augúrio presenciado por Eneias durante a invasão grega a Troia se refere à advertência de Vênus. Esta se apresenta ao herói e com palavras o impele a procurar seu pai, esposa e filho para, junto com eles ir-se, complementando, assim, o destino apresentado por Heitor. Nas suas palavras, a divina mãe revela que a família do patriarca Anquises já teria sucumbido às espadas ou às chamas se não fosse sua proteção. Para convencer o herói temerário de que lutar é

inútil, ela lhe revela que a destruição de Troia se dá por vontade divina. Assim, corrobora os discursos de Heitor e Panto, cujas palavras apontam sempre a tomada das muralhas como uma própria manifestação da vontade divina, pois Eneias consegue observar o próprio Netuno, construtor das muralhas de Troia, destruir tais fronteiras e as fundações da cidade com grande tridente – *Neptunus muros magnoque emota tridenti fundamenta quatit* (Livro II, versos 610-611); Juno, a frente de todos, exortar os gregos pelas Portas Escaias; e Palas, triunfante, estabelecer-se no alto das cidadelas. Assim, prometendo proteção, Vênus com suas palavras conduz Eneias a procurar a casa do pai.

O penúltimo augúrio do Livro II da *Eneida* se manifesta através de uma sequência de sinais auspiciosos que direcionam Eneias a buscar seu destino. Anquises, indicado no verso 287 como patriarca - *pater Anchises* -, vai presidir todo este momento ritualístico do augúrio distinguindo os presságios divinos, suplicando e pedindo confirmações, até que, por fim, reconhece através de uma sucessão de sinais a vontade divina que o impele a desistir do anseio de morrer junto com a cidade. Assim, ele decide viajar acompanhando seu filho. É fundamental apontar que Virgílio não descreve apenas um sinal divino em manifestação, pois com essa passagem é reconstituído o ritual arcaico da manteia que acompanha os augúrios. O augúrio, então, torna-se todo o processo que contém tanto os sinais quanto as fases de sua interpretação. Com o augúrio presente no ambiente doméstico, o autor contrapõe o conhecimento portado pelo membro que exerce uma função sacerdotal ao presidir o culto familiar, o patriarca da família, aos outros constituintes do corpo familiar.

O simulacro de Creúsa configura o último augúrio a se manifestar a Eneias, nesse Livro II. Iniciado por Heitor, o destino revelado a Eneias se completa e se detalha pelas palavras de Creúsa. Em sonhos, o herói Troiano recebeu a incumbência de partir de Troia e, após atravessar os mares, o dever de construir novas muralhas aos Penates Troianos. Entretanto, o lugar onde essa edificação se realizaria estava incógnito.

Os dizeres de Creúsa indicam não só o lugar onde se estabelecer, mas a sombra de sua mulher anuncia também uma esposa real. As terras a serem procuradas são as da Hespéria, que representam as terras ocidentais, tomadas genericamente pelo Lácio. Este fato tarda a chegada de Eneias à Itália, pois desconhecedor do exato lugar onde erigirá a cidade, o herói, no seu percurso até chegar ao Lácio, terá construído cidades na Trácia, em Creta, e ajudará a construir a própria Cartago, cidade da rainha Dido, que o recebeu como hóspede.

Nesses últimos três augúrios, a piedade, através de um de seus aspectos, o respeito e a hierarquia familiar, torna-se saliente, contendo aos poucos a temeridade de Eneias. No augúrio de Vênus, Eneias se vê duplamente motivado a procurar a família, em primeiro lugar, pelo discurso oriundo de uma deusa e, em segundo, pelo fato de que ela é sua mãe. No seu discurso, ela própria se define como mãe e induz o filho a não lhe desobedecer. Porém, é também sob esse respeito à família, que Eneias, então, ao encontrar o pai, decide armar-se novamente para a guerra, pois Anquises, o patriarca da família, decidira não partir de Troia. O herói Troiano, sabendo que deveria partir, escolhe ficar, pois, atado às obrigações da família, não pode deixar seu pai morrer abandonado e possivelmente sem funerais adequados. O augúrio do simulacro de Creúsa liberta Eneias das obrigações de esposo, deixando-lhe o único dever de cuidar do filho comum, símbolo do caráter fértil do casal.

Durante a destruição de Troia encontram-se os primeiros augúrios e o início das provações de Eneias. Para o herói, um dos pontos mais dolorosos dessas provações está concentrado no Livro II, no momento em que Troia rui, pois Eneias, ansiando a bela morte, guardando viva na memória a imagem do Heitor, campeão dos Troianos, é assinalado pelos deuses a deixar a sua pátria. Confuso, tomado pelo seu impulso guerreiro, o herói não é meramente conduzido pelos augúrios que se mostram diante dele, mas por meio da sua insigne piedade, o herói, lamentando e sofrendo, é praticamente arrastado por uma série de

sinais divinos que confirmam a destruição de Troia e o seu próprio destino. Essa elaboração mostra a grande habilidade de Virgílio em evidenciar na *Eneida* essa passagem do herói da tradição homérica, na qual o próprio autor se baseia, para um novo paradigma, um Eneias baseado na tradição, religião e virtude Romanas. O Livro II representa exatamente o ponto intermediário desses dois modelos de Eneias, o momento em que Virgílio expõe, mítica e poeticamente, o começo e desenvolvimento do modelo da índole Romana.

## Estrutura do Livro II da *Eneida* – A Destruição de Troia

O Livro II da *Eneida* trata da destruição de Troia, sendo o início da narrativa de Eneias, que tem como sequência sua viagem por mar e por terra (Livro III) para chegar ao seu destino, o Lácio. Com uma conotação augural muito forte, o Livro II apresenta em sua estrutura o componente mais estritamente religioso do *fas* e do *nefas*, a saber, o que é permitido e o que não é permitido pelos deuses aos homens. É nesse Livro II que se encontra, em síntese, o cerne da *Eneida*, pois Eneias saberá o seu destino, *fatum*, termo que decorre da mesma raiz de *fas* e *nefas*, o verbo *\*for*.<sup>11</sup>

Para a contextualização do Livro II, faz-se necessário um retorno ao Livro I – *A Chegada de Eneias à Líbia*. Eneias se encontra no Norte da África, na Líbia de então (a Tunísia, na geografia atual), local onde a rainha fenícia Dido está construindo uma cidade, Cartago. O herói chega àquela região depois de perseguido por Juno. Tendo saído de Drépano na Sicília, onde lhe morreu o pai Anquises, Eneias deveria se encaminhar para a Península Itálica, local em que, depois de consultar a Sibila em Cumas e descer aos infernos para entrevistar-se com o pai, ele seguiria sua viagem até o Lácio, para a construção das bases da nova Troia. Perseguido pela fúria de Juno, os navios troianos são atingidos pela tempestade desencadeada por Éolo, a pedido da rainha das deusas. É necessária a intervenção de Netuno, expulsando os ventos do seu domínio, para que Eneias chegue, em segurança, à costa africana. Em lá chegando, Eneias encontra-se com Dido, que o acolhe, oferece um banquete em sua homenagem, cumprindo os ritos da hospedagem, e

---

<sup>11</sup> Um dos sentidos de *\*for* é *predizer*, como se pode ver na própria *Eneida*, Livro I, v. 261-262, momento em que Júpiter prediz para Vênus, a título de ratificar suas decisões, o destino de Eneias e dos seus descendentes: *fabor enim, quando haec te cura remordet,/longius, et uolens fatorum arcana mouebo – Com efeito predirei, visto que esta inquietação te remói, e desenrolando, mais longamente, manifestarei os segredos dos destinos*.

pede ao herói que narre a sua história. Em suma, é isto o que ocorre no Livro I. É assim que vamos conhecer a queda de Troia com detalhes – o que não se encontra em Homero – e a viagem dificultosa de Eneias, impelido pelos fados. A narrativa de Eneias sobre a derrocada de Troia é, portanto, a mais completa que nos chegou através de um poema épico de qualidade inquestionável. Vamos a uma sinopse do Livro II da *Eneida*.

O Livro II inicia com Eneias atendendo ao pedido da rainha Dido, para narrar a sua história. A narrativa de terceira pessoa, predominante no poema, ainda comanda os dois primeiros versos do Livro II, mas o narrador heterodiegético só retomará as rédeas de sua narrativa nos versos 716 a 718 do Livro III, para fechar o relato do herói Troiano. Eneias, narrador autodiegético de dois episódios – Livros II e III – contará a história das grandes dificuldades por que foi obrigado a passar, começando por desenvolver, do verso 3 ao 804, o argumento do Livro II – *A Destruição de Troia* –, de que se destacam os seguintes tópicos:

**Introdução** (Versos 3-12): Eneias diz da dor que será narrar as atribulações por ele vistas. Anuncia que a noite aconselha a dormir, mas que fará o relato se for o desejo de Dido.

**O cavalo de madeira** (Versos 13-39): Os Dânaos constroem um cavalo e fingem ser um objeto votivo à deusa Palas Atena, garantia do seu retorno à pátria. Na realidade, o ventre da estátua guarda uma elite de guerreiros Argivos, armados, enquanto os demais Dânaos, escondidos na ilha de Tênedos, fingiram ter voltado para sua pátria. Os Teucros se alegram e, acreditando na partida do inimigo, abrem suas portas e visitam os campos abandonados. O cavalo causa admiração e controvérsias: Timoetes quer introduzi-lo na cidadela; Cápis, acreditando ser uma armadilha, quer jogá-lo ao mar ou queimá-lo ou, ainda, furar seus flancos, explorando o que se encontra dentro do cavalo.

**Advertência de Laocoonte** (Versos 40-57): Furioso, o sacerdote Laocoonte adverte contra o perigo do cavalo, lembrando a astúcia de Ulisses, temendo qualquer presente dos Dânaos. Laocoonte fere o ventre do cavalo com uma lança arremessada, mas sua advertência é ignorada por todos.

**Prisão de Sínon** (Versos 58-75): Preso por pastores Troianos, o Dânao Sínon é levado à presença do rei. Eneias antecipa a Dido a disposição de Sínon tanto para a traição, convencendo os Troianos de sua dissidência, em relação aos seus companheiros Argivos, e assim abrir as portas de Troia para os Aqueus, quanto para a morte, em caso de seu dolo ser descoberto. Sínon mostra-se desesperado, sem terra ou água que o abrigue; já não tem lugar entre os Dânaos e os Troianos reclamam seu sangue. Os Troianos incitam Sínon a falar, o que dá margem para que ele desenvolva com verossimilhança a farsa montada pelos Dânaos.

**Primeira narrativa de Sínon** (Versos 76-104): Sínon diz-se de descendência Argólica, declara-se desventurado, mas não mentiroso. Estava na guerra como companheiro de Palamedes, injustamente acusado de traição por Ulisses e morto. Tendo-se disposto a vingar o amigo, Sínon sofre a perseguição de Ulisses. Após despertar a curiosidade de todos, Sínon interrompe a narrativa, mostrando-se vítima e incitando os Troianos a matá-lo, fato desejado por Ulisses e que seria bem pago pelos Atridas.

**Segunda narrativa de Sínon** (Versos 108-144): Sínon diz dos planos de fuga dos Dânaos sempre frustrados pelo mau tempo. Os Dânaos haviam enviado Eurípilo ao oráculo de Apolo, para saber a causa do mau tempo, e conhecem que o deus exige uma vítima, do mesmo modo que para ir a Troia eles tiveram que, anteriormente, em Áulis, sacrificar uma. Ulisses exige de Calcas o nome da vítima. Dez dias depois, o adivinho, de comum acordo com Ulisses, indica Sínon. Preparado para o sacrifício, Sínon foge, sendo capturado pelos Troianos. Ao término da sua narrativa, Sínon diz-se sem esperança de rever a pátria, os filhos ou o

pai, e teme que os Dânaos os façam pagar em seu lugar. Mostrando-se uma vítima, Sínon pede pelos deuses do alto, pelas potências divinas, que sabem a verdade, e pela confiança não corrompida dos mortais, que os Troianos tenham pena dele.

**Príamo dá liberdade a Sínon** (Versos 145-153): Tocados pelo relato de Sínon, os Troianos concedem-lhe a misericórdia. Príamo manda libertar suas mãos e, considerando-o um dos seus, o inquire a respeito do cavalo.

**Terceira narrativa de Sínon** (Versos 154-198): Sínon agradece aos deuses do alto, tomando-os como testemunha, bem como aos fogos eternos de inviolável potência. Ele também toma como testemunha os altares, o gládio, as fitas dos deuses que o levariam ao sacrifício de que ele fugiu. Continuando com a sua farsa, Sínon diz que, traído pelos Gregos, as leis divinas o autorizam a romper os compromissos sagrados com os antigos companheiros. Libertado do compromisso com a pátria, Sínon pede a fidelidade de Troia em troca dos segredos que vai revelar. Os Dânaos confiavam em Palas Atena, porém, quando Ulisses e Diomedes roubaram a sua sagrada efígie, o Paládio, e a conspurcaram com as mãos sujas, toda a esperança deles foi-se por terra. Diante da fúria da deusa, Calcas diz que os Dânaos partam e busquem em suas terras os auspícios dos deuses, do mesmo modo que eles o tiveram quando foram para Troia. Os Dânaos partem, então, a Micenas, apenas para preparar as armas e sob a vontade divina realizar nova investida sobre Troia. Para expiar o sacrilégio cometido contra a deusa, os Dânaos construíram o cavalo, que deveria substituir o Paládio. Construído com grande porte, o cavalo não deveria ser levado para dentro das muralhas, o que beneficiaria os Troianos. Também não poderia ser ultrajado, o que traria desgraça a quem o fizesse. Sínon revela ainda que se os Troianos conseguissem colocar o cavalo dentro das muralhas, os Dânaos é que sofreriam o cerco dos Troianos dentro de seus próprios domínios. Intervindo, Eneias fala da arte da insídia de Sínon, ruinosa para os

Troianos, que haviam resistido tanto tempo à força de Diomedes e de Aquiles.

**Morte de Laocoonte e seus filhos** (Versos 199-227): Enquanto o sacerdote Laocoonte realiza um sacrifício na praia, os Troianos veem, com horror, duas serpentes surgirem de Tênedos para sufocar e devorar os filhos do sacerdote e, em seguida, o próprio Laocoonte. Após a morte do sacerdote e de seus dois filhos, as serpentes se retiram, para as alturas, em busca dos templos, e se escondem aos pés da deusa Palas e de seu escudo.

**O cavalo é levado para dentro das muralhas** (Versos 228-249): Diante da morte de Laocoonte e seus filhos, os Troianos acreditam no que diz Sínon. O sacerdote foi punido por haver ofendido a deusa Palas, ferindo o cavalo com uma lança. Parte da muralha é quebrada para o cavalo entrar em Troia. Jovens cantam hinos sagrados, enquanto o cavalo é puxado para dentro das muralhas. Os Troianos, cegados pela loucura, introduzem o monstro na cidadela sagrada, sem ouvir as previsões de Cassandra.

**Os Argivos invadem Troia** (Versos 250-267): Aproveitando a escuridão da noite e o fato de que a cidade dorme, sepultada pelo vinho, Sínon abre a barriga do cavalo e libera os guerreiros Dânaos de dentro dele: Tessandros, Esténelos, Ulisses, Acamas, Thoas, Neoptólemos, Macáon, Menelau e Epeios. Os outros guerreiros, que se encontravam escondidos em Tênedos, chegam com seus navios ao litoral e, com as portas de Troia abertas, eles invadem a cidade.

**Advertência do espírito de Heitor a Eneas** (Versos 268-297): Em sonhos, Eneas crê ver o espírito de Heitor. O filho de Príamo lhe aparece do modo como fora ultrajado por Aquiles, sujo, ensanguentado e ferido, não como o Heitor vitorioso vestido dos despojos de Aquiles ou o que comanda o incêndio às naus dos Dânaos. Chorando Eneas lhe dirige várias perguntas, mas Heitor as ignora e lhe diz para fugir: o inimigo conquistou as muralhas de Troia, Troia desaba de sua altura e não pode ser defendida por braços mortais. Troia confia a Eneas seus

Penates e seus objetos de culto. Eneias deve fugir e, seguindo seu destino, procurar as grandes muralhas, que erguerá, após haver corrido os mares. Heitor confia a Eneias a deusa Vesta, suas fitas e seu fogo eterno, trazidos do fundo do santuário da deusa.

**Despertar de Eneias** (Versos 298-317): Eneias desperta do sono com os Dânaos dentro de Troia. Gritos por todos os lados, os palácios de Deífobo e Ucalegão ardendo em chamas, a traição dos Dânaos está descoberta. Eneias pega as armas para defender a cidadela, num arroubo heróico de morrer pelas armas.

**Revelação de Pantos** (Versos 318-346): Eneias encontra Pantos, sacerdote de Apolo, que lhe diz do ataque dos Aqueus, da traição de Sínon e da destruição de Troia pela vontade de Júpiter. Saídos do cavalo, os Dânaos tomaram a cidade. Diante de tais revelações, Eneias se lança no meio do combate com os companheiros, na tentativa vã de defender a sua pátria.

**Eneias exorta os companheiros à luta** (Versos 347-369): Sabendo tratar-se de uma luta vã, Eneias anima os companheiros a lutar e a nada esperar do combate, pois a única salvação dos vencidos é não esperar nenhuma salvação. Troia desaba, um império termina; por toda a parte, encontram-se o pavor e a imagem abundante da morte.

**Confusão de Androgeu, ânimo de Corebo** (Versos 370-401): Androgeu confunde os Troianos com os Dânaos, ao perceber o erro, tenta fugir, mas sua tropa é massacrada por Eneias e os companheiros. Animado com o triunfo sobre Androgeu, Corebo incita os companheiros a tomarem as armas dos Dânaos, de modo a enganá-los, conseguindo, assim, matar e fazer correr vários inimigos.

**Tentativa de salvação de Cassandra** (Versos 402-452): Cassandra é puxada pelos cabelos pelas mãos inimigas de dentro do santuário de Minerva. Os Troianos tentam salvá-la. Trava-se uma luta sangrenta, em que tanto Eneias e seus companheiros são combatidos pelos Troianos, enganados pelos trajes que eles usam, quanto pelos Dânaos, dentre eles Ajax e os dois Atridas, que os reconhecem pela fala. Muitos Troianos

morrem. Eneias tenta socorrer o palácio de Príamo, assediado pelos Gregos.

**Eneias no palácio de Príamo** (Versos 453-485): Eneias tenta conter o avanço dos Dânaos ao palácio de Príamo, mas não consegue. A investida ao recinto é comandada por Pirro e pela juventude de Sciros, que conseguem abrir uma brecha nos muros para invadir a morada de Príamo.

**Dor e sofrimento no interior do palácio de Príamo** (Versos 486-505): Diante do ímpeto de Pirro, furioso, tendo a força do pai Aquiles e acompanhado dos dois Atridas, o que Eneias vê é dor e sofrimento: Hécuba acompanhada de suas noras, ao pé dos altares profanados de sangue; as câmaras nupciais destruídas; os Dânaos ocupando os espaços deixados pelo fogo.

**Eneias testemunha a morte de Polites e a de Príamo** (Versos 506-558): O velho rei Príamo, vendo sua cidade tomada pelos Dânaos, resolve envergar a armadura há muito não usada. Hécuba o faz desistir da idéia de lutar, chamando-o para ficar ao abrigo do altar, junto com suas filhas. Príamo, no entanto, vê Pirro matar-lhe o filho Polites, e, indignado, tenta acertá-lo com um tiro fraco de lança, recriminando em Pirro o que ele, Príamo, não viu no próprio Aquiles. Pirro Neoptólemo volta-se contra Príamo, desdenhando do velho rei, e o mata, diante do altar doméstico. Príamo, antigo dominador da Ásia, jaz, cabeça sem tronco, cadáver sem nome.

**Terror e ódio de Eneias, ao presenciar a morte de Príamo** (Versos 559-587): Lembrando-se do pai, da esposa e do pequeno filho, Eneias sente-se envolvido pelo horror, ao presenciar a morte de Príamo. Sozinho, pois o desespero levou seus companheiros, Eneias descobre Helena, que procura se esconder no templo de Vesta, e o ódio lhe toma o espírito. O herói pensa em matá-la, mesmo que isto não lhe traga nenhuma glória, pelo menos, ele teria vingado a morte de Príamo, a destruição de Troia e livrado o mundo de uma abominação. Se não

matá-la, ela voltará a Esparta com o marido, para viver no fausto, e Eneias não vingará a cinza dos seus.

**Vênus aparece a Eneias** (Versos 588-633): A deusa Vênus aparece ao herói e o impede de matar Helena, aconselhando-o a cuidar de sua própria família. Descortinando a nuvem que não deixa Eneias ver o que se passa, ela lhe mostra que a queda de Troia é uma decisão dos deuses: Netuno abala a fundação das muralhas; Juno, nas Portas Escaias, armada com espada, chama as tropas dos Dânaos; no alto da cidadela encontra-se Palas com a Górgona, e Júpiter anima o ardor viril dos Dânaos. Conduzido pela mãe, Eneias avança por entre as ruínas de Troia, com as setas cedendo-lhe o lugar e as chamas se retirando à sua passagem.

**Resistência de Anquises em partir** (Versos 634-670): Eneias chega à casa de seu pai, Anquises, e o velho rei se recusa a partir, negando-se a sobreviver à ruína de Troia e ir para o exílio. Diante da resistência do pai, Eneias resolve ficar e dar novo combate aos Dânaos, pois não vai fugir e deixar o pai morrer, mesmo que sua fuga seja por uma determinação dos deuses. Eneias teme que Pirro faça com ele o mesmo que fez com Príamo, matando o filho diante do pai e matando o pai no altar. Temendo por sua casa, por sua mulher e seu filho, Eneias dispõe-se a nova luta contra o inimigo.

**Prodígio em lulo** (Versos 671-691): Eneias empunha novamente a espada, mas é impedido por Creúsa de se entregar ao combate. Sua esposa lhe diz para defender, em primeiro lugar, sua própria casa. Enquanto Creúsa suplicava a Eneias não voltar a combater, mas defendê-los, um prodígio se passa: a cabeleira de lulo começa a pegar fogo, sem queimar, no entanto, o menino. Eneias se apressa a apagar a chama e Anquises, vendo ali um prodígio, pede a Júpiter a confirmação do presságio.

**Confirmação do presságio** (Versos 692-704): Júpiter confirma o presságio a Anquises, fazendo ouvir o trovão e aparecer uma estrela brilhante que marca o caminho para Eneias e os seus. Diante do

prodígio, Anquises resolve acompanhar Eneias, pois sabe que Troia ainda existe na vontade dos deuses.

**Eneias decide partir** (Versos 705-729): Eneias parte, levando nas costas o velho pai, com Creúsa e Iulo o seguindo de perto. O herói marca com os companheiros, como ponto de encontro, um antigo cipreste ao lado de um templo de Ceres, isolado de tudo. Como Eneias está com as mãos sujas do combate, Anquises leva consigo os Penates de Troia. Impuro, o herói para portar os Penates deveria, antes, purificar-se em água corrente.

**Perda de Creúsa** (Versos 730-751): Com a proximidade dos inimigos, Eneias apressa o passo e perde Creúsa de vista. Todos se reúnem no local indicado, mas Creúsa não se encontra. Eneias acusa os homens e os deuses, em seu desespero, e empunhando novamente as armas, depois de deixar todos em segurança, decide voltar à cidade para encontrar a esposa.

**Eneias busca Creúsa** (Versos 752-767): Tentando encontrar Creúsa, Eneias volta a sua casa, para vê-la em chamas; o herói percebe também que a cidade foi pilhada e o butim está sendo guardado por Ulisses e Fênix; ele vê, ainda, a longa fila de crianças e mulheres pávidas com a destruição.

**A imagem de Creúsa aparece a Eneias** (Versos 768-795): Ousando chamar por Creúsa, Eneias vê aparecer-lhe a imagem da mulher, que o aconselha a esquecê-la, pois os deuses a impedem de ir com ele e outro destino o aguarda: um longo exílio pelo mar, depois do que o herói chegará à Hespéria, terra do opulento Tibre, onde lhe estão reservados um reino, uma fortuna próspera e uma esposa real. Eneias deve ficar descansado, pois Creúsa não irá ser escrava dos Gregos: Cibele, a mãe dos deuses, a retém naquelas paragens. Eneias tenta abraçá-la, três vezes, e a imagem, três vezes escapa de suas mãos. O herói retorna aos companheiros.

**Eneias segue para o exílio** (Versos 796-804): Eneias se surpreende com o número de pessoas que vão partir com ele – mães, homens, uma

multidão digna de piedade, que seguirá com ele ao exílio. Pela manhã, com os Dânaos fechando as portas da cidade, o herói, sem muita esperança, segue para as montanhas, com o pai nas costas.

## **Dicionário da *Eneida*, de Virgílio**

**Livro II: *Narrativa de Eneas – A Destruição de Troia (804 Versos)***

# A

---

**Acamas** (*Acamas*, v. 262): Herói Grego que se encontrava dentro do cavalo de madeira levado para Troia.

**Acaicos** (*Achaica*, v. 462): Relativo aos Aqueus. O termo se refere aos acampamentos Aqueus (*Achaica castra*).

**Ajax** (*Aiax*, v. 414): O texto se refere ao aprisionamento de Cassandra pelos Gregos e à retomada da sacerdotisa por Corebo e pelos companheiros de Eneias. Os Gregos ficam enfurecidos e atacam o esquadrão Troiano. Dentre os Dânaos está o feroz Ajax (*acerrimus Aiax*, verso 414). Poderia haver dúvidas sobre o Ajax a que o texto se refere, se se trata do Telamonida ou do Oilida. Como Eneias está narrando a destruição de Troia, não pode haver dúvida: trata-se de Ajax Oilida ou Ajax Menor, pois a este herói imputa-se o crime de violação de Cassandra dentro do templo de Palas Atena ou Minerva. Na *Odisseia* (Canto III, versos 134-135), Nestor se lamenta a Telêmaco, referindo-se aos muitos Argivos que pereceram sob a ira funesta de Palas Atena. Quando Telêmaco chega à Lacedemônia, para saber de Menelau sobre seu pai, Odisseu, o Atrida lhe diz da sua estada no Egito e como soube, depois de aprisionar Proteu, dos fatos que se sucederam à sua saída de Troia. Dentre eles, Menelau sabe que Ajax Oilida, perseguido pela cólera de Palas Atena, é salvo do naufrágio de suas naus, mas pela falta cometida, é morto afogado por Posídon (Canto IV, versos 499-509). É nas *Troianas*, de Eurípides, que vemos a falta cometida por Ajax. Atena resolve punir os Gregos, pois Ajax feriu pela força Cassandra dentro de seu templo (versos 65-75).

**Androgeu** (*Androgeos*, v. 371; *Androgeos*, v. 382; *Androgei*, v. 392): Grego, acompanhado de outros Gregos, que confunde Eneias e os companheiros do herói com seus aliados. Androgeu e sua tropa são mortos por Eneias. Só depois de recriminar a preguiça dos “aliados” e

incitá-los a rapinar as riquezas de Troia, é que Androgeu percebe que caiu no meio de inimigos.

**Andrômaca** (*Andromache*, v. 456): Mulher de Heitor, mãe de Astíanax. No Livro III da *Eneida*, Eneias se encontrará com Andrômaca no Épiro, como esposa de Heleno.

**Anquises** (*Anchisae*, v. 300; *Anchisen*, v. 597; *Anchises*, v. 687; *Anchisen*, v. 747): Anquises é o pai de Eneias. O velho rei se pronuncia entre os versos 638-649, deste Livro II da *Eneida*, demonstrando resistência em ir com Eneias. Ele que já vira e sobrevivera à destruição de Troia por Hércules, recusa-se a sobreviver a mais uma. Anquises sente-se velho e inutilizado desde que foi atingido pelo raio de Júpiter, por ter revelado a sua união com Vênus. Para ele, “*Facilis iactura sepulcri*, verso 646 – *A perda ou sacrifício do sepulcro é fácil*”. Anquises só se decide a ir-se com Eneias, quando ele vê o prodígio do fogo nos cabelos de Ascânio. O velho pai de Eneias pede, então, a Júpiter a confirmação do presságio, no que é de imediato atendido: Júpiter manda o trovão e uma estrela brilhante que percorre o céu por cima da casa de Anquises, mergulhando na floresta do Monte Ida. Entendendo a confirmação do presságio e a proteção dos deuses, Anquises resolve partir com Eneias.

**Apolo** (*Apollo*, v. 121; *Apollinis*, v. 430): Deus da profecia, do arco, da poesia, da música, da inspiração, da peste e da cura. Na *Eneida*, aparece mais frequentemente como deus da profecia e como guia da fundação da nova Troia. A primeira referência a Apolo encontra-se no discurso forjado de Sínon aos Troianos: os Argivos teriam enviado Eurípilo para interrogar o oráculo de Apolo e saber quais as suas decisões. A segunda referência diz respeito ao momento da morte do Troiano Panto, sacerdote do deus.



**Apolo Delfico. Fragmento de estátua em madeira, recoberta de ouro e marfim. Obra Jônica do século VI a. C. (Museu de Delfos).**



**Apolo sobre a trípode, acompanhado de Ártemis e Leto, constituindo a tríade Délica. Relevo votivo do século V a. C. (Museu Nacional de Atenas).**

**Aquiles** (*Achilles*, v. 29; *Achilles*, v. 197; *Achilli*, v. 275; *Achillis*, v. 476; *Achilles*, v. 540): Rei da Tessália, maior herói dos Argivos, liderava os Mirmidões. As referências ao herói são variadas e vão desde a crueldade de Aquiles (*saeuos Achilles*, verso 29), ao Aquiles Larisseu (verso 197), a Heitor vestido com as suas armas, visto em sonho por Eneias (verso 275); a Perifas, o cocheiro do Pelida, até a recriminação de Príamo, comparando Pirro com o pai Aquiles, mas destacando a piedade deste que concordou em devolver o corpo de Heitor, para o pai dar-lhe uma sepultura (verso 540).

**Aquiles Larisseu** (*Larisaeus Achilles*, v. 197): Referência à cidade de que Aquiles é proveniente – Larissa –, na região da Tessália. Vide **Aquiles**.

**Aquivos** (*Achiui*, v. 45; *Achiuis*, v. 60; *Achiuos*, v. 102; *Achiuom*, v. 318): Relativo aos Gregos, aos Aqueus. Nome genérico para designar os Gregos.

**Argiva** (*Argiua*, v. 254; *Argiuom*, v. 393): Referente aos Gregos. Vide **Falange Argiva**.

**Argólica** (*Argolica*, v. 78; *Argolica*, v. 119): Referente aos Gregos. Vide **Raça Argólica**.

**Argólicos** (*Argolicas*, v. 55; *Argolicis*, v. 177): Referentes a Argos, reino do Peloponeso, capital da Argólida, e aos Gregos de modo geral. Vide **Refúgios Argólicos**.

**Argos** (*Argos*, v. 95; *Argis*, v. 178; *Argos*, v. 326): Reino no Nordeste do Peloponeso, sob o comando de Agamêmnon. O termo é comumente tomado como metonímia da Grécia.

**Arte Pelasga** (*arte Pelasga*, v. 152): Refere-se à eloquência Grega usada por Sínon para enganar os Troianos.

**Ascânio** (*Ascanius*, v. 598; *Ascanius*, v. 652; *Ascanium*, v. 666; *Ascanium*, v. 747): Ascânio, também conhecido como Iulo, é filho de Eneias e de Creúsa. A primeira referência diz respeito a uma admoestação de Vênus a Eneias, por querer lutar contra o inelutável, a destruição de Troia, tendo deixado de lado a salvação da família (verso 598). A segunda diz respeito à tentativa de Eneias e seus familiares de persuadir Anquises a partir com eles (verso 652). A terceira alusão mostra Eneias indagando a sua mãe, Vênus, se foi para morrer em sua própria casa pelas mãos de Pirro, como Príamo, que ela o retirou do meio da batalha (verso 666). A última referência ocorre no momento em que Eneias parte em busca de Creúsa, que havia desaparecido, deixando o pai, o filho e os Penates em segurança com os seus companheiros (verso 747). Vide **Iulo**.

**Ásia** (*Asiam*, v. 193; *Asiae*, v. 557): A Ásia. De acordo com as profecias de Calcas, relatadas por Sínon aos Troianos, o cavalo de madeira era um oferenda para Minerva ou Palas, como reparação à ofensa feita à deusa, no momento do roubo do Paládio por Ulisses e Diomedes. Caso o cavalo permanecesse na praia, os Gregos voltariam para acabar com Troia; se os Troianos o levassem para dentro da cidade, seriam eles, os Troianos, designados por metonímia como a Ásia, que levariam a guerra aos Gregos (*ultra Asiam magno Pelopea ad moenia bello/uenturam et nostros ea fata manere nepotes* – verso 193-194).

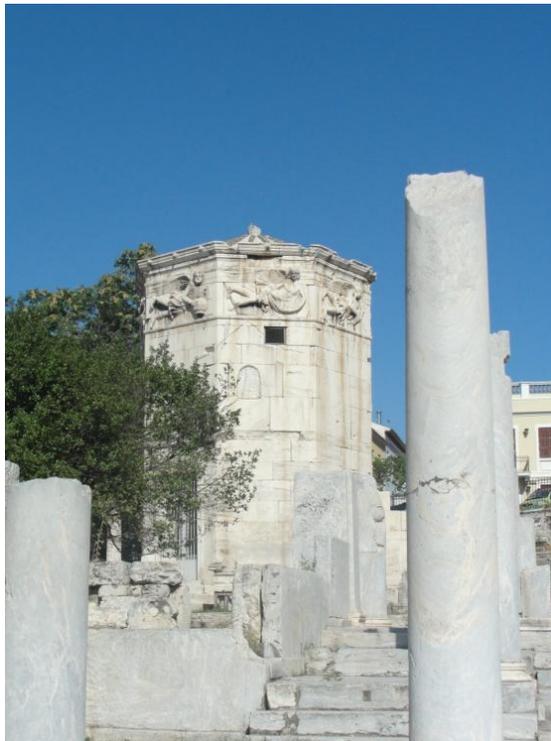
**Astiânax** (*Astyanacta*, v. 457): Filho de Heitor e de Andrômaca. Na tradição de Eurípides (*As Troianas*), uma vez Troia vencida, ele é jogado, ainda criança de colo, do alto das muralhas e morre. Virgílio segue essa tradição, já insinuada em Homero (*Ilíada*, Canto XXII, versos 63-64), no lamento de Príamo, tentando convencer Heitor a não enfrentar Aquiles. Quando Eneias chega ao Épiro (*Eneida*, Livro III), encontra Andrômaca e ela se lembra de Astiânax ao ver Iulo.

**Atridas** (*Atridae*, v. 104; *Atridae*, v. 415; *Atridas*, v. 500): Os filhos de Atreu, Agamêmnon e Menelau, maiores chefes Argivos na guerra de

Tróia. Juntamente com Pirro, os dois irmãos ajudam na tomada do palácio de Príamo.

**Augusta Mãe** (*alma parens*, v. 591; *alma parens*, v. 664): Referência a Vênus, mãe de Eneias. Vide **Vênus**.

**Austro, Austros** (*Auster*, v. 111; *Austris*, v. 304): O Austro é a personificação do vento Sul. Trata-se de vento violento, que traz a chuva e a tormenta. Para Ovídio, nas *Metamorfoses*, o Austro é o vento Sul e chuvoso (Livro I, v. 65-66). É desse modo que os Austros são vistos neste Livro II da *Eneida*, ventos de ásperas tempestades e furiosos (*furentibus Austris*, verso 304). Na Torre dos Ventos, em Atenas, o Austro, que corresponderia ao Notos (Νότος), é representado por um jovem vertendo água de uma ânfora.



**Torre dos Ventos (Ágora Romana, Atenas)**



Personificação de Notos, o Vento Sul, na Torre dos Ventos (Ágora Romana, Atenas).

**Automedonte** (*Automedon*, v. 477): Escudeiro de Aquiles e condutor do seu carro de guerra. Depois da morte do herói, Automedonte se encontra ao lado de Pirro, filho do Pelida, ajudando na tomada de Troia.

# B

---

**Belida** (*Belidae*, v. 82): Descendente de Belo, filho de Posídon e de Líbia. Líbia, por sua vez é filha de Epafo, filho de Zeus e de Io. Os ancestrais de Belo e de seu irmão Agenor são os povos da África do Norte e da antiga Fenícia. Seus descendentes é que irão formar parte do povo Grego. De Agenor virá Cadmo, futuro fundador de Tebas e o introdutor do alfabeto, que os Gregos tomarão emprestado aos Fenícios. De Belo, virão Dânaos e Egípto, cujas filhas e cujos filhos, respectivamente, casarão entre si. Daí, restarão apenas Hipermnestra, a única das Danaides que não mata o marido-primo na noite de núpcias, e Linceu, o único marido-primo sobrevivente, de quem serão provenientes os povos Argivos.

# C

---

**Calcas** (*Calchante*, v. 100; *Calchanta*, v. 122; *Calchas*, v. 176; *Calchas*, v. 182; *Calchas*, v. 185): Sacerdote de Apolo junto aos Aqueus, Calcas é proveniente de Micenas ou de Mégara, filho de Testor, conforme está na *Ilíada* (Canto I, verso 69), e descendente de Apolo. Ele é referido por Sínon como tendo previsto que só um sacrifício de sangue humano, de uma vida Argiva apaziguaria a deusa Minerva e garantiria a volta dos Dânaos a sua terra, assim como o sacrifício de Ifigênia tinha garantido a ida dos Dânaos para Troia. Como sempre, do relato de Sínon aos Troianos, apenas a metade é verdadeira... Calcas teria dito, ainda, interpretando os presságios (*Ita digerit omina Calchas*, verso 182), que como Troia não poderia ser tomada pelos Argólidas, então eles deveriam embarcar de volta, em busca de bons auspícios.

**Cápis** (*Capys*, v. 35): Troiano que, prevendo a armadilha que o cavalo de madeira poderia ser aos seus compatriotas, é partidário de que o joguem ao mar ou o queimem ou furem seus flancos para perscrutar seus segredos profundos.

**Cassandra** (*Cassandra*, v. 246; *Cassandrae*, v. 343; *Cassandra*, v. 404): Irmã de Páris, sacerdotisa de Apolo, a quem o deus concedeu o dom da profecia e retirou o da credibilidade (*dei iussu non unquam credita teucris – Por ordem do deus, jamais crida pelos Teucros*, verso 247). Após a invasão de Troia, Cassandra, a virgem Priameia, é aprisionada e puxada com as mãos atadas, para fora do templo de Minerva. Corebo tenta salvá-la, mas morre diante do altar da deusa. Vide **Ajax** (Imagem 6, no *Apêndice Iconográfico*).



**Clitemnestra matando Cassandra, bronze do século VII a.C. (Museu Nacional de Atenas)**

**Cavalos Eoios** (*Eois...equis*, v. 417-418): O termo se refere aos cavalos Eoios ou cavalos Aurorais, guiados pelo alegre Euro.

**Celícolas** (*caelicolae*, v. 641): Habitantes do Céu, os deuses olímpicos.

**Ceres** (*Cereris*, v. 714; *Cereris*, v. 742): A deusa Ceres, vinculada à agricultura. As duas referências a Ceres são feitas por Eneias. Trata-se do ponto de encontro com os companheiros na fuga de Troia destruída. Todos deveriam se encontrar perto do antigo templo de Ceres, à sombra de um velho cipreste, que protegia o culto aos ancestrais.

**Cipreste** (*cupressus*, v. 714): Na fuga de Troia destruída, Eneias orienta os companheiros para que todos se reúnam em um mesmo ponto de encontro, sob um antigo cipreste, conservado pela religião dos ancestrais, próximo a um antigo templo de Ceres. De acordo com Gheerbrant e Chevalier (1982), árvore sagrada para vários povos, graças à sua longevidade e sua verdura persistente, o cipreste (*cupressus sempervirens*) é nomeado de árvore da vida. Entre os Gregos e Romanos, o cipreste tem uma relação com as divindades infernais. Árvore das regiões subterrâneas, ligada ao culto de Plutão (Hades), o cipreste orna os cemitérios. Como árvore funerária em toda a bacia mediterrânea, o cipreste deve este fato ao simbolismo das coníferas que, pela sua resina incorruptível e sua folhagem persistente, evocam a imortalidade e a ressurreição. No contexto deste Livro II da Eneida, o cipreste está próximo a um antigo templo de Ceres, a deusa da agricultura, cuja atividade cíclica nos remete para a ressurreição e a imortalidade, representadas por essa árvore, presença constante na paisagem de Roma e de toda a Grécia.



**Ciprestes do Palatino, Roma.**



**Ciprestes no Santuário de Apolo, em Delfos (Grécia).**

**Corebo** (*Coroebus*, v. 341; *Coreobus*, v. 386; *Coroebus*, v. 407; *Coroebus*, v. 424): Companheiro de Eneias nos primeiros combates aos Gregos, quando da invasão e tomada de Troia. Filho de Migdon, Corebo foi a Troia prestar ajuda a Príamo, levado por amor insano a Cassandra. O infeliz não soube ouvir as profecias da sua amada (*infelix qui non sponsae praecepta furentis/audierit!* – versos 345-346). Nos primeiros combates, Corebo exorta os companheiros a se vestirem com as armas dos Gregos mortos e assim confundirem o inimigo. Que importa contra o inimigo que se use o dolo ou a virtude se eles mesmos fornecerão as armas? (*Dolus an uirtus, quis in hoste requirat?/Arma dabunt ipsi*, – versos 390-391). Corebo coloca em si mesmo o capacete de Androgeu e empunha a espada do inimigo morto. Ao ver Cassandra ser arrastada de mãos atadas pelos Gregos, Corebo tenta salvá-la, mas morre diante do altar de Minerva, a deusa das armas poderosas (*diuae armipotensis ad*

*aram/procumbit*, – versos 425-426). Esta passagem nos faz lembrar o momento em que Heitor veste as armas de Aquiles, que o Príamo retira de Pátrocles, após matá-lo, selando a sua própria sorte por ter vestido as armas de um herói morto (*Ilíada*, Canto XVII, v. 198-209).

**Corpo Heitóreo** (*corpus...Hectoreum*, v. 542-543): Referência ao resgate do corpo de Heitor por Príamo, que se dá no Canto XXIV da *Ilíada*. Vide **Heitor**.

**Creúsa** (*Creusa*, v. 562; *Creusa*, v. 597; *Creusa*, v. 651; *Creusam*, v. 666; *Creusa*, v. 738; *Creusam*, v. 769; *Creusae*, v. 772; *Creusam*, v. 778; *Creusae*, v. 784): Filha de Príamo e esposa de Eneias. Creúsa, diante da decisão de Eneias de retomar o combate, mesmo após os conselhos de Vênus para que ele partisse, implora por ela mesma, pelo filho e por Anquises. Se Eneias tem que retomar as armas que comece defendendo a sua própria casa. Na fuga com Eneias, Creúsa se perde e o herói, depois de deixar a salvo os companheiros, o pai, o filho e os Penates, retorna para buscá-la. Creúsa aparece a Eneias sob a forma de uma imagem, um simulacro, para dizer da impossibilidade de segui-lo, pois esta foi a vontade dos deuses. Ela mesma apresenta ao herói o último aviso, com detalhes sobre o seu destino: Eneias terá um longo exílio pelo mar até chegar à Hespéria, onde corre o Tibre Lídio, através de terras de rica cultura; lá o esperam uma fortuna, um reino e uma esposa real. Eneias deve ficar descansado, pois Creúsa não servirá de escrava aos Gregos. Cibele, a grande mãe dos deuses, a reterá nas plagas Troianas.

# D

---

**Dânaos** (*Danai*, v. 5; *Danaum*, v. 14; *Danaum*, v. 36; *Danaum*, v. 44; *Danaos*, v. 49; *Danaum*, v. 65; *Danaos*, v. 71; *Danai*, v. 108; *Danai*, v. 117; *Danaum*, v. 162; *Danaum*, v. 170; *Danaos*, v. 258; *Danaum*, v. 276; *Danaum*, v. 309; *Danai*, v. 327; *Danai*, v. 368; *Danaum*, v. 370; *Danaum*, v. 389; *Danais*, v. 396; *Danaum*, v. 398; *Danai*, v. 413; *Danaum*, v. 433; *Danaos*, v. 440; *Danaum*, v. 462; *Danaum*, v. 466; *Danai*, v. 495; *Danai*, v. 505; *Danaum*, v. 572; *Danais*, v. 617; *Danais*, v. 669; *Danai*, v. 757; *Danai*, v. 802): Forma genérica para designar os Gregos. O termo é proveniente de Dânaos, ancestral dos Argivos. Vide **Belida**.

**Dardânia** (*Dardaniae*, v. 281; *Dardaniae*, v. 325): Região da Tróade, fundada pelo herói Dárdanos, filho de Zeus, de quem se originam, Tros e Ilos, ancestrais dos Troianos.

**Dardânidas** (*Dardanidae*, v. 59; *Dardanidae*, v. 72; *Dardanidum*, v. 242; *Dardanidae*, v. 445): Os Troianos, descendentes de Dárdanos. São os pastores Dardânios que levam Sínon, o Argivo, amarrado, para que Príamo e os demais que estão na praia, em torno do cavalo de madeira, possam ouvi-lo.

**Dardânios** (*Dardanium*, v. 582; *Dardana*, v. 618): Referência aos Troianos, de maneira geral.

**Dárdanos** (*Dardanis*, v. 787): Ancestral dos Troianos, filho de Zeus, de quem descendem Tros, Ilos, Laomedonte e Príamo. Creúsa, como filha de Príamo, diz-se descendente de Dárdanos.

**Deífobo** (*Deiphobi*, v. 310): Irmão de Heitor, referido por Eneias, por ocasião da destruição de seu palácio pelo fogo, quando da tomada de Troia pelos Gregos. Deífobo aparece na *Ilíada*, sobretudo no momento em que Palas Atena toma a sua forma, de modo a enganar Heitor e incitá-lo a combater Aquiles (Canto XXII, versos 224-305).

**Deuses Paternos** (*di patrii*, v. 702): Deuses olímpicos.

**Dimas** (*Dymas*, v. 340; *Dymas*, v. 394; *Dymas*, v. 428): Companheiro de Eneias nos primeiros combates aos Gregos, quando da invasão e tomada de Troia. A conselho de Corebo, Dimas toma para si as armas dos Gregos mortos, de modo a causar confusão entre as hostes inimigas. Confundido com um Grego, Dimas é morto por outros Troianos.

**Dólopes** (*Dolopum*, v. 7; *Dolopum*, v. 29; *Dolopum*, v. 415; *Dolopum*, v. 785): Assim também eram conhecidos os Tessálios, comandados por Aquiles na guerra de Troia. Por extensão, pode referir-se aos Gregos como um todo. No verso 785, Creúsa tranquiliza Eneias, dizendo que não verá as moradas soberbas dos Dólopes. Ela não será, portanto, escrava dos vencedores.

**Dóricos** (*Dorica*, v. 27): Nome genérico dado aos Gregos. As invasões Dóricas, dos povos ao Sul da Ásia Menor, contribuíram para a formação do povo Grego. Segundo Heródoto (Livro I, 56), os Dóricos são de origem Helênica, pois Doros é filho de Helen e de Órseis, e neto de Deucalião e de Pirra. Os Dóricos habitam primeiro a região da Ftia, depois a região aos pés do Olimpo, até chegar ao Peloponeso.

**Dóricos Acampamentos** (*Dorica castra*, v. 27): Os acampamentos Gregos. Os Troianos achavam que os Gregos haviam partido e abandonado a guerra, pois seus acampamentos estavam vazios. Na realidade, eles estavam escondidos na ilha de Tênedos, esperando o momento de atacar.

# E

---

**Eneias** (*Aeneas*, v. 2): Eneias, a pedido de Dido, começa a narrativa de sua fuga de Troia até a chegada à Líbia. Trata-se de uma narrativa de primeira pessoa, obedecendo à mesma estrutura utilizada por Homero na *Odisseia*, quando Ulisses, ao longo dos Cantos IX a XII, narra as suas aventuras para Alcínoos, o rei Feácio: herói perseguido pelos deuses, à procura de seu reino, tem contra si uma tempestade que o joga em terra estranha; acolhido pelo rei da terra, é instado, em meio a um banquete em sua homenagem, a contar como chegara até ali. A diferença está na visão de quem narra e do que é narrado. Ulisses centra o enfoque em si mesmo e nas andanças que fez por mar e por terra, depois de sair vitorioso de Troia. Esta é, portanto, a visão do vencedor, confirmada pelo canto do aedo Feácio Demódoco (*Odisseia*, Canto VIII). Já Eneias divide o assunto da narrativa. No Livro II ele vai tratar da destruição de Troia pelos Gregos e de sua fuga ordenada pelo destino. No Livro III, Eneias trata de sua errância por mares e por terras até chegar à Sicília, terra que seria o último ponto antes de chegar à Península Itálica, quando é perseguido por Juno e, por conta da tempestade desencadeada por Éolo, ele aporta na Líbia, onde Dido está construindo o reino de Cartago. A visão de Eneias, pois, é a visão do derrotado, o que se pode confirmar nas dolorosas cenas da guerra de Troia, representadas nas paredes do templo de Juno em Cartago (*Eneida*, Livro I). Eneias começa a narrativa da destruição de Troia fazendo alusão ao fato de os Dânaos terem fingido abandonar a guerra, deixando uma oferenda – um cavalo de madeira gigantesco – para a deusa Palas na praia. Reunidos em torno do cavalo de madeira, os Troianos divergem quanto ao que fazer com o artefato: levá-lo para dentro das muralhas, jogá-lo ao mar, queimá-lo ou perscrutar suas entranhas, para ver o que lá se esconde. A intervenção de Laocoonte, falando do perigo que o cavalo representa e atirando uma lança no flanco do animal (*feri*, verso 51), é interrompida pela chegada de um

jovem Argivo, amarrado, levado por pastores Troianos. Ao curso de sua narração, Eneias vai lamentando a perda de Troia por causa do cavalo de madeira, tendo em vista a simulação de Sínon, o jovem Argivo, cuja narrativa dramática (no sentido teatral da palavra) sensibiliza os Troianos. A narrativa de Eneias a Dido, neste Livro II, apresenta algumas grandes linhas: o cavalo de Troia, a narrativa fingida de Sínon, a morte de Laocoonte e dos filhos, a advertência de Cassandra sobre a destruição de Troia e, por fim, a investida dos Argivos sobre a cidade, levando à morte de Príamo, à destruição da cidade e à fuga de Eneias. É fundamental também se ver que nesse Livro II Eneias tem o conhecimento de seu destino e vê-se impelido a fugir para fundar uma nova cidade. Esse destino lhe é revelado em três momentos diferentes e por três modos diferentes, o que caracteriza o Livro II como augural: o espírito de Heitor, a deusa Vênus (mãe de Eneias) e o simulacro de Creúsa, esposa de Eneias. A narrativa da tomada de Troia pelos Gregos começa a partir do verso 250 e domina todo o resto do Livro II, com Eneias dividindo em partes a sua história. Ela começa com a saída dos Dânaos do bojo do cavalo de madeira e a abertura das portas da cidadela de Troia para a invasão dos outros que se encontravam escondidos na ilha de Tênedos (versos 250-268). A lista dos heróis Argivos dentro do cavalo de madeira é a seguinte: Thessandro, Esthênelo, Ulisses, Acamas, Thoas, Neoptólemo, Macáon, Menelau e Epeios. Em seguida, Eneias vai referir-se ao primeiro anúncio de seu destino, pelo espírito de Heitor que lhe aparece em sonho (versos 268-297). Eneias se apiada de Heitor ao vê-lo na sua miséria de humilhado por Aquiles, tão diferente do Heitor herói vencedor que incendiara o navio de Protesilau e matara Pátrocles (*Ilíada*, Canto XVI, versos 112-123 e versos 777-867, respectivamente). Ao vê-lo, Eneias o chama de “Luz da Dardânia e Esperança Fidelíssima dos Teucros” (*Lux Dardaniae, spes o fidissima Teucrum*, verso 281). O espírito de Heitor manda Eneias fugir, diante da iminente destruição de Troia, ciente de que a cidade não pode ser defendida por braços humanos, se assim fosse, ele a teria

defendido – *si Pergama dextra/defendi possent, etiam hac defensa fuissent* (versos 291-292). Eneias, contudo, não deve apenas fugir, deve levar consigo os objetos sagrados da cidade, os Penates e a deusa Vesta, com seu fogo eterno. Eneias, em seguida, começa a relatar os combates dentro da cidadela contra os Dânaos, resultando na morte de muitos heróis (versos 297-453). Destaca-se daí a morte de Príamo por Neoptólemo (versos 454-566). No início dos combates, Eneias, ainda atordoado com a visão de Heitor e com o incêndio que se alastra pela cidade, decide combater, nem que seja para ter a morte gloriosa, a bela morte, ideal do herói – *furor iraque mentem/praecipitat, pulchrumque mori succurrit in armis* (O furor e a ira precipitam meu ânimo e imagino ser belo morrer no combate – verso 316-317). Eneias encontra Panthos, filho de Othris e sacerdote de Apolo, que lhe diz do fim de Troia (versos 325-346). É o primeiro anúncio, vindo da boca dos deuses, da destruição irreversível da cidade. Eneias reúne alguns companheiros e os exorta ao combate, naquele instante em que Troia se vê abandonada por seus deuses. Se Troia há de ser destruída, isto não acontecerá sem o combate de seus heróis, que devem morrer se jogando em meio às armas: a única salvação dos vencidos é não esperar nenhuma salvação (*moriatur et in media arma ruamus. Vna salus uictis nullam sperare salutem.* – versos 363-364). Tal afirmação de Eneias só complementa o ideal da bela morte, já apresentado nos versos 316-317. Nenhuma palavra jamais poderia explicar a noite funesta da destruição de Troia; nenhuma lágrima jamais se igualaria à dor dos troianos: uma cidade antiga, dominadora por muitos anos, ruiu (*Vrbs antiqua ruit multos dominata per annos* – verso 363). Os primeiros combates começam contra o Argivo Androgeu *et caterva*, que não percebera que Eneias e os companheiros eram inimigos. Androgeu morto, Corebo dá a idéia de os Troianos se vestirem de Argivos para confundir os inimigos em meio à batalha. Eneias lamenta, mais uma vez, o destino dos Troianos ditado pelos deuses, antes de passar ao relato da prisão de Cassandra pelos Gregos, da morte dos Troianos pelos próprios companheiros, por causa

das armas gregas, que sua tropa vestia, e da morte de Corebo e de outros heróis – *Heu nihil inuitis fas quemquam fidere diuis!* (Ai de mim! Em nada é permitido, a quem quer que seja, confiar contra as vontades divinas!, verso 402). Eneias, atraído pelos clamores, se dirige à casa de Príamo (*Protinus ad sedes Priami clamore uocati*, verso 437). Ao que lhe parece, é lá que o verdadeiro combate se trava. Eneias se depara com um ataque ingente ao palácio de Príamo e presencia a morte do velho rei pelas mãos de Pirro, filho de Aquiles, que, igual ao pai, resplandece sob as armas brônzeas (*Ilíada*, Cantos XIX-XXII). Eneias concentra sua narrativa na invasão do palácio de Príamo por Pirro (versos 479 *et passim*). Tumulto, dor e lamento é o que Eneias vê no interior do palácio do grande rei – *ferit aurea sidera clamor* (o clamor fere as estrelas áureas, verso 487). Eneias passa a narrar a morte de Príamo por Neoptólemo (versos 506-558). Presenciando a morte de Príamo, Eneias se indigna e se apiada, pensando na imagem do próprio pai, e da mulher, Creúsa, e do filho Iulo. Vendo Helena escondida no templo de Vesta, o herói sente ímpetos de matá-la, essa Erínia de sua própria pátria e também de Troia (*Troiae et patria communis Erinys*, verso 573). Eneias não a mata, pois é impedido por sua mãe, Vênus, que lhe mostra, no terceiro aviso sobre a ruína de Troia, que a destruição da cidade é obra dos deuses, não dos homens, muito menos de Helena ou de Páris. Eneias deve cuidar do pai, da esposa e do seu filho, e deixar Troia para lá, pois seu destino está devidamente selado pelos deuses. Após a intervenção de Vênus, Eneias vê Troia em plena destruição e, conduzido pela mãe, passa em meio às chamas e aos inimigos (*Descendo ac ducente deo flammam inter et hostis/expedior: dant tela locum flammaeque recedunt* – Desço e conduzido pela divindade, sou expedido por entre a chama e os inimigos: as setas dão espaço e as chamas se retiram, versos 633-634). Eneias chega à casa de seu pai, mas encontra resistência de Anquises em partir. Velho e atingido pelo raio de Júpiter, Anquises não quer sobreviver à tomada de Troia, dizendo ao filho para partir sem ele. Diante da decisão de Anquises de ficar, Eneias

decide retomar o combate, para não deixar o pai morrer nas mãos de Neoptólemo como Príamo. Eneias, impedido por Creúsa de retornar à luta, vê o presságio dos deuses nos cabelos de Ascânio que se incendiam sem queimar o menino (Vide *Eneida*, Livro VII, em que se dá o mesmo presságio nos cabelos de Lavínia). É o aviso de Júpiter para Anquises partir com o filho. Começando a fuga, guiado pelos deuses, Eneias leva Anquises nas costas, acompanhado de Lulo e de Creúsa. Como Eneias está com as mãos sujas do combate, ele não pode levar os Penates consigo, para não contaminá-los, confiando-os a Anquises (*Tu, genitor, cape sacra manu patrosque penatis;/me bello e tanto digressum et caede recenti/attrectare nefas, donec me flumine uiuo/abluero*, versos 717-720). Ao mesmo tempo, Eneias indica aos seus guerreiros o lugar onde devem se encontrar: na saída da cidade, em um velho templo de Ceres isolado e ao lado de um antigo cipreste que protegeu, ao longo dos anos, o culto aos ancestrais. Eneias toma o pai nas costas, pega a mão de Lulo e foge, juntamente com Creúsa, que caminha alguns passos atrás dele. Diante da proximidade dos Gregos, Eneias apressa o passo e distancia-se de Creúsa. Ao chegar ao ponto indicado, Eneias não vê mais a mulher e veste-se novamente com suas armas para buscá-la. Voltando à cidade, em busca de Creúsa, Eneias vê Troia destruída pelos Dânaos que a dominam: o palácio de Príamo incendiado, Ulisses e Fênix tomando conta dos tesouros espoliados aos Troianos, a grande fila de crianças e mulheres atônitas, diante da derrocada da pátria (*Pueri et pauidae longo ordine matres/stant circum* – Ao redor, em longa fila, estão as crianças e as mães pávidas, versos 766-767). Eneias, em seu desespero, põe-se a chamar pela mulher, até que lhe aparece seu simulacro, a sombra de Creúsa, para dizer-lhe da impossibilidade de segui-lo, pois fora proibida pelos deuses. Ao mesmo tempo, Eneias tem um destino a cumprir, em outro local, com outra mulher. É o último aviso a Eneias, desta feita, com mais detalhes sobre o seu destino: Eneias terá um longo exílio pelo mar até chegar à Hespéria, onde corre o Tibre Lídio, através de terras de rica cultura; lá o esperam uma fortuna,

um reino e uma esposa real. Eneias deve ficar descansado, pois Creúsa não servirá de escrava aos Gregos. Cibele, a grande mãe dos deuses, a reterá nas plagas Troianas. Chorando, Eneias tenta abraçá-la três vezes, três vezes a imagem escapa-lhe por entre os braços (na *Eneida*, Livro VI, ocorre o mesmo com Eneias e Anquises). Entregando-se ao destino, Eneias ganha as montanhas, conduzindo os que vão com ele e levando o pai sobre os ombros. Neste Livro II da *Eneida*, por dois momentos, observa-se a piedade de Eneias. O primeiro momento está nos versos 707 a 710 e refere-se a seu pai. Decidido a levar consigo o pai, que tem dificuldades de se locomover, Eneias o coloca nos ombros, dizendo não ser aquele um trabalho pesado para si: “*Ergo, age, care pater, ceruici imponere nostrae;/ ipse subibo umeris nec me labor iste grauabit*”. O segundo momento revela a piedade de Eneias com relação aos deuses, o que se pode observar nos versos 717 a 720, quando Eneias encarrega o pai de levar os Penates consigo, pois saído da carnificina da guerra, não poderia tocar nos objetos sagrados antes de se purificar em água corrente: “*Tu, genitor, cape sacra manu patriosque penatis;/ me bello e tanto digressum et caede recenti/ attrectare nefas, donec me flumine uiuo/ abluero*”. Por tais exemplos, Eneias merece o epíteto de *pius Aeneas*, o mais importante dentro da *Eneida*, juntamente com o de *pater Aeneas*, com que ele começa o relato do Livro II. Ovídio, nos *Fastos*, refere-se a Eneias como o herói da piedade provada, por levar por entre as chamas de Troia destruída pelos Argivos, o tesouro de Troia e o pai Anquises, nas costas (Livro IV, versos 37-38).



**Eneas sendo recebido no Lácio pelo pastor Fáustulo, a loba e os gêmeos Rômulo e Remo. Detalhe da Ara Pacis, Roma.**

**Eqios** (*Eois*, v. 417): Relativo ao Oriente, à Aurora. Vide **Cavalos Eqios**.

**Eqito** (*Epytus*, v. 340): Companheiro de Eneas nos primeiros combates aos Dânaos, quando da invasão e tomada de Troia.

**Estênelo** (*Sthenelus*, v. 261): Herói Argivo que se encontrava dentro do cavalo de madeira levado para dentro de Troia. Filho de Capaneu, que participara da expedição dos Sete contra Tebas, Estênelos foi um dos epígonos, que, posteriormente, ajudou a tomar Tebas. Homero o trata como o filho do muito ilustre Capaneu (*Ilíada*, Canto II, verso 564), que divide com Diomedes o comando das naus de Argos, Tirinto, Trezena, Eoines e Epidauro (*Ilíada*, Canto II, versos 559-561); filho do ilustre Capaneu (*Ilíada*, Canto IV, verso 403); o brilhante filho de Capaneu (*Ilíada*, Canto V, verso 241).

**Estreitos Sigeios** (*Sigea...freta*, v. 312): Relativo ao Cabo Sigeu, no Noroeste da Ásia Menor, na região da Tróade, na entrada do Helesponto, hoje Estreito de Dardanelos.

**Epeios** (*Epeos*, v. 264): Construtor do cavalo de madeira (*ipse doli fabricator Epeos*), Epeios também se encontra dentro da pretensa oferenda a Minerva.

**Erínias** (*Erinys*, v. 337; *Erinys*, v. 573): Deusas infernais, perseguidoras dos que cometeram crimes de sangue contra parentes. As Erínias são geradas do sangue dos órgãos genitais de Uranos, cortados por Cronos e atirados do Céu na terra. O sangue, tendo respingado na terra, gerou as deusas infernais (Hesíodo, *Teogonia*, versos 183-185). No verso 337 da *Eneida*, o termo é tomado como o próprio furor da guerra, a fúria. É com esse termo, porém, que Eneias chama Helena. Ao fim da guerra, pensa Eneias, Helena voltará a sua casa, com seu marido, encontrará os filhos, levará um séquito de escravas Troianas (Vide *Odisseia*, Canto IV), enquanto Troia foi destruída, os Dardânios derramaram o seu sangue e Príamo foi morto por sua causa. Mesmo não vendo glória alguma em matar uma mulher, pois a *uirtus* guerreira não aprovaria, Eneias não pode se furtar ao desejo de matar o que ele considera uma abominação (*nefas*, v. 595).

**Esparta** (*Spartam*, v. 577): Reino de Menelau, na região da Lacônia, no Peloponeso.

**Esperança Fidelíssima dos Teucros** (*Spes fidissima Teucrum*, v. 281): Vide **Heitor**.

**Esposa Real** (*regia coniunx*, v. 783): Referência implícita a Lavínia, na fala de Creúsa, já apenas uma visão, a Eneias. Uma vez conquistado o Lácio, Eneias terá Lavínia como esposa e fundará, em sua homenagem, o reino Lavínio.

**Esquíria** (*Scyria*, v. 477): Relativo a Ésquiros, Ilha do mar Egeu, onde nasceu Pirro, filho de Aquiles. Pirro está acompanhado da juventude Esquíria, no momento da tomada de Troia.

**Eurípilo** (*Eurypilum*, v. 114): Na narrativa de Sínon, Eurípilo é o Argivo enviado aos oráculos de Apolo para consultar o deus. A decisão do deus, ainda segundo Sínon, é que uma vida Argiva deve ser imolada aos deuses, para garantir-lhes o retorno.

**Euros** (*Eurus*, v. 418): Personificação do vento do Sudeste, relacionado ao Grego Euros (Ἐὐρος, ους). Na Torre dos Ventos, em Atenas, o Euros é representado barbudo e enrolado numa.



**Personificação de Euros, o Vento Sudeste, na Torre dos Ventos (Ágora Romana, Atenas).**

# F

---

**Falange Argiva** (*Argiua phalanx*, v. 254): Referência ao exército Argivo que se encontrava escondido em Tênedos e invadiu Troia, quando suas portas foram abertas pelos que estavam dentro do cavalo de madeira.

**Febo** (*Phoebi*, v. 114; *Phoebi*, v. 319): Epíteto de Apolo, significando brilhante, luminoso. Vide **Apolo**.

**Fênix** (*Phoenix*, v. 762): Argivo que, junto com Ulisses, toma conta dos tesouros espoliados de Troia, no momento da destruição da cidade. Na *Ilíada* (Canto IX), ele, na qualidade de preceptor de Aquiles, faz parte da embaixada enviada ao herói por Agamêmnon, na tentativa de fazer o Pelida retornar à guerra.

**Fileiras Frígias** (*Phrygia agmina*, v. 68): O termo refere-se à multidão de Troianos na praia, em torno de jovem Grego, Sínon, tomado como prisioneiro.

**Filho de uma Deusa** (*nate dea*, v. 289): Trata-se de Eneias, filho de Vênus.

**Fortuna** (*fortuna*, v. 350; *Fortuna*, v. 385; *Fortuna*, v. 387): Deusa da fortuna, da ventura. Eneias, para exortar seus companheiros à bela morte heroica, diz que a Fortuna lhes reservou o abandono dos deuses. É preciso, pois, socorrer a cidade em chamas e lançar-se no meio das armas, sem buscar esperança alguma. No momento do combate à hoste de Androgeu, Eneias se refere ao fato de que a Fortuna lhes é favorável – *Aspirat primo Fortuna labori – A Fortuna sopra favoravelmente no primeiro sofrimento, no primeiro combate*, verso 385 –; já Corebo responde que a Fortuna lhes mostra uma salvação (verso 387).

**Frígios, Frígias** (*Phrygias*, v. 68; *Phrygibus*, v. 191; *Phrygios*, v. 276; *Phrygibus*, v. 344; *Phrygiis*, v. 580): Frígios é o nome genérico dado aos

Troianos; trata-se de termo relativo à Frígia, região a que Troia se vincula. A palavra também se refere às servas Frígias (*Phrygiis ministris*, verso 580) que, no dizer de Eneias, seriam levadas pela impune Helena, à Lacedemônia.

# G

**Górgona** (*Gorgone*, v. 616): Metonímia para a égide, o escudo de Zeus, em cujo centro existe a cabeça da Górgona Medusa. Vênus mostra a Eneias o poder dos deuses na destruição de Troia como, por exemplo, Palas Atena, do alto da cidadela em chamas, com a cruel Górgona, lançando raios (Imagens 11 e 12, no *Apêndice Iconográfico*).



Perseus entregando a cabeça da Górgona a Palas Atena, para compor a égide. Lastra em mármore (primeira idade de Augusto, século I a. C.). Museu do Palatino, Roma.



**Górgona em bronze do século V a.C. Museu Nacional de Atenas.**

**Graios** (*Graios*, v. 148; *Graiorum*, v. 157; *Graiarum*, v. 412; *Graiae*, v. 598; *Grai*, v. 727; *Grais*, v. 786): Nome que designa os Gregos, de modo geral. O termo, segundo Chantraine (1999) pode ter sido dado aos Gregos de Dodona, no Épiro, pelos Ilírios, seus vizinhos e, provavelmente, tenha entrado na língua latina sob a forma de *Graius*, emprestado do Etrusco. Para Ernout (2001), o termo pertence à língua épica ou poética e é notável o fato de os Latinos terem usado para designar os Gregos um nome raro na literatura grega, atestado tardiamente, em lugar de Helenos, a forma corrente. Ernout acredita ainda tratar-se de uma forma popular emprestada por via oral, provavelmente da Ilíria.

**Grande Mãe dos Deuses** (*magna deum genetrix*, v. 788): Epíteto usado por Creúsa, para designar Cibele, a Berecíntia, a deusa Frígia, cujo culto oficial foi introduzido em Roma, a partir de 205 a. C., no momento da estada de Haníbal, o Cartaginês, no Sul da Itália, ao final da segunda

guerra Púnica (DUMÉZIL, 2000, p. 482). Graças à lenda de Eneias, continua Dumézil, nem Vênus nem Cibele eram deusas estrangeiras (p. 485).

**Grandes Muralhas** (*moenia...magna*, v. 294-295): As muralhas que serão construídas por Eneias, no Lácio, base da futura Roma. Tal feito é antecipado pela imagem de Heitor a Eneias, exortando-o a fugir, para cumprimento de seu destino: fundar uma nova Troia.

# H

---

**Hécuba** (*Hecubam*, v. 501; *Hecuba*, v. 515): Esposa de Príamo, rainha de Troia. Hécuba se abriga perto do altar doméstico com suas filhas, tendo nas mãos a imagem dos deuses. O altar é sombreado por um velho loureiro, situado no meio do palácio, dando sombra e proteção aos Penates (Vide *Eneida*, Livro VII, na chegada de Eneias ao Lácio, quando se dá o prodígio de Lavínia, próximo ao velho loureiro, onde se realiza sacrifício aos deuses). Hécuba recrimina o marido por vestir-se inutilmente para combater os Gregos. A velha rainha o chama para junto de si e o faz sentar-se em uma cadeira sagrada, próximo ao altar doméstico, achando que os deuses os protegeriam da morte iminente.

**Heitor** (*Hector*, v. 270; *Hectore*, v. 275; *Hector*, v. 282; *Hector*, v. 522): A visão de Heitor aparece a Eneias para lhe falar de seu destino. É o primeiro anúncio neste Livro II, que se configura como um livro augural. O Heitor que se apresenta aos olhos sonolentos de Eneias é o mesmo humilhado por Aquiles, quando de sua morte (Vide *Ilíada*, Canto XXII): Heitor chora, sujo de uma poeira sangrenta, com os pés inchados, porque atados por uma correia. Lamentado a miséria de Heitor, Eneias faz o contraponto do herói que matou Pátrocles e vestiu as armas de Aquiles, despojadas do morto, e incendiou o navio de Protesilau (Vide *Ilíada*, Canto XVI), com o espectro ensanguentado que vê a sua frente: a barba suja, os cabelos colados de sangue, cheio de ferimentos, arrastado que fora em torno dos muros de Troia (Vide *Ilíada*, Cantos XXII e XXIII). Ao vê-lo, Eneias o chama de “Luz da Dardânia e Esperança Fidelíssima dos Teucros” (*Lux Dardaniae, spes o fidissima Teucrum*, verso 281). Heitor manda Eneias fugir, diante da iminente destruição de Troia, ciente de que a cidade não pode ser defendida por braços humanos, se assim fosse, ele a teria defendido – *si Pergama dextra/defendi possent, etiam hac defensa fuissent* (versos 291-292). Eneias, contudo, não deve apenas fugir, deve levar consigo os objetos

sagrados da cidade, os Penates e a deusa Vesta, com seu fogo eterno. Heitor é ainda citado por Hécuba, quando ela recrimina Príamo por armar-se para combater os Gregos, no momento da invasão de seu palácio. Ninguém poderia defendê-los, nem mesmo Heitor, se ali estivesse.

**Heitóreo** (*Hectoreum*, v. 543): Vide **Corpo Heitóreo**.

**Hespéria** (*Hesperiam*, v. 781): A Hespéria são as terras ocidentais, no caso específico, a Itália, destino de Eneias. Vide **Creúsa**.

**Hipanis** (*Hypanis*, v. 340; *Hypanis*, v. 428): Companheiro de Eneias nos primeiros combates aos Dânaos, quando da invasão e tomada de Troia. Hipanis é morto pelos próprios companheiros, confundido com um dos Dânaos, pois vestira, como outros de sua tropa, a roupa dos inimigos que eles haviam matado.

# I

---

**Ida** (*Idae*, v. 801): Monte Ida, na região da Tróade, na Ásia Menor, de onde Eneias parte, fugindo de Troia para o seu destino.

**Idaia** (*Idaea*, v. 696): Do monte Ida, na região da Tróade.

**Ifitos** (*Iphitus*, v. 435): Velho Troiano, que escapa dos Dânaos com Eneias.

**Ilíacas** (*Iliacas*, v. 117; *Iliaci*, v. 431): Referentes a Ílion, a cidadela Troiana. *Iliaci cineres* são as cinzas Ilíacas, que Eneias toma por testemunha do seu relato a Dido (verso 431).

**Ilíades** (*Iliadum*, v. 580): Os Troianos, descendentes de Ilos, pai de Laomedonte, avô de Príamo.

**Ílion** (*Ilium*, v. 241; *Ilium*, v. 325; *Ilium*, v. 625): A cidadela de Troia. Na sua narrativa a Dido, Eneias, lamenta a perda de Troia, a partir das mentiras verossímeis de Sínon. No momento em que o herói relata a entrada do cavalo de madeira na cidade, ele apostrofa a cidade como “Ílion, pátria, morada dos deuses, das muralhas dardânicas, ilustres pela guerra” (*O pátria, o diuom domus Ilium et incluta bello/moenia Dardanidum!* versos 241-242). Há ainda a referência ao fim de Troia, nas palavras de Pantos (verso 325) e ao incêndio da Troia construída por Netuno (verso 625).

**Império de Príamo** (*Priami imperio*, v. 191): Troia.

**Ímpio Tidida** (*Impius...Tydides*, v. 163-164): Vide **Tidida**.

**Inventor de Crimes** (*scelerum inuentor*, v. 164): Vide **Ulisses**.

**Ítaco** (*Ithacus*, v. 104; *Ithacus*, v. 122; *Ithaci*, v. 128): Referência a Ulisses, rei de Ítaca. Vide **Ulisses**.

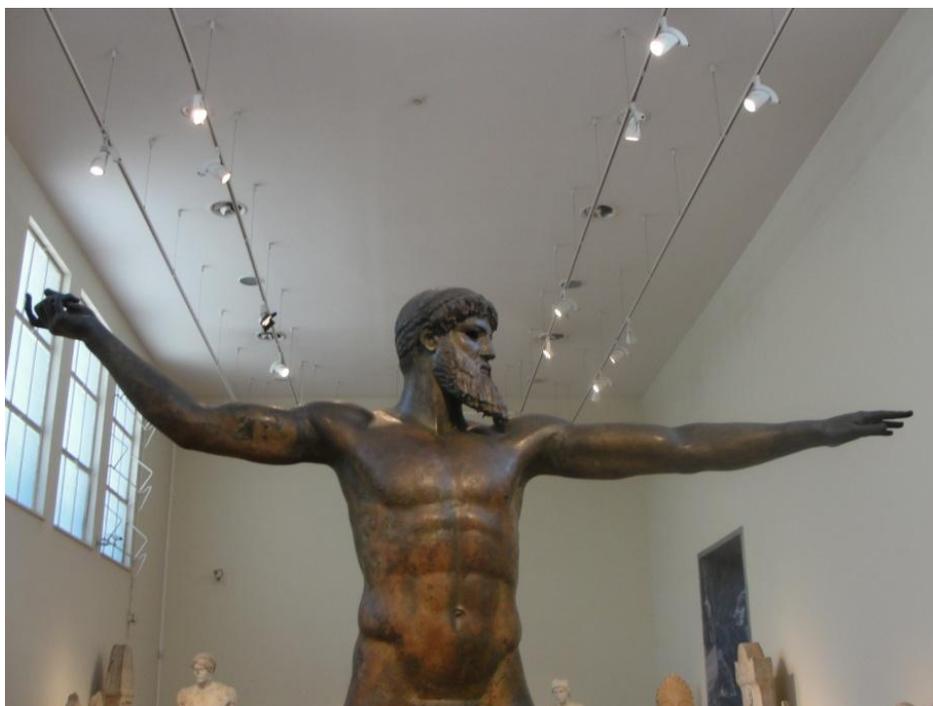
**lulo** (*Iuli*, v. 563; *Iulum*, v. 674; *Iulus*, v. 677; *Iuli*, v. 682; *Iulus*, v. 710; *Iulus*, v. 723): Filho de Eneias e Creúsa. Também conhecido com o nome de Ascânio. A ação mais importante envolvendo lulo, neste Livro II da *Eneida*, refere-se ao augúrio que se manifesta sobre si. Quando Eneias se dispõe a partir novamente em luta contra os Argivos, dá-se o admirável prodígio dos deuses (*mirabile monstrum*, verso 680). Da cabeça de lulo, uma leve chama lambia sua cabeleira, ao redor das têmporas. Anquises vê nisso um sinal dos deuses e resolve partir com Eneias. Tal prodígio também será visto no Livro VII da *Eneida*, desta feita com Lavínia, para anunciar a chegada do estrangeiro com quem ela deverá casar-se. Vide **Ascânio**.

# J

---

**Juno** (*Iuno*, v. 612; *Iunonis*, v. 761): A deusa Juno, Hera para os Gregos, ajuda na destruição de Troia, motivada pelo fato de ter sido preterida por Páris, quando do famoso julgamento de beleza do Monte Ida.

**Júpiter** (*Iuppiter*, v. 326; *Iuppiter*, v. 689): Deus dos deuses, Zeus para os Gregos. Anquises se dirige a Júpiter numa prece, chamando-o *Júpiter onipotente* (*Iuppiter omnipotens*, v. 689), para que ele confirme o presságio visto nas chamas da cabeça de Iulo. Júpiter confirma-lhe o presságio com um trovão e uma estrela brilhando sobre a floresta do Ida, marcando o caminho de fuga de Eneias e dos seus.



**Zeus ou Júpiter. Estátua em bronze do século V a. C. Museu Nacional de Atenas.**

**Júpiter Onipotente** (*Iuppiter omnipotens*, v. 689): Vide **Júpiter**.

**Juventude Troiana** (*Troiana iuventus*, v. 63): A juventude Troiana, que circula em torno do jovem Dânao cativo, Sínon, insultando-o, levado à presença dos outros Troianos na praia.

**Juventude Esquíria** (*Scyria Pubes*, v. 477): Jovens de Ésquiros, presentes na guerra de Troia, sob o comando de Pirro, Filho de Aquiles e Deidamia, filha do rei Licomedes da ilha de Ésquiros, no Mar Egeu.

# L

---

**Laconiana** (*Lacaenae*, v. 601): Termo para referir-se a Helena, que habitava, antes do rapto, a Lacedemônia ou Esparta, na região da Lacônia, no Peloponeso.

**Laocoonte** (*Laocoon*, v. 41; *Laocoon*, v. 201; *Laocoonta*, v. 213; *Laocoonta*, v. 230): Sacerdote Troiano, servindo a Netuno, que se insurge contra a ideia de levar o cavalo de madeira para dentro das muralhas. Laocoonte adverte a todos do perigo que esse artefato representa, pois ele não só não acredita que os Dânaos tenham ido embora mas também considera que o cavalo de madeira é um mal, uma máquina para espionar a cidade, uma armadilha, enfim. O sacerdote lembra os Troianos de não esquecerem quem é Ulisses (*sic notus Ulixes? – é assim que Ulisses é conhecido?* verso 44) e diz temer os Dânaos e os seus presentes (*Quidquid id est, timeo Danaos et dona ferentis – O que quer que isto seja, temo os Dânaos e os presentes que eles trazem*, verso 49). Daí se origina a expressão “presente de Grego”. Ao final de seu discurso, Laocoonte joga uma lança no flanco do cavalo de madeira, tirando um gemido do ventre do animal. Enquanto fazia um sacrifício perto dos templos, matando um touro para verificar os presságios, Laocoonte e os Troianos são surpreendidos por duas grandes serpentes que se levantam da ilha de Tênedos e sufocam, inicialmente, os filhos do sacerdote. Laocoonte parte em socorro dos filhos, mas também é sufocado pelas serpentes. Como as serpentes fogem para o alto, em direção aos templos e se escondem sob os pés da estátua de Palas Tritônia, acomodando-se sob o seu escudo, os Troianos vêem aí a verdade dos fatos narrados por Sínon e acreditam que o sacerdote foi punido pela ofensa de ter jogado a lança contra a pretensa oferenda à deusa.



**Laocoonte e seus filhos sufocados pelas serpentes de Tênedos. Mármore do século I a. C. Museu do Vaticano.**



**Detalhe de Laocoonte e seus filhos.**



**Athena de Barbapheios, com a serpente escondendo-se a seus pés e sob a sua égide. Mármore do século III a. D., cópia do original de Fídias, do século V a. C. Museu Nacional de Atenas.**

**Larisseu** (*Larissaeus*, v. 197): Vide **Aquiles**.

**Lídio** (*Lydius*, v. 781): Em geral, o adjetivo se refere à Lídia, região central da Ásia Menor, mas, no contexto do poema, diz respeito a um dos nomes por que se conhecia a Etrúria, na Itália, hoje Toscana. Vide **Tibre**.

**Lúcifer** (*Lucifer*, v. 801): A estrela da manhã, o planeta Vênus. Seu nome significa “que traz ou que porta a luz”.

**Luz da Dardânia** (*Lux Dardaniae*, v. 281): Vide **Heitor**.

# M

---

**Macáon** (*Machaon*, v. 263): Um dos herói Dânaos, que se encontrava dentro do cavalo de madeira levado para Troia. Irmão de Podalírio, era filho de Asclépios e também exercia a medicina durante a guerra de Troia. Na *Ilíada*, Macáon tendo sido ferido por Páris, Idomeneu pede a Nestor que o leve de volta às naus, pois um médico vale muitos outros heróis (*Ilíada*, Canto XI, versos 504-507; versos 510-515).

**Máquina Fatal** (*fatalis machina*, v. 237): O cavalo de madeira que os Dânaos deixaram como armadilha para os Troianos, permitindo a destruição de Troia. Idealizado por Ulisses, sob a inspiração de Palas Atena, o cavalo de madeira foi construído por Epeios e deixado na praia como uma pretensa oferta para desagravo da deusa Palas Atena. Os Troianos acreditam na narrativa verossimilhante de Sínon e conduzem o artefato de madeira para dentro da cidade. No ventre do animal, estavam os heróis Argivos, libertados por Sínon, à noite, enquanto os Troianos dormiam, cansados de festejarem o final da guerra. Assim se dá a destruição da cidade de Príamo.

**Margens Ilíacas** (*Iliacas...oras*, v. 117): Os litorais de Troia.

**Marte** (*Marte*, v. 335; *Martem*, v. 440): Deus da guerra, Ares para os Gregos. Nos dois trechos é tomado metonimicamente pela própria guerra, pelo combate.



**Ares ou Marte, descendo para amar a vestal Rheia Sílvia e gerar Rômulo e Remo.  
Mármore do Museu do Vaticano.**

**Menelau** (*Menelaus*, v. 264): Irmão de Agamêmnon, o Atrida Menelau é um dos heróis que se encontra dentro do cavalo de madeira, levado para dentro de Troia. O herói Espartano está em Troia para o resgate de sua mulher, Helena, levada por Páris.

**Micenas** (*Mycenas*, v. 25; *Mycenas*, v. 180; *Mycenis*, v. 331; *Mycenas*, v. 577): Reino de Agamêmnon, situado a Nordeste do Peloponeso. Às vezes, a cidade é tomada como metonímia da Grécia.



**Porta dos Leões, entrada da fortaleza de Micenas.**

**Migdonides** (*Mygdonides*, v. 342): Trata-se de Corebo, filho do Frígio Migdon. Migdon é citado no Canto III da *Ilíada* (verso 186), como um herói com quem Príamo tomou parte na batalha contra as Amazonas. Vide **Corebo**.

**Minerva** (*Mineruae*, v. 31; *Mineruae*, v. 189; *Mineruae*, v. 404): Nome que os Latinos davam a Palas Atena. O cavalo de madeira, assim os Argivos queriam que os Troianos acreditassem, era uma oferenda para Palas Atena ou Minerva, como reparação pela impiedade de Ulisses e Diomedes, que se apossaram do Paládio com as mãos sujas de sangue. Outra referência à deusa é com relação a Cassandra, arrastada com as mãos atadas de dentro do templo de Minerva pelos Gregos.

**Mirmidões** (*Myrmidonum*, v. 7; *Myrmidonum*, v. 252; *Myrmidonum*, v. 785): Povos da Ftia, região da Tessália, comandados por Aquiles na guerra de Troia (Vide *Ilíada*, Canto II, versos 681-685). Em grego, Mirmidão significa *formiga*. O avô de Aquiles, Éaco, tendo recebido de Zeus, seu pai, a ilha de Égina, passa por uma terrível peste, que mata homens, animais e plantações. Foi necessária a intervenção do soberano do Olimpo para acabar com a peste e repovoar a ilha, transformando as formigas (μύρμηξ), em seres humanos (Ovídio, *Metamorfoses*, Livro VII, versos 523-660). Em alguns momentos, o termo é empregado como metonímia para os Gregos (*Myrmidonumque dolos* – os dolos dos Mirmidões –, para designar o fingimento de Sínon, verso 252).

**Monstro Infeliz** (*monstrum infelix*, v. 245): O cavalo de Troia. Vide **Máquina Fatal**.

**Muralhas dos Dardânidas** (*moenia Dardanidum*, v. 242): Muralhas de Troia.

**Muralhas Pelópias** (*Pelopea...moenia*, v. 193): As muralhas gigantescas ou muralhas ciclópicas que cercavam Micenas. O termo serve a designar a Grécia, tendo em vista que o reino de Agamêmnon, Micenas, era o mais importante. Por outro lado, a expressão também lembra a genealogia de Agamêmnon, vez que seu pai Atreu era filho de Pélops.



**Muralhas Ciclópicas ou Pelópias da Fortaleza de Micenas. Micenas, Grécia.**



**Muralhas Ciclópicas, em Micenas.**

# N

---

**Neoptólemo** (*Neoptolemus*, v. 263; *Neoptolemum*, v. 500; *Neoptoleum*, v. 549): Filho de Aquiles, cujo nome é Pirro, tratado inicialmente como descendente de Peleu (*Pelides*), presente, com outros, no interior do cavalo de madeira. A narrativa o dá como se fosse o primeiro na linha de combate (*Pelides Neoptolemus primusque*). No verso 549, quando responde com escárnio a Príamo, antes de matá-lo, Pirro trata a si mesmo como Neoptólemo, que significa o *novo guerreiro*. Vide **Pirro**.

**Nereu** (*Nereus*, v. 419): O velho do mar, casado com Dóris, pai das cinquenta Nereidas, dentre elas, Thétis, mãe de Aquiles. No trecho, há uma comparação da violência dos Argivos com a violência das tempestades marinhas, quando Nereu levanta as ondas com o seu tridente cruel.

**Netúnia** (*Neptunia*, v. 625): Vide **Troia Netúnia**.

**Netuno** (*Neptuno*, v. 201; *Neptunus*, v. 610): Netuno, deus do mar, Posídon para os Gregos. Segundo Homero (*Ilíada*, Canto, VII, v. 451-453), a construção dos muros de Troia é de sua autoria, juntamente com Apolo, ou só de sua autoria, como se observa no Canto XXI da *Ilíada*, versos 436-449, sob as ordens de Laomedonte, enquanto Apolo apascentava os bois daquele rei. A primeira referência diz respeito a Laocoonte como seu sacerdote (verso 201); a segunda (verso 610) alude ao momento da destruição de Troia, quando o deus derruba os muros que ele mesmo construiu.



**Posídon ou Júpiter. Imagem em bronze do século V a. C. Museu Nacional de Atenas.**

**Nora da Divina Vênus** (*diuae Veneris nurus*, v. 787): Creúsa, para tranquilizar Eneias, diz-lhe que sua condição de nora da divina Vênus não permitirá que ela seja escrava dos Argivos.

**Notos** (*Notus*, v. 417): Vento Sul, quente e carregado de umidade, relacionado ao grego Νότος, ου e representado na Torre dos Ventos, em Atenas, como um jovem despejando água de uma urna. Notos está presente na comparação da violência dos Argivos com a tempestade no mar. Vide **Austro, Austros**.

# O

---

**Oceano** (*Oceano*, v. 250): Um dos Titãs, o rio Oceano circunda a terra e separa os homens dos deuses.

**Olimpo** (*Olympi*, v. 779): Morada celeste dos deuses.

**Oráculos de Febo** (*oracula Phoebi*, v. 114): O Oráculo de Febo Apolo mais famoso estava em Delfos, na Grécia Continental, na região da Fócida; na Tróade, porém, em Smintas, Crises e Tênedos, havia santuários de Apolo, conforme se pode ver na evocação ao deus feita por Crises, na *Ilíada* (Canto I, versos 37-39).



**Templo de Apolo em Delfos.**



**Umbigo do Mundo (Ômphalos), no santuário de Apolo, em Delfos.**



**Umbigo do Mundo (Ômphalos), representação da época Helenística ou Romana.  
Museu de Delfos.**



**Rocha da Sibila, no santuário de Apolo em Delfos.**

**Orco** (*Orco*, v. 398): Originalmente, para os Gregos, o Orco, filho de Éris, é o juramento (Hesíodo, *Teogonia*, v. 231), que pune os perjuros. Quando da ajuda da Oceanina Estiges a Zeus, como a primeira divindade a colocar-se a seu lado na luta contra os Titãs, o deus dos deuses, transformou a filha de Oceano no grande juramento dos deuses (μέγα ὄρκος, versos 400 e 784). É por suas águas como um dos rios dos infernos, que se faz o juramento imperecível (ὄρκος ἄφθιτος, *Teogonia*, verso 805). Entre os latinos é uma divindade infernal, às vezes confundida com a própria morte. Por metonímia, Orco passa a designar o próprio inferno. Eneias, no relato dos primeiros combates contra os Dânaos, diz que o estratagema de Corebo – vestir as armas dos inimigos e assim enganá-los – dá certo. Com isto, os Troianos fizeram descer muitos dos Dânaos para o Orco (*multos Danaum demittimus Orco*, verso 398). Dumézil ensina que Plauto assimila Orco a Plutão, reinando sobre o Aqueronte, de que ele faz o reino dos mortos (2000, p. 374).

**Otríades** (*Othryades*, v. 319; *Othryadae*, v. 336): Filho de Ótris. Ótris ou Otreu é citado por Príamo, no Canto III da *Ilíada* (verso 186), como um herói com quem o rei de Troia tinha lutado na batalha contra as Amazonas. Vide **Pantos**.

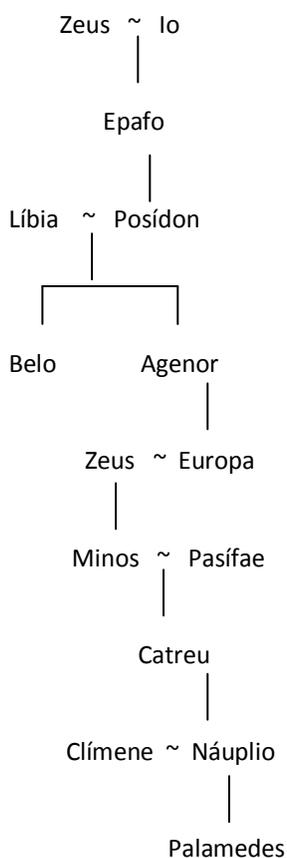
# P

---

**Pai dos Deuses e Rei dos Homens** (*diuom pater atque hominum rex*, v. 648): Trata-se de Júpiter, citado por Anquises com tal epíteto, quando o velho rei diz ter sido punido pelo deus, tendo sido atingido por seu raio. Segundo a tradição, a punição se deu por Anquises ter revelado sua união com Vênus (Hino a Afrodite I, v. 286-290). Epíteto semelhante de Júpiter/Zeus é muito usual em Homero e Hesíodo – *Zeus pai dos homens e dos deuses* (Ζεὺς πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε). Vide **Júpiter**.

**Paládio** (*Palladium*, v. 166; *Palladio*, v. 183): Estátua de Palas Atena, roubada de seu templo em Troia por Diomedes e Ulisses. Havia uma profecia no sentido de que Troia jamais seria tomada se a estátua da deusa Palas continuasse no seu templo. Mesmo estando Palas contra os Troianos, enquanto sua estátua estivesse no templo, ela protegeria a cidade. O cavalo de madeira deixado pelos Gregos na praia de Troia seria, segundo as palavras de Sínon, repetindo a interpretação dos presságios de Calcas, uma reparação ao sacrílego roubo do Paládio pelos Gregos Ulisses e Diomedes, que tocaram a estátua com as mãos sujas de sangue. Nos *Fastos* (Livro VI, versos 419-436), Ovídio nos conta que, pela tradição, uma efígie de Minerva em armas, de origem celeste, caiu sobre as colinas da cidade de Ílion. A consulta a Apolo Esminteu revelou que a guarda da deusa é a guarda da cidade, pois junto com ela se transferirá a sede de sua soberania. Ilos, ancestral dos Troianos, a põe sob a sua salvaguarda, encerrando-a no cume da cidadela e transmitindo este cuidado a seu herdeiro Laomedonte. No reinado de Príamo, esse cuidado foi mal assegurado, pela vontade mesma da deusa, por causa do julgamento de Páris, que derrotou sua beleza. A estátua, então, foi levada, por Diomedes, por Ulisses ou pelo piedoso Eneias. De qualquer forma, o Paládio encontra-se, segundo Ovídio, em Roma, sob a proteção de Vesta.

**Palamedes** (*Palamedis*, v. 82): Herói Argivo que lutou em Troia. Por ter descoberto a falsa loucura de Ulisses, que assim procurava não ir para a guerra de Troia, Palamedes é perseguido pelo rei de Ítaca até matá-lo, acusando-o de traição. A história que Sínon conta aos Troianos da perseguição e morte de Ulisses a Palamedes é verdadeira e conhecida, embora não seja exatamente verdade que ele, Sínon, tenha sido perseguido pela sua amizade com o herói morto, mas é a verossimilhança que seduz os Troianos. Palamedes é filho de Clímene e Náuplio, que descende de Catreu, ele mesmo filho de Minos. Como Minos é filho de Zeus e Europa, e a princesa Fenícia raptada por Zeus transformado em touro é filha de Agenor, irmão de Belo, temos aí a linhagem asiática do herói Palamedes.



**Palas** (*Palladis*, v. 15; *Palladis*, v. 163; *Pallas*, v. 615): Deusa da sabedoria, da guerra e das artes. Na guerra de Troia ficou ao lado dos Dânaos. É sob a sua inspiração que os Dânaos constroem o cavalo, em cujo bojo conseguirão entrar na cidade de Príamo, para destruí-la (*ductores Danaum tot iam labentibus annis/ instar montis equom diuina Palladis arte/ aedificant, sectaque intexunt abiete costas – os chefes dos Dânaos, já decorridos tantos anos, constroem um cavalo com a altura de um monte, pela divina arte de Palas, e com pinheiro cortado entrelaçam os flancos*, versos 14-16). Eneias a chama de Palas Tritônia (*Tritonia Pallas*, verso 615), no momento da destruição de Troia, quando a deusa aparece agitando a égide do alto da cidadela, infundindo o terror nos Troianos. Sobre o epíteto Tritônia, há uma série de controvérsias etimológicas. Uma das explicações possíveis é a relação com a fonte Trítonis, na Arcádia, onde teria nascido Palas Atena. Por outro lado, este epíteto está relacionado com outro, *Tritogeneia*, segundo Chantraîne (1999), de origem obscura.



**Torso de Palas Atena, com a Égide. Mármore do século V a. C. Museu da Ágora, Atenas.**

**Palas Tritônia** (*Tritonia...Pallas*, v. 615): Vide **Palas**.

**Pantos** (*Panthus*, v. 318; *Panthus*, v. 319; *Panthu*, v. 322; *Panthu*, v. 429): Filho de Ótris e sacerdote de Apolo, que anuncia a Eneias o fim de Troia. Havia chegado o último dia e a hora inelutável da Dardânia (*Venit summa dies et ineluctabile tempus/Dardaniae*. – versos 325-326). A narrativa de Pantos mostra os guerreiros saindo de dentro do cavalo de madeira e outra horda de Dânaos entrando pelas portas abertas da cidade. Sínon, por sua vez, semeia o incêndio. É o fim de Troia e dos Troianos – *Fuimus Troes, fuit Ilium et ingens/gloria Teucrorum* (versos 325-326). Nem o fato de ser sacerdote de Apolo o livrou de ser morto pelos Dânaos nas primeiras batalhas entre as duas hostes. Pantos é citado no Canto III da *Ilíada* (versos 146) como um dos anciãos já afastados do combate, mas brilhante pela eloquência, que se encontra no alto da muralha de Troia, junto a Príamo.

**Pantos Otríades** (*Panthus Othryades*, v. 319): Vide **Pantos**.

**Páris** (*Paris*, v. 602): Filho de Príamo, raptor de Helena. Para Vênus, a causa da destruição de Troia não se deve creditar a Páris ou a Helena, mas aos deuses.



Fagmento de relevo de sarcófago, representando o julgamento de Páris. Da esquerda para a direita, podemos observar Hera, Palas Atena, Hermes, Afrodite, a ninfa Enone, Páris, Cupido e a alegoria do Monte Ida. Mármore do século II a. D., Palazzo Altemps, Roma.



**Fragmento de sarcófago com o Julgamento de Páris, em relevo. Da esquerda para a direita, podemos identificar Palas Atena, Hera, Afrodite, Hermes e Páris. Museu do Vaticano.**

**Pater Aeneas** (*pater Aeneas*, v. 2): Um dos epítetos de Eneias. Vide **Eneias**.

**Pelasgos** (*Pelasgi*, v. 83; *Pelasgae*, v. 106; *Pelasga*, v. 152): Nome poético para designar os Gregos, de modo geral. Pelásgia era o antigo nome do Peloponeso e de parte da região da Tessália. O rei do Peloponeso se chamava Pelasgos, considerado em uma das tradições como um dos filhos de Níobe e de Zeus (Vide Apolodoro, *Biblioteca*, Livro 2, 1), o outro é Argos. Pelasgos teve vários filhos, dentre eles Lycáon, pai de Calisto que, com Zeus, teve Arcas, o herói epônimo da Arcádia (Apolodoro, *Biblioteca*, 3, 8). Apolodoro, no mesmo capítulo, afirma ainda que, para Hesíodo, Pelasgos nasceu do solo do Peloponeso. Não conseguimos, no entanto, encontrar a referência ao texto hesiódico referido. Na tragédia *As suplicantes* (versos 348-349), Eurípides mostra o rei Pelasgos, filho de Palécton, recebendo Dânaos e as Danaides,

fugitivos de Aigyptos, que, chegando ao Peloponeso, buscam a sua proteção.

**Pélias** (*Pelias*, v. 435; *Pelias*, v. 436): Troiano, ferido por Ulisses, que escapa com Eneias.

**Pelida** (*Pelides*, v. 263; *Pelidae*, v. 548): Epíteto usado tanto para Aquiles, como filho de Peleu, quanto para Neoptólemo, seu filho, como neto de Peleu, caso do verso 263.

**Pelópias** (*Pelopea*, v. 193): Vide **Muralhas Pelópias**.

**Penates** (*penatis*, v. 293; *penatis*, v. 514; *penatis*, v. 717; *penatis*, v. 747): Deuses domésticos protetores do lar e da cidade, velando pelo bem-estar de seus habitantes. A primeira referência aos Penates se encontra na passagem em que a visão de Heitor aconselha Eneias a fugir de Troia, levando consigo os deuses da cidade, pois ele foi incumbido de fundar uma nova Troia (verso 293). A segunda referência diz respeito à descrição do lugar onde se encontram os Penates no palácio de Príamo, invadido por Pirro: no meio do palácio, a céu descoberto, havia um imenso altar (*ingens ara*, verso 513), junto de um loureiro muito velho que, inclinado sobre o altar, dava sombra sobre os Penates (verso 514). A terceira alusão (verso 717) refere-se ao momento da fuga de Eneias, quando ele confia ao pai os Penates pátrios, por estar ele próprio impuro da carnificina da guerra. A última referência diz respeito à ocasião em que Eneias deixa o pai, o filho e os Penates Teucros em lugar seguro, confiados aos companheiros, e sai para tentar achar Creúsa, que, na fuga, havia se desgarrado (verso 747).

**Penates Pátrios** (*patrios penatis*, v. 717): Vide **Penates**.

**Penates Teucros** (*Teucros penatis*, v. 747): Vide **Penates**.

**Peneleu** (*Penelei*, v. 425): Grego sob cujas mãos morre Corebo. Segundo a *Ilíada* (Canto II, verso 495), Peneleu vem da Beócia.

**Pérgama** (*Pergama*, v. 177; *Pergama*, v. 291; *Pergama*, v. 375; *Pergama*, v. 556; *Pergama*, v. 571): Referência à fortaleza de Troia, por extensão é a própria Troia. A palavra ainda pode servir de metonímia para fortaleza ou cidadela, como se pode perceber em *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo (verso 956). Pérgamo também pode designar (não é o caso das referências em questão) a cidade da região da Mísia, na Ásia Menor, próxima a Troia.

**Perifas** (*Periphas*, v. 476): Jovem guerreiro de Ésquiros que acompanha Pirro a Troia e o ajuda a incendiar a cidade.

**Pirro** (*Pyrrhus*, v. 469; *Pyrrhus*, v. 491; *Pyrrhi*, v. 526; *Pyrrhus*, v. 529; *Pyrrhus*, v. 547; *Pyrrhus*, v. 662): Nome de Neoptólemo, chamado de Pirro, pois era ruivo como o pai, Aquiles. A primeira visão de Pirro por Eneias, no palácio de Príamo, é a de um guerreiro resplandecente, sob as armas de bronze, tal como Aquiles é visto nos Cantos XIX a XXII da *Ilíada* (*Pyrrhus/exsultat telis et luce coruscus aena*, versos 469-470). A comparação de Pirro com a serpente dá bem a medida do perigo que o jovem guerreiro representa. Pirro, sempre entre os primeiros, no momento da tomada de Troia, chega ao palácio de Príamo, armado com uma bipene (Vide imagem 29, no *Apêndice Iconográfico*), força as portas e entra. Tão ardoroso quanto o pai, ele força o ataque, causando pavor a todos no interior do palácio de Príamo, persegue Polites, seu filho, e o mata diante dos pais. Rebatendo a ira de Príamo, bem como a débil flecha lançada contra si pelo velho rei, Pirro escarnece, dizendo a Príamo para ser seu mensageiro diante do pai, Aquiles, e mata o velho rei. Diante da resistência de Anquises em abandonar Troia, fugindo consigo, Eneias teme que Pirro lhe mate o pai também e decide voltar ao combate contra os Dânaos. Vide **Neoptólemo**.

**Polites** (*Polites*, v. 526): Filho de Príamo, morto por Pirro, diante dos olhos de seus pais. No Canto II da *Ilíada* (versos 791 *et passim*), Íris, a mensageira dos deuses, a mando de Zeus, assume a voz de Polites, para exortar os Troianos a combater os Aqueus. É o momento em que se

prepara o catálogo dos heróis Troianos. O fato de Íris assumir a voz de Polites para levar aos Troianos a mensagem de Zeus, é porque Homero trata o filho de Príamo como *Polites, o nobre pelo grito de guerra vingador da morte* (*Ilíada*, Canto XXIV, verso 250).

**Portas Escaias** (*Scaeas...portas*, v. 612): As Portas Escaias (σκαῖαι πύλαι) são as portas principais de Troia. Elas se situam, como o nome sugere, voltadas para o Ocidente, portanto, do lado esquerdo em relação ao nascer do sol. A palavra σκαῖός, em grego, designa o lado esquerdo, tomado como símbolo de maus augúrios, por ser o lado em que o sol se põe. Deste modo, o fato de Troia ter sua porta principal voltada para o Ocidente já diz do seu destino trágico, que a levará à destruição. É diante das Portas Escaias que Juno, furiosa, cingida de ferro, portanto, armada, favorece os Gregos, no momento da destruição da cidade.

**Priameia** (*Priameia*, v. 403): Referência a Cassandra como virgem Priameia, nascida de Príamo. Vide **Cassandra**.

**Príamo** (*Priami*, v. 22; *Priami*, v. 57; *Priamus*, v. 147; *Priami*, v. 191; *Priamo*, v. 291; *Priamo*, v. 344; *Priami*, v. 437; *Priami*, v. 454; *Priami*, v. 484; *Priamum*, v. 501; *Priami*, v. 506; *Priamum*, v. 518; *Priamus*, v. 533; *Priamo*, v. 541; *Priami*, v. 554; *Priamus*, v. 581; *Priami*, v. 662; *Priami*, v. 760): Rei de Troia, marido de Hécuba, pai de Páris, Heitor e Cassandra. Príamo tem seu palácio invadido por Pirro e tenta impedir a investida do jovem guerreiro, vestindo inutilmente suas armas – *senior inutile ferrum cingitur* (versos 509-511). Recriminado por Hécuba por seu gesto insano, Príamo é instado pela esposa para sentar-se numa cadeira sagrada, perto do altar doméstico. Diante do espetáculo doloroso da morte do filho Polites pelas mãos de Pirro, Príamo se dirige ao filho de Aquiles, invectivando contra o jovem guerreiro, por ter feito de um pai a testemunha da morte do filho, contaminando seus olhos com o cadáver. A justiça divina deverá fazer Pirro pagar por tal coisa. Príamo ainda lembra que Aquiles foi mais complacente quando o recebeu, na ocasião

em que ele foi à tenda do Pelida, para regastar o cadáver de Heitor e lhe conceder as honras fúnebres (Vide *Ilíada*, Canto XXIV). A cena da morte de Príamo é, a um só tempo, bela e terrível: arrastado por Pirro, sujando os pés no sangue do filho sem vida, Príamo é morto vendo a ruína de Pérgamo e as chamas de Troia, ele que fora um poderoso senhor da Ásia. Depois é degolado ao pé do altar doméstico. Quando Eneias retorna à cidade, em busca de Creúsa, ele vê o incêndio no palácio de Príamo. Os Dânaos haviam, definitivamente, tomado conta da cidade.

# R

---

**Raça Argólica** (*Argolica...gente*, v. 78): Argólicos ou Argivos é o nome por que, genericamente, designam-se os Gregos. A Argólida é a região ao Nordeste do Peloponeso, cuja capital é Argos, o poderoso reino de Agamêmnon.

**Refúgios Argólicos** (*Argolicas...latebras*, v. 55): Trata-se do esconderijo dos Dânaos, no bojo do cavalo.

**Rei do Súpero Olimpo** (*superi regnator Olympi*, v. 779): Epíteto de Júpiter, empregado por Creúsa.

**Ripeu** (*Rhipeus*, v. 339; *Rhipeus*, v. 394; *Rhipeus*, v. 426): Companheiro de Eneias nos primeiros combates aos Dânaos, quando da invasão e tomada de Troia. A conselho de Corebo, Ripeu toma para si as armas dos Dânaos mortos, de modo a causar confusão entre as hostes inimigas. Ripeu morre em meio aos combates, celebrado por Eneias como o mais justo e o mais servidor da equidade entre os Teucros (*iustissimus unus/qui fuit in Teucris et seruantissimus aequi*, versos 426-427).

# S

---

**Sigeios** (*Sigea*, v. 312): Vide **Estreitos Sigeios**.

**Sínon** (*Sinonem*, v. 79; *Sinonis*, v. 195; *Sinon*, v. 259; *Sinon*, v. 329): Jovem Argivo aprisionado pelos pastores Troianos. Seu relato extremamente verossímil sensibiliza os Troianos que passam a acreditar que ele realmente fugiu do meio dos Dânaos por causa da perseguição de Ulisses movida contra ele. Na realidade, tudo o que Sínon conta aos Troianos fora forjado por Ulisses. É com dor que Eneias se lembra de quão ingênuos foram todos em terem acreditado nas palavras de Sínon. As palavras insidiosas e fingidas de Sínon, acompanhadas de lágrimas, fizeram o que nem Diomedes, nem Aquiles (Vide as ações desses dois heróis na *Ilíada*. Diomedes entre os Cantos V e X, e Aquiles, entre os Cantos XX e XXIV), nem dez anos de guerra e mil navios conseguiram fazer: destruir Troia (versos 195-198). As grandes linhas do discurso fingido, porém verossímil de Sínon são a *tradição* – os fatos a que ele se refere são conhecidos por todos, inclusive pelos Troianos (astúcia de Ulisses, sacrifício de Ifigênia, dissensão entre Ulisses e Palamedes, roubo do Paládio por Ulisses e Diomedes) –; a *emoção* – Sínon se coloca na pele de vítima da crueldade e da astúcia de Ulisses, excitando e suscitando a piedade dos troianos –, e a *religiosidade* (o cavalo como oferenda para reparar a ofensa feita a Palas, no roubo do Paládio; a punição de Laocoonte e a vitória na guerra, caso o cavalo seja levado para dentro das muralhas). Na narrativa de Pantos a Eneias, Sínon é o responsável por semear o incêndio em Troia, insultando, assim, os que nele acreditaram.

# T

---

**Tênedos** (*Tenedos*, v. 21; *Tenedo*, v. 203): Pequena Ilha no Mar Egeu, em frente a Troia. É lá onde os Dânaos se escondem, fingindo ter partido para suas terras e abandonado a guerra. De lá, partem as duas imensas serpentes que sufocam e matam Laocoonte e seus filhos .

**Thessandro** (*Thessandrus*, v. 261): Herói Grego que se encontrava dentro do cavalo de madeira levado para Troia.

**Thoas** (*Thoas*, v. 262): Herói Grego que se encontrava dentro do cavalo de madeira levado para Troia.

**Têucria** (*Teucria*, v. 26): A Tróade, a região que engloba Troia.

**Teucros** (*Teucris*, v. 48; *Teucris*, v. 247; *Teucris*, v. 252; *Teucrum*, v. 281; *Teucrorum*, v. 326; *Teucris*, v. 366; *Teucris*, v. 427; *Teucris*, v. 459; *Teucros*, v. 571; *Teucros*, v. 747): Nome genérico para designar os Troianos. Teucro era um dos ancestrais dos Troianos, filho do rio Escamandros. Teucro gerou Batieia, cujos descendentes do casamento com Dárdanos resultarão em Príamo e seus filhos. No Livro III da *Eneida* (versos 103-110), veremos Anquises se referindo a Teucros, o *Pai Maior*, como o primeiro a chegar nas planícies de Troia, saído de Creta, quando nem Ílion nem as cidadelas de Pérgamo existiam, para habitar o fundo dos vales.

**Tibre** (*Thybris*, v. 782): Rio que corta a região do Lácio, onde nascerá a cidade de Roma. De acordo com a tradição, os Lídios, povos da Ásia Menor, foram os primeiros a chegar ao Lácio. Heródoto (Livro I, 94) narra o estratagema utilizado pelo rei dos Lídios, Átis, para escapar à grande fome que grassava na Lídia. Ele dividiu seu povo em dois, um permaneceria na Lídia, outro emigraria. À frente do grupo que emigrou, Átis colocou o próprio filho Tirreno ou Tirsenos. Este grupo se deslocou até Smirna, litoral da Ásia Menor, entre a Eólia e a Jônia, fabricou navios

e se pôs ao mar, em busca de um lugar para viver. Após terem cotejado vários povos, chegaram à região dos Úmbrios, onde estabeleceram cidades e mudaram o nome de Lídios para Tirrenos. Daí o nome que o rio recebe na fala de Creúsa a Eneias, Tibre Lídio.



Visão do Tibre e do Castelo de Sant'Ângelo, antigo Mausoleu de Adriano

**Tibre Lídio** (*Lydius...Thybris*, v. 781-782): Vide **Tibre**.

**Tidida** (*Tydides*, v. 164; *Tydides*, v. 197): Referência a Diomedes, filho de Tideu. Nos versos 163-164, deste Livro II da *Eneida*, Sínon se refere a Diomedes como o *ímpio Tidida*, a fim de creditar ao herói o fracasso dos Dânaos diante de Troia, pelo fato de que Diomedes havia tocado no Paládio com as mãos cheias de sangue (*manibus cruentis*, verso 167). Assim, Sínon daria uma verossimilhança maior ao seu relato.

**Timoetes** (*Thymoetes*, v. 32): Ancião Troiano, que na *Ilíada* (Canto III, verso 146) faz parte dos que estão na muralha junto com Príamo, vendo a formação do exército Argivo. Neste Livro II da *Eneida*, Timoetes exorta os Troianos a introduzir o cavalo de madeira para dentro dos muros de Troia. Desse modo, Palas não receberia a oferenda e os Dânaos não retornariam para nova e vitoriosa guerra contra os Troianos. Gaffiot (2000), abonando a passagem da *Eneida*, dá Timoetes como um dos filhos de Príamo; Grimal o vê como cunhado de Príamo (2007).

**Tindarida** (*Tyndarida*, v. 569; *Tyndaridis*, v. 601): Helena, filha de Zeus, porém criada por Tíndaro, seu pai terreno. Na ótica de Eneias, que sente ímpetos de matá-la ao vê-la escondida no templo de Vesta, temendo as consequências do seu ato, Helena é uma Erínia comum a sua pátria e a Troia (verso 573), funesta, portanto. Vide **Erínias**.

**Tritônia** (*Tritonia*, v. 171; *Tritonidis*, v. 226; *Tritonia*, v. 615): Vide **Palas**.

**Troas** (*Troes*, v. 325): Troianos.

**Troia** (*Troiae*, v. 11; *Troiae*, v. 34; *Troia*, v. 56; *Troiam*, v. 60; *Troia*, v. 108; *Troia*, v. 161; *Troia*, v. 290; *Troia*, v. 293; *Troiam*, v. 342; *Troia*, v. 461; *Troiam*, v. 555; *Troiae*, v. 573; *Troia*, v. 581; *Troiam*, v. 603; *Troiae*, v. 622; *Troia*, v. 625; *Troia*, v. 637; *Troiae*, v. 660; *Troia*, v. 703; *Troiam*, v. 751): Troia. Próspera cidade da Ásia Menor, reino de Príamo, às margens do Helesponto, que sofreu o cerco dos Argivos por dez anos, até ser destruída, a partir do estratagema do cavalo de madeira. Eneias diz que se os destinos enviados pelos deuses não tivessem cegado os Troianos, e eles tivessem feito tombar com o ferro o cavalo de madeira, Troia estaria, então, de pé e a alta fortaleza de Príamo permaneceria (*Troiaque nunc staret, Priamique arx alta maneres – Agora Troia estaria de pé e permaneceria, alta cidadela de Príamo*, verso 56). Na narrativa de Eneias, a última visão de Príamo são as chamas de Troia e a ruína de Pérgamo.

**Troia Netúnia** (*Neptunia Troia*, v. 625): Epíteto para Troia, vez que suas muralhas foram construídas por Netuno com a ajuda de Apolo. Vide **Netuno**.

**Troianas** (*Troianas*, v. 4): Relativas a Troia, oriundas de Troia.

**Troios** (*Troia*, v. 763): Referência aos tesouros de Troia (*Troia gaza*), espoliados pelos Dânaos e guardados por Ulisses e Fênix.

# U

---

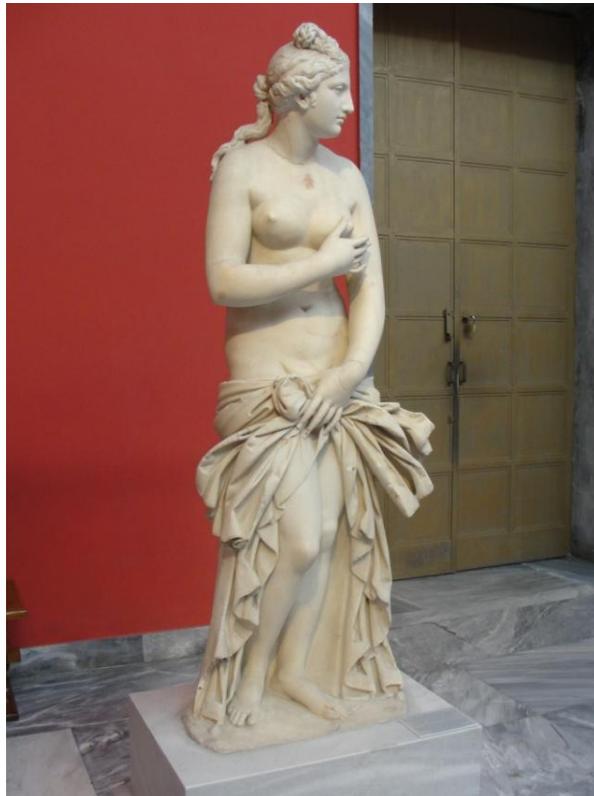
**Ucalegão** (*Vcalegon*, v. 312): Troiano surpreendido pelo incêndio. Ucalegão é citado no Canto III da *Ilíada* (verso 148) como um dos anciãos já afastados do combate, mas brilhante pela eloquência, que se encontra no alto da muralha de Troia, junto a Príamo.

**Ulisses** (*Vlixí*, v. 7; *Vlixes*, v. 44; *Vlixí*, v. 90; *Vlixes*, v. 97; *Vlixes*, v. 164; *Vlixes*, v. 261; *Vlixí*, v. 436; *Vlixes*, v. 762): Nome latino de Odisseus. Suas aventuras de retorno a Ítaca, onde era rei, são narradas na *Odisseia*. As referências a Ulisses são, em geral, com relação a sua astúcia, sempre danosa para os inimigos. Eneias se refere, inicialmente, aos soldados do cruel Ulisses, que, igualmente aos Mirmidões e aos Dólopes, não reteriam suas lágrimas se ouvissem seu triste relato (*Quis talia fando/ Myrmidonum Dolopumue aut duri Miles Ulixi/ temperet a lacrimis? – Quem falando tais coisas, dos Mirmidões ou dos Dólopes ou soldado do duro Ulisses, será moderado com relação às lágrimas?*, versos 6-8). Ulisses é referido por sua astúcia, na fala de Laocoonte, e na narrativa de Sínon, para emprestar uma maior verossimilhança, o Argivo se refere ao roubo do Paládio por Diomedes e Ulisses, aludindo aos dois amigos como o *ímpio Tidida* (*impius Tydides*, verso 163-164) e o *inventor de crimes* (*scelerum inuentor*, verso 164), respectivamente. Ulisses também se encontra dentro do cavalo de madeira. Já ao final de seu relato, quando parte em busca de encontrar Creúsa, Eneias vê Ulisses, junto com Fênix, tomando conta dos tesouros espoliados de Troia.

# V

---

**Vênus** (*Veneris*, v. 787): Deusa do amor e da beleza, mãe de Eneias, que lhe mostra a verdadeira causa da destruição de Troia. Troia cai pela inclemência dos deuses (*diuom inclementia*, verso 602). Eneias nada pode fazer para salvá-la, a não ser fugir para fundar uma nova cidade, com a anuência dos deuses. Na referência do verso 787, Creúsa tranquiliza Eneias, dizendo que não será escrava dos Dânaos vencedores, ela que vem de Dárdanos, portanto de Zeus, e que é nora da divina Vênus.



**Afrodite ou Vênus, versão em mármore de Paros, do século II a. D., a partir do original do século IV a.C. (Museu Nacional de Atenas).**

**Vesta** (*Vestam*, v. 296; *Vestae*, v. 567): A deusa Vesta, deusa do fogo sagrado que protege o lar e a cidade. Para os Gregos, ela é Héstia, filha de Zeus e Hera. Com a passagem do verso 296, Virgílio explica como o culto de Vesta foi introduzido no Lácio: Eneias, a conselho da visão de Heitor, leva consigo os Penates de Troia e a deusa Vesta, para o seu novo destino. É em seu templo que Helena se esconde, no momento da destruição de Troia, temendo as consequências do seu ato. Ovídio, nos *Fastos*, numa louvação a Augusto César, fala de sua elevação a *Pontifex Maximus*, no ano 12 a.D., e de sua função de presidir o fogo eterno de Vesta. Na sequência, Ovídio fala de como Vesta, deusa da antiga Troia, foi introduzida no Lácio, pelas mãos de Eneias, e, tempos depois, Augusto, descendente de Eneias tem a incumbência de protegê-la (*Fastos*, Livro III, versos 421-427). Vide imagens 32 e 33, no *Apêndice Iconográfico*.



**Templo de Vesta, no Fórum Romano. Roma.**



**Estátua de Vestal. Átrio do Templo de Vesta. Fórum Romano.**

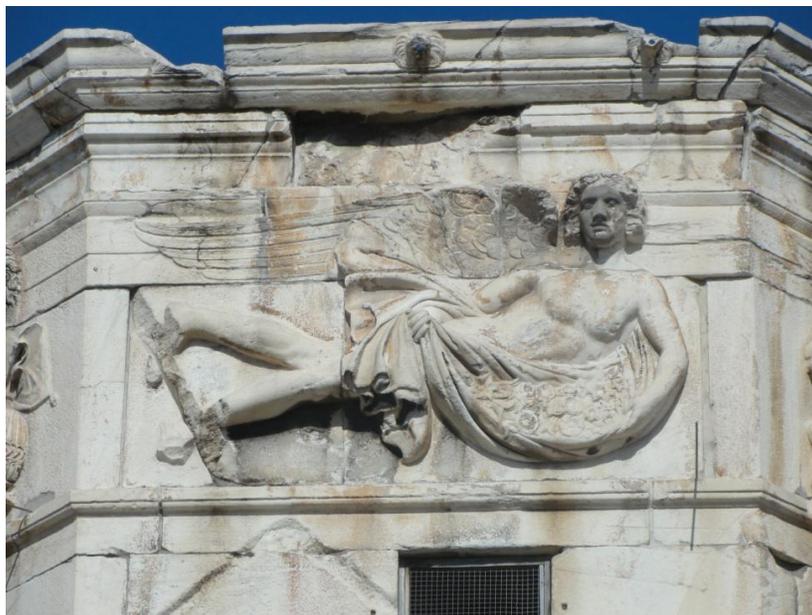
**Virgem Degolada** (*uirgine caesa*, v. 116): Referência implícita a Ifigênia, no relato de Sínon aos Troianos, e a seu pretense sacrifício em Áulis, para desagravo da deusa Ártemis (Vide *Ifigênia em Áulis*, de Eurípidés).

**Virgem Priameia** (*Priameia uirgo*, v. 403): Vide **Cassandra**.

**Vulcano** (*Volcano*, v. 311): Deus do fogo, célebre por sua técnica de fabricação de todas as coisas. Hefestos para os Gregos. Nesta passagem, o deus é tomado metonimicamente pelo próprio fogo: *Iam Deiphobi dedit ampla ruinam/Volcano superante domus – Já a ampla casa de Deífobo desabou com Vulcano que se eleva* (versos 310-311).

# Z

**Zéfiro** (*Zephyrus*, v. 417): Vento do Oeste, brando e tépido, relacionado a Ζέφυρος, ου. Na Torre dos Ventos, em Atenas, é Zéfiro quem traz as flores primaveris. Para Hesíodo, Zéfiro, juntamente com Bóreas e Notos é um dos filhos de ânimo poderoso ou violento ( ἼΑΣτραίῳ δ' Ἡὼς ἀνέμους τέκε καρτεροθύμους, verso 378), gerados por Aurora e Astreu (*Teogonia*, v. 378-382). Para Ovídio, nas *Metamorfoses*, Zéfiro é vento vizinho do poente, de Vésper e dos litorais tépidos (Livro I, versos 63-64). Vide imagem 34, no *Apêndice Iconográfico*.



Representação do Zéfiro, Vento Oeste, na Torre dos Ventos, na Ágora Romana (Atenas)

# *Eneida*, Livro II

Texto em Latim

---

Conticuere omnes intentique ora tenebant.  
Inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto:  
Infandum, regina, iubes renouare dolorem,  
Troianas ut opes et lamentabile regnum  
5 eruerint Danaï, quaeque ipse miserrima uidi

et quorum pars magna fui. Quis talia fando  
Myrmidonum Dolopumue aut duri miles Vlxi  
temperet a lacrimis? et iam nox umida caelo  
praecipitat suadentque cadentia sidera somnos.  
10 Sed si tantus amor casus cognoscere nostros

et breuiter Troiae supremum audire laborem,  
quamquam animus meminisse horret luctuque refugit,  
incipiam. Fracti bello fatisque repulsi  
ductores Danaum tot iam labentibus annis  
15 instar montis equom diuina Palladis arte

aedificant, sectaque intexunt abiete costas;  
uotum pro reditu simulant; ea fama uagatur.  
Huc delecta uirum sortiti corpora furtim  
includunt caeco lateri penitusque cauernas  
20 ingentis utrumque armato milite complent.

Est in conspectu Tenedos, notissima fama  
insula, diues opum Priami dum regna manebant,  
nunc tantum sinus et statio male fida carinis;  
huc se prouecti deserto in litore condunt.  
25 Nos abiisse rati et uento petiisse Mycenae.

Ergo omnis longo soluit se Teucra luctu;  
panduntur portae, iuuat ire et Dorica castra  
desertosque uidere locos litusque relictum:  
hic Dolopum manus, hic saeuos tendebat Achilles;  
30 classibus hic locus, hic acie certare solebant.

Pars stupet innuptae donum exitiale Mineruae  
et molem mirantur equi; primusque Thymoetes  
duci intra muros hortatur et arce locari,  
siue dolo seu iam Troiae sic fata ferebant.

35 At Capys, et quorum melior sententia menti,

aut pelago Danaum insidias suspectaque dona  
praecipitare iubent subiectisque urere flammis,  
aut terebrare cauas uteri et temptare latebras.  
Scinditur incertum studia in contraria uolgens.

40 Primus ibi ante omnis magna comitante caterua

Laocoon ardens summa decurrit ab arce,  
et procul «O miseri, quae tanta insania, ciues?  
creditis auectos hostis? aut ulla putatis  
dona carere dolis Danaum? sic notus Vlixes?

45 Aut hoc inclusi ligno occultantur Achiui,

aut haec in nostros fabricata est machina muros,  
inspectura domos uenturaque desuper urbi,  
aut aliquis latet error; equo ne credite, Teucri.  
Quidquid id est, timeo Danaos et dona ferentis.»

50 Sic fatus ualidis ingentem uiribus hastam

in latus inque feri curuam compagibus aluom  
contorsit. Stetit illa tremens, uteroque recusso  
insonuere cauae gemitumque dedere cauernae.  
Et, si fata deum, si mens non laeua fuisset,  
55 impulerat ferro Argolicas foedare latebras,

Troiaque nunc staret, Priamique arx alta maneres.  
Ecce, manus iuuenem interea post terga reuinctum  
pastores magno ad regem clamore trahebant  
Dardanidae, qui se ignotum uenientibus ultro,  
60 hoc ipsum ut strueret Troiamque aperiret Achiuis,

obtulerat, fidens animi atque in utrumque paratus,  
seu uersare dolos seu certae occumbere morti.

Vndique uisendi studio Troiana iuuentus  
circumfusa ruit certantque inludere capto.

65 Accipe nunc Danaum insidias et crimine ab uno

disce omnis.

Namque ut conspectu in medio turbatus, inermis,  
constitit atque oculis Phrygia agmina circumspexit:  
«Heu, quae nunc tellus,» inquit, «quae me aequora possunt  
70 accipere? aut quid iam misero mihi denique restat,

cui neque apud Danaos usquam locus, et super ipsi  
Dardanidae infensi poenas cum sanguine poscunt?»  
Quo gemitu conuersi animi compressus et omnis  
impetus. Hortamur fari quo sanguine cretus,  
75 quidue ferat; memoret quae sit fiducia capto

[Ille haec deposita tandem formidine fatur:]  
«Cuncta equidem tibi, rex, fuerit quodcumque, fatebor  
uera» inquit; «neque me Argolica de gente negabo;  
hoc primum; nec, si miserum Fortuna Sinonem  
80 finxit, uanum etiam mendacemque improba finget.

Fando aliquod si forte tuas peruenit ad auris  
Belidae nomen Palamedis et incluta fama  
gloria, quem falsa sub proditione Pelasgi  
insontem infando indicio, quia bella uetabat,  
85 demisere neci, nunc cassum lumine lugent:

illi me comitem et consanguinitate propinquom  
pauper in arma pater primis huc misit ab annis.  
Dum stabat regno incolumis regumque uigebat  
conciliis, et nos aliquod nomenque decusque  
90 gessimus. Inuidia postquam pellacis Vlxi

(haud ignota loquor) superis concessit ab oris,  
adflctus uitam in tenebris luctuque trahebam  
et casum insontis mecum indignabar amici.  
Nec tacui demens et me, fors si qua tulisset,  
95 si patrios umquam remeassem uictor ad Argos,

promisi ultorem et uerbis odia aspera moui.  
Hinc mihi prima mali labes, hinc semper Vlixes  
criminibus terrere nouis, hinc spargere uoces  
in uolgum ambiguas et quaerere conscius arma.  
100 Nec requieuit enim, donec Calchante ministro –

sed quid ego haec autem nequiquam ingrata reuoluo,  
quidue moror? si omnis uno ordine habetis Achiuos,  
idque audire sat est, iamdudum sumite poenas:  
hoc Ithacus uelit et magno mercentur Atridae.»  
105 Tum uero ardemus scitari et quaerere causas,

ignari scelerum tantorum artisque Pelasgae.  
prosequitur pauitans et ficto pectore fatur:  
«Saepe fugam Danaï Troia cupiere relictā  
moliri et longo fessi discedere bello;  
110 fecissentque utinam! saepe illos aspera ponti

interclusit hiems et terruit Auster euntis.  
Praecipue cum iam hic trabibus contextus acernis  
staret equos, toto sonuerunt aethere nimbi.  
Suspensi Eurypylum scitatum oracula Phoebi  
115 mittimus, isque adytis haec tristia dicta reportat:

«Sanguine placastis uentos et uirgine caesa,  
cum primum Iliacas, Danaï, uenistis ad oras:  
sanguine quaerendi reditus animaque litandum  
Argolica. » Volgi quae uox ut uenit ad auris,  
120 obstipuerē animi gelidusque per ima cucurrit

ossa tremor, cui fata parent, quem poscat Apollo.  
Hic Ithacus uatem magno Calchanta tumultu  
protrahit in medios; quae sint ea numina diuom  
flagitat. Et mihi iam multi crudele canebant  
125 artificis scelus, et taciti uentura uidebant.

Bis quinos silet ille dies tectusque recusat  
prodere uoce sua quemquam aut opponere morti.  
Vix tandem, magnis Ithaci clamoribus actus,  
composito rumpit uocem et me destinat arae.  
130 adsensere omnes et, quae sibi quisque timebat,

unius in miseri exitium conuersa tulere.  
Iamque dies infanda aderat; mihi sacra parari  
et salsae fruges et circum tempora uittae.  
Eripui, fateor, leto me et uincula rupi,  
135 limosoque lacu per noctem obscurus in ulua

delitui dum uela darent, si forte dedissent.  
Nec mihi iam patriam antiquam spes ulla uidendi  
nec dulcis natos exoptatumque parentem,  
quos illi fors et poenas ob nostra reposcent  
140 effugia, et culpam hanc miserorum morte piabunt

quod te per superos et conscia numina ueri,  
per si qua est quae restet adhuc mortalibus usquam  
intemerata fides, oro, miserere laborum  
tantorum, miserere animi non digna ferentis.»  
145 His lacrimis uitam damus et miserescimus ultro.

Ipsae uero primus manicas atque arta leuari  
uincla iubet Priamus dictisque ita fatur amicis:  
«quisquis es, amissos hinc iam obliuiscere Graios,  
noster eris; mihi que haec edissere uera roganti:  
150 quo molem hanc immanis equi statuere? quis auctor?

quidue petunt? quae religio? aut quae machina belli?»

Dixerat. Ille dolis instructus et arte Pelasga

sustulit exutas uinclis ad sidera palmas:

«uos, aeterni ignes, et non uiolabile uestrum

155 testor numen» ait «uos arae ensesque nefandi,

quos fugi, uittaeque deum, quas hostia gessi:

fas mihi Graiorum sacrata resolvere iura,

fas odisse uiros atque omnia ferre sub auras,

si qua tegunt; teneor patriae nec legibus ullis.

160 Tu modo promissis maneat seruataque serues,

Troia, fidem, si uera feram, si magna rependam.

Omnis spes Danaum et coepti fiducia belli

Palladis auxiliis semper stetit. Impius ex quo

Tydides sed enim scelerumque inuentor Vlixes,

165 fatale adgressi sacrato auellere templo

Palladium, caesis summae custodibus arcis,

corripuere sacram effigiem manibusque cruentis

uirgineas ausi diuae contingere uittas,

ex illo fluere ac retro sublapsa referri

170 spes Danaum, fractae uires, auersa deae mens,

nec dubiis ea signa dedit Tritonia monstris.

Vix positum castris simulacrum, arsere coruscae

luminibus flammae arrectis, salsusque per artus

sudor iit, terque ipsa solo (mirabile dictu)

175 emicuit parmamque ferens hastamque trementem

extemplo temptanda fuga canit aequora Calchas,

nec posse Argolicis excindi Pergama telis,

omina ni repetant Argis numenque reducant

quod pelago et curuis secum auexere carinis.

180 Et nunc quod patrias uento petiere Mycenae,

arma deosque parant comites pelagoque remenso  
improvisi aderunt. Ita digerit omina Calchas.  
Hanc pro Palladio moniti, pro numine laeso  
effigiem statuere, nefas quae triste piaret.  
185 Hanc tamen immensam Calchas attollere molem

roboribus textis caeloque educere iussit,  
ne recipi portis aut duci in moenia posset,  
neu populum antiqua sub religione tueri.  
Nam si uestra manus uiolasset dona Mineruae,  
190 tum magnum exitium (quod di prius omen in ipsum

conuertant!) Priami imperio Phrygibusque futurum;  
sin manibus uestris uestram ascendisset in urbem,  
ultra Asiam magno Pelopea ad moenia bello  
uenturam, et nostros ea fata manere nepotes.»  
195 Talibus insidiis periurique arte Sinonis

credita res, captique dolis lacrimisque coactis  
quos neque Tydides nec Larisaeus Achilles,  
non anni domuere decem, non mille carinae.  
Hic aliud maius miseris multoque tremendum  
200 obicitur magis atque improuida pectora turbat.

Laocoon, ductus Neptuno sorte sacerdos,  
sollemnis taurum ingentem mactabat ad aras.  
Ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta  
(horresco referens) immensis orbibus angues  
205 incumbunt pelago pariterque ad litora tendunt;

pectora quorum inter fluctus arrepta iubaeque  
sanguineae superant undas; pars cetera pontum  
pone legit sinuatque immensa uolumine terga.  
Fit sonitus spumante salo; iamque arua tenebant  
210 ardentisque oculos suffecti sanguine et igni

sibila lambebant linguis uibrantibus ora.  
Diffugimus uisu exsanguis. Illi agmine certo  
Laocoonta petunt; et primum parua duorum  
corpora natorum serpens amplexus uterque  
215 implicat et miseros morsu depascitur artus;

post ipsum auxilio subeuntem ac tela ferentem  
corripiunt spirisque ligant ingentibus; et iam  
bis medium amplexi, bis collo squamea circum  
terga dati superant capite et ceruicibus altis.  
220 Ille simul manibus tendit diuellere nodos

perfusus sanie uittas atroque ueneno,  
clamores simul horrendos ad sidera tollit:  
qualis mugitus, fugit cum saucius aram  
taurus et incertam excussit ceruice securim.  
225 At gemini lapsu delubra ad summa dracones

diffugiunt saeuaeque petunt Tritonidis arcem,  
sub pedibusque deae clipeiue sub orbe teguntur.  
Tum uero tremefacta nouos per pectora cunctis  
insinuat pauor, et scelus expendisse merentem  
230 Laocoonta ferunt, sacrum qui cuspide robur

laeserit et tergo sceleratam intorserit hastam.  
Ducendum ad sedes simulacrum orandaque diuae  
numina conclamant.  
Diuidimus muros et moenia pandimus urbis.

235 Accingunt omnes operi pedibusque rotarum  
subiciunt lapsus, et stuppea uincola collo  
intendunt; scandit fatalis machina muros  
feta armis. Pueri circum innuptaeque puellae  
sacra canunt funemque manu contingere gaudent;

240 illa subit mediaeque minans inlabitur urbi.  
O patria, o diuom domus Ilium et incluta bello  
moenia Dardanidum! quater ipso in limine portae  
substitit atque utero sonitum quater arma dedere;  
instamus tamen immemores caecique furore

245 et monstrum infelix sacrata sistimus arce.  
Tunc etiam fatis aperit Cassandra futuris  
ora dei iussu non umquam credita Teucris.  
Nos delubra deum miseri, quibus ultimus esset  
ille dies, festa uelamus fronde per urbem.

250 Vertitur interea caelum et ruit Oceano nox  
inuoluens umbra magna terramque polumque  
Myrmidonumque dolos; fusi per moenia Teucris  
conticuere; sopor fessos complectitur artus.  
Et iam Argiua phalanx instructis nauibus ibat

255 a Tenedo tacitae per amica silentia lunae  
litora nota petens, flammis cum regia puppis  
extulerat, fatisque deum defensus iniquis  
inclusos utero Danaos et pinea furtim  
laxat claustra Sinon, illos patefactus ad auras

260 reddit equos, laetique cauo se robore promunt  
Thessandrus Sthenelusque duces et dirus Vlixes,  
demissum lapsi per funem, Acamasque Thoasque  
Pelidesque Neoptolemus primusque Machaon  
et Menelaus et ipse doli fabricator Epeos.

265 Inuadunt urbem somno uinoque sepultam  
caeduntur uigiles, portisque patentibus omnis  
accipiunt socios atque agmina conscia iungunt.  
Tempus erat quo prima quies mortalibus aegris  
incipit et dono diuom gratissima serpit.

270 In somnis ecce ante oculos maestissimus Hector  
uisus adesse mihi largosque effundere fletus,  
raptatus bigis ut quondam, aterque cruento  
puluere perque pedes traiectus lora tumentis.  
Ei mihi, qualis erat, quantum mutatus ab illo

275 Hectore qui redit exuuias indutus Achilli,  
uel Danaum Phrygios iaculatus puppibus ignis;  
squalentem barbam et concretos sanguine crinis  
uolneraque illa gerens, quae circum plurima muros  
accepit patrios. Ultro flens ipse uidebar

280 compellare uirum et maestas expromere uoces:  
«O lux Dardaniae, spes o fidissima Teucrum,  
quae tantae tenuere morae? quibus Hector ab oris  
expectate uenis? ut te post multa tuorum  
funera, post uarios hominumque urbisque labores

285 defessi aspiciamus! quae causa indigna serenos  
foedauit uoltus? aut cur haec uolnera cerno?»  
Ille nihil, nec me quaerentem uana moratur,  
sed grauius gemitus imo de pectore ducens,  
«Heu fuge, nate dea, teque his» ait «eripe flammis.

290 Hostis habet muros; ruit alto a culmine Troia.  
Sat patriae Priamoque datum: si Pergama dextra  
defendi possent, etiam hac defensa fuissent.  
Sacra suosque tibi commendat Troia penatis;  
hos cape fatorum comites, his moenia quaere

295 magna, pererrato statues quae denique ponto.»  
Sic ait et manibus uittas Vestamque potentem  
aeternumque adytis effert penetralibus ignem.  
Diuerso interea miscentur moenia luctu,  
et magis atque magis, quamquam secreta parentis

300 Anchisae domus arboribusque oblecta recessit,  
clarescunt sonitus armorumque ingruit horror.  
Excitior somno et summi fastigia tecti  
ascensu supero atque arrectis auribus asto;  
in segetem ueluti cum flamma furentibus Austris

305 incidit, aut rapidus montano flumine torrens  
sternit agros, sternit sata laeta boumque labores  
praecipitisque trahit siluas: stupet inscius alto  
accipiens sonitum saxi de uertice pastor.  
Tum uero manifesta fides, Danaumque patescunt

310 insidiae. Iam Deiphobi dedit ampla ruinam  
Volcano superante domus, iam proximus ardet  
Vcalegon; Sigea igni freta lata relucent.  
Exoritur clamorque uirum clangorque tubarum.  
Arma amens capio; nec sat rationis in armis,

315 sed glomerare manum bello et concurrere in arcem  
cum sociis ardent animi; furor iraque mentem  
praecipitat, pulchrumque mori succurrit in armis.  
Ecce autem telis Panthus elapsus Achiuoum,  
Panthus Othryades, arcis Phoebique sacerdos,

320 sacra manu uictosque deos paruoumque nepotem  
ipse trahit cursuque amens ad limina tendit.  
«Quo res summa loco, Panthu? quam prendimus arcem?»  
Vix ea fatus eram gemitu cum talia reddit:  
«Venit summa dies et ineluctabile tempus

325 Dardaniae. Fuimus Troes, fuit Ilium et ingens  
gloria Teucrorum; ferus omnia Iuppiter Argos  
transtulit; incensa Danai dominantur in urbe.  
Arduos armatos mediis in moenibus astans  
fundit equos uictorque Sinon incendia miscet

330 insultans. Portis alii bipotentibus adsunt,  
milia quot magnis umquam uenere Mycenis;  
obsedere alii telis angusta uiarum  
oppositis; stat ferri acies mucrone corusco  
stricta, parata neci; Vix primi proelia temptant

335 portarum uigiles et caeco Marte resistunt.»  
Talibus Othryadae dictis et numine diuom  
in flammis et in arma feror, quo tristis Erinys,  
quo fremitus uocat et sublatus ad aethera clamor.  
Addunt se socios Rhipeus et maximus armis

340 Epytus, oblatus per lunam, Hypanisque Dymasque  
et lateri adglomerant nostro, iuuenisque Coroebus  
Mygdonides - illis ad Troiam forte diebus  
uenerat insano Cassandrae incensus amore  
et gener auxilium Priamo Phrygibusque ferebat,

345 infelix qui non sponsae praecepta furentis  
audierit!  
Quos ubi confertos ardere in proelia uidi,  
incipio super his: «luuenes, fortissima frustra  
pectora, si uobis audentem extrema cupido

350 certa sequi, quae sit rebus fortuna uidetis;  
excessere omnes adytis arisque relictis  
di quibus imperium hoc steterat; succurritis urbi  
incensae: moriamur et in media arma ruamus.  
Vna salus uictis nullam sperare salutem.»

355 Sic animis iuuenum furor additus. Inde, lupi ceu  
raptores atra in nebula, quos improba uentris  
exegit caecos rabies catulique relictis  
faucibus exspectant siccis, per tela, per hostis  
uadimus haud dubiam in mortem mediaeque tenemus

360 urbis iter; nox atra caua circumuolat umbra.  
Quis cladem illius noctis, quis funera fando  
explicet aut possit lacrimis aequare labores?  
Vrbs antiqua ruit multos dominata per annos;  
plurima perque uias sternuntur inertia passim

365 corpora perque domos et religiosa deorum  
limina. Nec soli poenas dant sanguine Teucri;  
quondam etiam uictis redit in praecordia uirtus  
uictoresque cadunt Danaï. Crudelis ubique  
luctus, ubique paor et plurima mortis imago.

370 Primus se Danaum magna comitante caterua  
Androgeos offert nobis, socia agmina credens  
inscius, atque ultro uerbis compellat amicus:  
«Festinate, uiri! nam quae tam sera moratur  
segnities? alii rapiunt incensa feruntque

375 Pergama: uos celsis nunc primum a nauibus itis.»  
Dixit, et extemplo (neque enim responsa dabantur  
fida satis) sensit medios delapsus in hostis.  
Obstipuit retroque pedem cum uoce repressit.  
Improuisum aspris ueluti qui sentibus anguem

380 pressit humi nitens trepidusque repente refugit  
attollentem iras et caerula colla tumentem,  
haud secus Androgeos uisu tremefactus abibat.  
Inruimus densis et circumfundimur armis,  
ignarosque loci passim et formidine captos

385 Sternimus. Aspirat primo Fortuna labori.  
Atque hic successu exsultans animisque Coroebus  
«O socii, qua prima» inquit «fortuna salutis  
monstrat iter, quaque ostendit se dextra, sequamur;  
mutemus clipeos Danaumque insignia nobis

390 aptemus. Dolus an uirtus, quis in hoste requirat?  
Arma dabunt ipsi.» Sic fatus deinde comantem  
Androgeo galeam clipeique insigne decorum  
induitur laterique Argiuom accommodat ensem.  
Hoc Rhipeus, hoc ipse Dymas omnisque iuuentus

395 laeta facit: spoliis se quisque recentibus armat.  
Vadimus immixti Danais haud numine nostro  
multaque per caecam congressi proelia noctem  
conserimus, multos Danaum demittimus Orco.  
Diffugiunt alii ad nauis et litora cursu

400 fida petunt; pars ingentem formidine turpi  
scandunt rursus equom et nota conduntur in aluo.  
Heu nihil inuitis fas quemquam fidere diuis!  
Ecce trahebatur passis Priameia uirgo  
crinibus a templo Cassandra adytisque Mineruae

405 ad caelum tendens ardentia lumina frustra,  
lumina, nam teneras arcebant uincola palmas.  
Non tulit hanc speciem furiata mente Coroebus  
et sese medium iniecit periturus in agmen.  
Consequimur cuncti et densis incurrimus armis.

410 Hic primum ex alto delubri culmine telis  
nostrorum obruimur oriturque miserrima caedes  
armorum facie et Graiarum errore iubarum.  
Tum Danaï gemitu atque ereptae uirginis ira  
undique collecti inuadunt, acerrimus Ajax

415 et gemini Atridae Dolopumque exercitus omnis;  
aduersi rupto ceu quondam turbine uenti  
confligunt, Zephyrusque Notusque et laetus Eois  
Eurus equis; stridunt siluae saeuitque tridenti  
spumeus atque imo Nereus ciet aequora fundo.

420 Illi etiam, si quos obscura nocte per umbram  
fudimus insidiis totaque agitauius urbe,  
apparent; primi clipeos mentitaque tela  
agnoscunt atque ora sono discordia signant.  
Ilicet obruimur numero; primusque Coroebus

425 Penelei dextra diuae armipotentis ad aram  
procumbit; cadit et Rhipeus, iustissimus unus  
qui fuit in Teucris et seruantissimus aequi  
(dis aliter uisum); pereunt Hypanisque Dymasque  
confixi a sociis; nec te tua plurima, Panthu,

430 labentem pietas nec Apollinis infula texit.  
Iliaci cineres et flamma extrema meorum,  
testor in occasu uestro nec tela nec ullas  
uitauisse uices, Danaum et, si fata fuissent  
ut caderem, meruisse manu. Diuellimur inde,

435 Iphitus et Pelias mecum (quorum Iphitus aeuo  
iam grauior, Pelias et uolnere tardus Vlix);  
protinus ad sedes Priami clamore uocati.  
Hic uero ingentem pugnam, ceu cetera nusquam  
bella forent, nulli tota morerentur in urbe,

440 sic Martem indomitum Danaosque ad tecta ruentis  
cernimus obsessumque acta testudine limen.  
Haerent parietibus scalae postisque sub ipsos  
nituntur gradibus clipeosque ad tela sinistris  
protecti obiciunt, prensant fastigia dextris.

445 Dardanidae contra turris ac tota domorum  
culmina conuellunt; his se, quando ultima cernunt,  
extrema iam in morte parant defendere telis;  
auratasque trabes, ueterum decora alta parentum,  
deuoluunt; alii strictis mucronibus imas

450 obsedere fores, has seruant agmine denso.  
Instaurati animi regis succurrere tectis  
auxilioque leuare uiros uimque addere uictis.  
Limen erat caecaeque fores et peruius usus  
tectorum inter se Priami, postesque relictis

455 a tergo, infelix qua se, dum regna manebant,  
saepius Andromache ferre incommitata solebat  
ad soceros et auo puerum Astyanacta trahebat.  
Euado ad summi fastigia culminis, unde  
tela manu miseri iactabant inrita Teucris.

460 Turrim in praecipiti stantem summisque sub astra  
eductam tectis, unde omnis Troia uideri  
et Danaum solitae naues et Achaica castra,  
adgressi ferro circum, qua summa labantis  
iuncturas tabulata dabant, conuellimus altis

465 sedibus impulimusque; ea lapsa repente ruinam  
cum sonitu trahit et Danaum super agmina late  
incidit. Ast alii subeunt, nec saxa nec ullum  
telorum interea cessat genus.  
Vestibulum ante ipsum primoque in limine Pyrrhus

470 exultat telis et luce coruscus aena;  
qualis ubi in lucem coluber mala gramina pastus,  
frigida sub terra tumidum quem bruma tegebat,  
nunc, positis nouos exuuiis nitidusque iuuenta,  
lubrica conuoluit sublato pectore terga

475 arduos ad solem, et linguis micat ore trisulcis.  
Vna ingens Periphas et equorum agitator Achillis,  
armiger Automedon, una omnis Scyria pubes  
succedunt tecto et flammis ad culmina iactant.  
Ipse inter primos correpta dura bipenni

480 limina perrumpit postisque a cardine uellit  
aeratos; iamque excisa trabe firma cauauit  
robora et ingentem lato dedit ore fenestram.  
Apparet domus intus et atria longa patescunt;  
apparent Priami et ueterum penetralia regum,

485 armatosque uident stantis in limine primo.  
At domus interior gemitu miseroque tumultu  
miscetur, penitusque cauae plangoribus aedes  
femineis ululant; ferit aurea sidera clamor.  
Tum pauidae tectis matres ingentibus errant

490 amplexaeque tenent postis atque oscula figunt.  
Instat ui patria Pyrrhus; nec claustra nec ipsi  
custodes sufferre ualent; labat ariete crebro  
ianua, et emoti procumbunt cardine postes.  
Fit uia ui; rumpunt aditus primosque trucidant

495 immissi Danai et late loca milite complent.  
Non sic, aggeribus ruptis cum spumeus amnis  
exiit oppositasque euicit gurgite moles,  
fertur in arua furens cumulo camposque per omnis  
cum stabulis armenta trahit. Vidi ipse furentem

500 caede Neoptolemum geminosque in limine Atridas,  
uidi Hecubam centumque nurus Priamumque per aras  
sanguine foedantem quos ipse sacrauerat ignis.  
Quinquaginta illi thalami, spes tanta nepotum,  
barbarico postes auro spoliisque superbi

505 procubuere; tenent Danai qua deficit ignis.  
Forsitan et Priami fuerint quae fata requiras.  
Vrbis uti captae casum conuolsaque uidit  
limina tectorum et medium in penetralibus hostem,  
arma diu senior desueta tremantibus aeuo

510 circumdat nequiquam umeris et inutile ferrum  
cingitur, ac densos fertur moriturus in hostis.  
Aedibus in mediis nudoque sub aetheris axe  
ingens ara fuit iuxtaque ueterrima laurus  
incumbens arae atque umbra complexa penatis.

515 Hic Hecuba et natae nequiquam altaria circum,  
praecipites atra ceu tempestate columbae,  
condensae et diuom amplexae simulacra sedebant.  
Ipsum autem sumptis Priamum iuuenalibus armis  
ut uidit, «Quae mens tam dira, miserrime coniunx,

520 impulit his cingi telis? aut quo ruis?» inquit.  
«Non tali auxilio nec defensoribus istis  
tempus eget; non, si ipse meus nunc adforet Hector.  
Huc tandem concede; haec ara tuebitur omnis,  
aut moriere simul.» Sic ore effata recepit

525 ad sese et sacra longaeuom in sede locauit.  
Ecce autem elapsus Pyrrhi de caede Polites,  
unus natorum Priami, per tela, per hostis  
porticibus longis fugit et uacua atria lustrat  
saucius. Illum ardens infesto uolnere Pyrrhus

530 insequitur, iam iamque manu tenet et premit hasta.  
Vt tandem ante oculos euasit et ora parentum,  
concidit ac multo uitam cum sanguine fudit.  
Hic Priamus, quamquam in media iam morte tenetur,  
non tamen abstinuit nec uoci iraeque pepercit:

535 «At tibi pro scelere» exclamat «pro talibus ausis  
di, si qua est caelo pietas quae talia curet,  
persoluant grates dignas et praemia reddant  
debita, qui nati coram me cernere letum  
fecisti et patrios foedasti funere uoltus.

540 At non ille, satum quo te mentiris, Achilles  
talis in hoste fuit Priamo; sed iura fidemque  
supplicis erubuit corpusque exsangue sepulcro  
reddidit Hectoreum meque in mea regna remisit.»  
Sic fatus senior telumque imbelle sine ictu

545 coniecit, rauco quod protinus aere repulsum,  
et summo clipei nequiquam umbone pependit.  
Cui Pyrrhus: « Referes ergo haec et nuntius ibis  
Pelidae genitori. Illi mea tristia facta  
degeneremque Neoptolemum narrare memento.

550 Nunc morere.» Hoc dicens altaria ad ipsa trementem  
traxit et in multo lapsantem sanguine nati,  
implicuitque comam laeua, dextraque coruscum  
extulit ac lateri capulo tenuis abdidit ensem.  
Haec finis Priami fatorum, hic exitus illum

555 sorte tulit Troiam incensam et prolapsa uidentem  
Pergama, tot quondam populis terrisque superbum  
regnatorem Asiae. Iacet ingens litore truncus,  
auolsumque umeris caput et sine nomine corpus.  
At me tum primum saeuos circumstetit horror.

560 Obstipui; subiit cari genitoris imago,  
ut regem aequaeuom crudeli uolnere uidi  
uitam exhalantem; subiit deserta Creusa  
et direpta domus et parui casus Iuli.  
Respicio et quae sit me circum copia lustrum.

565 Deseruere omnes defessi, et corpora saltu  
ad terram misere aut ignibus aegra dedere.  
Iamque adeo super unus eram, cum limina Vestae  
seruantem et tacitam secreta in sede latentem  
Tyndarida aspicio; dant claram incendia lucem

570 erranti passimque oculos per cuncta ferenti.  
Illa sibi infestos euersa ob Pergama Teucros  
et poenas Danaum et deserti coniugis iras  
praemetuens, Troiae et patriae communis Erinys,  
abdiderat sese atque aris inuisa sedebat.

575 Exarsere ignes animo; subit ira cadentem  
ulcisci patriam et sceleratas sumere poenas.  
«Scilicet haec Spartam incolumis patriasque Mycenae  
aspiciet, partoque ibit regina triumpho,  
coniugiumque domumque patris natosque uidebit

580 Iliadum turba et Phrygiis comitata ministris?  
Occiderit ferro Priamus? Troia arserit igni?  
Dardanium totiens sudarit sanguine litus?  
Non ita. Namque etsi nullum memorabile nomen  
feminea in poena est, habet haec uictoria laudem;

585 exstinxisse nefas tamen et sumpsisse merentis  
laudabor poenas, animumque explesse iuuabit  
ultricies flammae et cineres satiasse meorum.»  
Talia iactabam et furiata mente ferebar,  
cum mihi se, non ante oculis tam clara, uidendam

590 obtulit et pura per noctem in luce refulsit  
alma parens, confessa deam qualisque uideri  
caelicolis et quanta solet, dextraque prehensum  
continuit roseoque haec insuper addidit ore:  
«Nate, quis indomitas tantus dolor excitat iras?

595 Quid furis aut quonam nostri tibi cura recessit?  
Non prius aspicias ubi fessum aetate parentem  
liqueris Anchisen, superet coniunxne Creusa  
Ascaniusque puer? Quos omnis undique Graiae  
circum errant acies et, ni mea cura resistat,

600 iam flammae tulerint inimicus et hauserit ensis.  
Non tibi Tyndaridis facies inuisa Lacaenae  
culpatusue Paris, diuom inclementia, diuom  
has euertit opes sternitque a culmine Troiam.  
Aspice (namque omnem, quae nunc obducta tuenti

605 mortalis hebetat uisus tibi et umida circum  
caligat, nubem eripiam; tu ne qua parentis  
iussa time neu praeceptis parere recusa):  
Hic, ubi disiectas moles auolsaque saxis  
saxa uides, mixtoque undantem puluere fumum,

610 Neptunus muros magnoque emota tridenti  
fundamenta quatit totamque a sedibus urbem  
eruit. Hic luno Scaeas saeuissima portas  
prima tenet sociumque furens a nauibus agmen  
ferro accincta uocat.

615 iam summas arces Tritonia, respice, Pallas  
insedit nimbo effulgens et Gorgone saeua.  
Ipse pater Danais animos uirisque secundas  
sufficit, ipse deos in Dardana suscitatur arma.  
Eripe, nate, fugam finemque impone labori.

620 Nusquam abero et tutum patrio te limine sistam.»  
Dixerat et spissis noctis se condidit umbris.  
Apparent dirae facies inimicaeque Troiae  
numina magna deum.  
Tum uero omne mihi uisum considerare in ignis

625 Ilium et ex imo uerti Neptunia Troia.  
Ac ueluti summis antiquam in montibus ornum  
cum ferro accisam crebrisque bipennibus instant  
eruere agricolae certatim: illa usque minatur  
et tremefacta comam concusso uertice nutat,

630 uolneribus donec paulatim euicta supremum  
congemit traxitque iugis auolsa ruinam.  
Descendo ac ducente deo flammam inter et hostis  
expedior: dant tela locum flammaeque recedunt.  
Atque ubi iam patriae peruentum ad limina sedis

635 antiquasque domos, genitor, quem tollere in altos  
optabam primum montis primumque petebam,  
abnegat excisa uitam producere Troia  
exsiliumque pati. «Vos o, quibus integer aevi  
sanguis» ait «solidaeque suo stant robore uires,

640 uos agitate fugam.  
Me si caelicolae uoluissent ducere uitam,  
has mihi seruassent sedes. Satis una superque  
uidimus excidia et captae superauimus urbi.  
Sic o sic positum adfati discedite corpus.

645 Ipse manu mortem inueniam; miserebitur hostis  
exuuiasque petet. Facilis iactura sepulcri.  
Iam pridem inuisus diuis et inutilis annos  
demoror, ex quo me diuom pater atque hominum rex  
fulminis adflauit uentis et contigit igni.»

650 Talia perstabat memorans fixusque manebat.  
Nos contra effusi lacrimis coniunxque Creusa  
Ascaniusque omnisque domus, ne uertere secum  
cuncta pater fatoque urgenti incumbere uellet.  
Abnegat inceptoque et sedibus haeret in isdem.

655 Rursus in arma feror mortemque miserrimus opto.  
Nam quod consilium aut quae iam fortuna dabatur?  
«Mene efferre pedem, genitor, te posse relicto  
sperasti tantumque nefas patrio excidit ore?  
Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui,

660 et sedet hoc animo perituraeque addere Troiae  
teque tuosque iuuat, patet isti ianua leto,  
iamque aderit multo Priami de sanguine Pyrrhus,  
natum ante ora patris, patrem qui obtruncat ad aras.  
Hoc erat, alma parens, quod me per tela, per ignis

665 eripis, ut mediis hostem in penetralibus utque  
Ascanium patremque meum iuxtaque Creusam  
alterum in alterius mactatos sanguine cernam?  
Arma, uiri, ferte arma; uocat lux ultima uictos.  
Reddite me Danais; sinite instaurata reuisam

670 proelia. Numquam omnes hodie moriemur inulti.»  
Hinc ferro accingor rursus clipeoque sinistram  
insertabam aptans meque extra tecta ferebam.  
Ecce autem complexa pedes in limine coniunx  
haerebat, paruomque patri tendebat lulum:

675 «si periturus abis, et nos rape in omnia tecum;  
sin aliquam expertus sumptis spem ponis in armis,  
hanc primum tutare domum. Cui paruos lulus,  
cui pater et coniunx quondam tua dicta relinquer?»  
Talia uociferans gemitu tectum omne replebat,

680 cum subitum dictuque oritur mirabile monstrum.  
Namque manus inter maestorumque ora parentum  
ecce leuis summo de uertice uisus luli  
fundere lumen apex, tactuque innoxia mollis  
lambere flamma comas et circum tempora pasci.

685 Nos pauidi trepidare metu crinemque flagrantem  
excutere et sanctos restinguere fontibus ignis.  
At pater Anchises oculos ad sidera laetus  
extulit et caelo palmas cum uoce tetendit:  
«Iuppiter omnipotens, precibus si flecteris ullis,

690 aspice nos, hoc tantum, et, si pietate meremur,  
da deinde auxilium, pater, atque haec omina firma.»

Vix ea fatus erat senior, subitoque fragore  
intonuit laeuom, et de caelo lapsa per umbras  
stella facem ducens multa cum luce cucurrit.

695 Illam summa super labentem culmina tecti  
cernimus Idaeae claram se condere silua  
signantemque uias; tum longo limite sulcus  
dat lucem et late circum loca sulphure fumant.  
Hic uero uictus genitor se tollit ad auras

700 adfaturque deos et sanctum sidus adorat.  
«Iam iam nulla mora est; sequor et qua ducitis adsum,  
di patrii; seruate domum, seruate nepotem.  
Vestrum hoc augurium, uestroque in numine Troia est.  
cedo equidem nec, nate, tibi comes ire recuso.»

705 Dixerat ille, et iam per moenia clarior ignis  
auditur, propiusque aestus incendia uoluont.  
«Ergo age, care pater, ceruici imponere nostrae;  
ipse subibo umeris nec me labor iste grauabit;  
quo res cumque cadent, unum et commune periculum,

710 una salus ambobus erit. Mihi paruus lulus  
sit comes, et longe seruet uestigia coniunx.  
Vos, famuli, quae dicam animis aduertite uestris.  
Est urbe egressis tumulus templumque uetustum  
desertae Cereris, iuxtaque antiqua cupressus

715 religione patrum multos seruata per annos.  
Hanc ex diuerso sedem ueniemus in unam.  
Tu, genitor, cape sacra manu patriosque penatis;  
me bello e tanto digressum et caede recenti  
attrectare nefas, donec me flumine uiuo

720 abluero.»

Haec fatus latos umeros subiectaque colla  
ueste super fuluique insternor pelle leonis,  
succedoque oneri; dextrae se paruos Iulus  
implicuit sequiturque patrem non passibus aequis;

725 pone subito coniunx. Ferimur per opaca locorum,  
et me, quem dudum non ulla iniecta mouebant  
tela neque aduerso glomerati ex agmine Grai,  
nunc omnes terrent aerae, sonus excitat omnis  
suspensum et pariter comitique onerique timentem.

730 Iamque propinquabam portis omnemque uidebar  
euasisse uiam, subito cum creber ad auris  
uisus adesse pedum sonitus, genitorque per umbram  
prospiciens «nate» exclamat «fuge, nate; propinquant.  
Ardentis clipeos atque aera micantia cerno.»

735 Hic mihi nescio quod trepido male numen amicum  
confusam eripuit mentem. Namque auia cursu  
dum sequor et nota excedo regione uiarum,  
heu misero coniunx fatone erepta Creusa  
substitit, errauitne uia seu lapsa resedit,

740 incertum; nec post oculis est reddita nostris.  
Nec prius amissam respexi animumue reflexi  
quam tumulum antiquae Cereris sedemque sacratam  
uenimus: hic demum collectis omnibus una  
defuit, et comites natumque uirumque fefellit.

745 Quem non incusauis amens hominumque deorumque,  
aut quid in euersa uidi crudelius urbe?  
Ascanium Anchisenque patrem Teucrosque penatis  
commendo sociis et curua ualle recondo;  
ipse urbem repeto et cingor fulgentibus armis.

750 Stat casus renouare omnis omnemque reuerti  
per Troiam et rursus caput obiectare periclis.  
Principio muros obscuraque limina portae,  
qua gressum extuleram, repeto et uestigia retro  
obseruata sequor per noctem et lumine lustror;

755 horror ubique animo, simul ipsa silentia terrent.  
Inde domum, si forte pedem, si forte tulisset,  
me refero; intruerant Danai et tectum omne tenebant.  
Illicet ignis edax summa ad fastigia uento  
uoluitur; exsuperant flammae, furit aestus ad auras.

760 Procedo et Priami sedes arcemque reuideo;  
et iam porticibus uacuis lunonis asylo  
custodes lecti Phoenix et dirus Vlives  
praedam adseruabant. Huc undique Troia gaza  
incensis erepta adytis, mensaeque deorum

765 crateresque auro solidi, captiuaque uestis  
congeritur. Pueri et puidae longo ordine matres  
stant circum.  
Ausus quin etiam uoces iactare per umbram  
impleui clamore uias, maestusque Creusam

770 nequiquam ingeminans iterumque iterumque uocaui.  
Quaerenti et tectis urbis sine fine ruenti  
infelix simulacrum atque ipsius umbra Creusae  
uisa mihi ante oculos et nota maior imago.  
Obstipui, steteruntque comae et uox faucibus haesit.

775 Tum sic adfari et curas his demere dictis:  
«Quid tantum insano iuuat indulgere dolori,  
o dulcis coniunx? Non haec sine numine diuom  
eueniunt; nec te hinc comitem asportare Creusam  
fas, aut ille sinit superi regnator Olympi.

780 Longa tibi exsilia et uastum maris aequor arandum,  
et terram Hesperiam uenies, ubi Lydius arua  
inter opima uirum leni fluit agmine Thybris:  
illic res laetae regnumque et regia coniunx  
parta tibi; lacrimas dilectae pelle Creusae.

785 Non ego Myrmidonum sedes Dolopumue superbas  
aspiciam aut Grais seruitum matribus ibo,  
Dardanis et diuae Veneris nurus;  
sed me magna deum genetrix his detinet oris.  
Iamque uale et nati serua communis amorem.»

790 Haec ubi dicta dedit, lacrimantem et multa uolentem  
dicere deseruit, tenuisque recessit in auras.  
Ter conatus ibi collo dare bracchia circum;  
ter frustra comprehensa manus effugit imago,  
par leuibus uentis uolucrique simillima somno.

795 Sic demum socios consumpta nocte reuiso.  
Atque hic ingentem comitum adfluxisse nouorum  
inuenio admirans numerum, matresque uirosque,  
collectam exsilio pubem, miserabile uolgus.  
Vndique conuenere animis opibusque parati

800 in quascumque uelim pelago deducere terras.  
Iamque iugis summae surgebat Lucifer Idae  
ducebatque diem, Danaique obsessa tenebant  
limina portarum, nec spes opis ulla dabatur.  
cessi et sublato montis genitore petiui.

# Índice Onomástico

---

**Acamas** (*Acamas*, v. 262)

**Acaicos** (*Achaica*, v. 462)

**Ajax** (*Ajax*, v. 414)

**Androgeu** (*Androgeos*, v. 371; *Androgeos*, v. 382; *Androgei*, v. 392)

**Andrômaca** (*Andromache*, v. 456)

**Anquises** (*Anchisae*, v. 300; *Anchisen*, v. 597; *Anchises*, v. 687; *Anchisen*, v. 747)

**Apolo** (*Apollo*, v. 121; *Apollinis*, v. 430)

**Aquiles** (*Achilles*, v. 29; *Achilles*, v. 197; *Achilli*, v. 275; *Achillis*, v. 476; *Achilles*, v. 540) **Aquiles Larisseu** (*Larisaeus Achilles*, v. 197)

**Aquivos** (*Achiui*, v. 45; *Achiuis*, v. 60; *Achiuos*, v. 102; *Achiuom*, v. 318)

**Argiva** (*Argiua*, v. 254; *Argiuom*, v. 393)

**Argólica** (*Argolica*, v. 78; *Argolica*, v. 119)

**Argólicos** (*Argolicas*, v. 55; *Argolicis*, v. 177)

**Argos** (*Argos*, v. 95; *Argis*, v. 178; *Argos*, v. 326)

**Arte Pelasga** (*arte Pelasga*, v. 152)

**Ascânio** (*Ascanius*, v. 598; *Ascanius*, v. 652; *Ascanium*, v. 666; *Ascanium*, v. 747)

**Ásia** (*Asiam*, v. 193; *Asiae*, v. 557)

**Astiânax** (*Astyanacta*, v. 457)

**Atridas** (*Atridae*, v. 104; *Atridae*, v. 415; *Atridas*, v. 500)

**Augusta Mãe** (*alma parens*, v. 591; *alma parens*, v. 664)

**Austro, Austros** (*Auster*, v. 111; *Austris*, v. 304)

**Automedonte** (*Automedon*, v. 477)

**Belida** (*Belidae*, v. 82)

**Calcas** (*Calchante*, v. 100; *Calchanta*, v. 122; *Calchas*, v. 176; *Calchas*, v. 182; *Calchas*, v. 185)

**Cápis** (*Capys*, v. 35)

**Cassandra** (*Cassandra*, v. 246; *Cassandrae*, v. 343; *Cassandra*, v. 404)

**Cavalos Eoios** (*Eois...equis*, v. 417-418)

**Celícolas** (*caelicolae*, v. 641)

**Ceres** (*Cereris*, v. 714; *Cereris*, v. 742)

**Cipreste** (*cupressus*, v. 714)

**Corebo** (*Coroebus*, v. 341; *Coreobus*, v. 386; *Coroebus*, v. 407; *Coroebus*, v. 424)

**Corpo Heitóreo** (*corpus...Hectoreum*, v. 542-543)

**Creúsa** (*Creusa*, v. 562; *Creusa*, v. 597; *Creusa*, v. 651; *Creusam*, v. 666; *Creusa*, v. 738; *Creusam*, v. 769; *Creusae*, v. 772; *Creusam*, v. 778; *Creusae*, v. 784)

**Dânaos** (*Danai*, v. 5; *Danaum*, v. 14; *Danaum*, v. 36; *Danaum*, v. 44; *Danaos*, v. 49; *Danaum*, v. 65; *Danaos*, v. 71; *Danai*, v. 108; *Danai*, v. 117; *Danaum*, v. 162; *Danaum*, v. 170; *Danaos*, v. 258; *Danaum*, v. 276; *Danaum*, v. 309; *Danai*, v. 327; *Danai*, v. 368; *Danaum*, v. 370; *Danaum*, v. 389; *Danais*, v. 396; *Danaum*, v. 398; *Danai*, v. 413; *Danaum*, v. 433; *Danaos*, v. 440; *Danaum*, v. 462; *Danaum*, v. 466; *Danai*, v. 495; *Danai*, v. 505; *Danaum*, v. 572; *Danais*, v. 617; *Danais*, v. 669; *Danai*, v. 757; *Danai*, v. 802)

**Dardânia** (*Dardaniae*, v. 281; *Dardaniae*, v. 325)

**Dardânidas** (*Dardanidae*, v. 59; *Dardanidae*, v. 72; *Dardanidum*, v. 242; *Dardanidae*, v. 445)

**Dardânios** (*Dardanium*, v. 582; *Dardana*, v. 618)

**Dárdanos** (*Dardanis*, v. 787)

**Deífobo** (*Deiphobi*, v. 310)

**Deuses Paternos** (*di patrii*, v. 702)

**Dimas** (*Dymas*, v. 340; *Dymas*, v. 394; *Dymas*, v. 428)

**Dólopes** (*Dolopum*, v. 7; *Dolopum*, v. 29; *Dolopum*, v. 415; *Dolopum*, v. 785)

**Dóricos** (*Dorica*, v. 27)

**Dóricos Acampamentos** (*Dorica castra*, v. 27)

**Eneias** (*Aeneas*, v. 2)

**Eoios** (*Eois*, v. 417)  
**Epito** (*Epytus*, v. 340)  
**Esthênelo** (*Sthenelus*, v. 261)  
**Estreitos Sigeios** (*Sigea...freta*, v. 312)  
**Epeios** (*Epeos*, v. 264)  
**Erínias** (*Erinys*, v. 337; *Erinys*, v. 573)  
**Esparta** (*Spartam*, v. 577)  
**Esperança Fidelíssima dos Teucros** (*Spes fidissima Teucrum*, v. 281)  
**Esposa Real** (*regia coniunx*, v. 783)  
**Esquíria** (*Scyria*, v. 477)  
**Eurípilo** (*Eurypilum*, v. 114)  
**Euros** (*Eurus*, v. 418)  
**Falange Argiva** (*Argiua phalanx*, v. 254)  
**Febo** (*Phoebi*, v. 114; *Phoebi*, v. 319)  
**Fênix** (*Phoenix*, v. 762)  
**Fileiras Frígias** (*Phrygia agmina*, v. 68)  
**Filho de uma Deusa** (*nate dea*, v. 289)  
**Fortuna** (*fortuna*, v. 350; *Fortuna*, v. 385; *Fortuna*, v. 387)  
**Frígios, Frígias** (*Phrygias*, v. 68; *Phrygibus*, v. 191; *Phrygios*, v. 276; *Phrygibus*, v. 344; *Phrygiis*, v. 580)  
**Górgona** (*Gorgone*, v. 616)  
**Graios** (*Graios*, v. 148; *Graiorum*, v. 157; *Graiarum*, v. 412; *Graiae*, v. 598; *Grai*, v. 727; *Grais*, v. 786)  
**Grande Mãe dos Deuses** (*magna deum genetrix*, v. 788)  
**Grandes Muralhas** (*moenia...magna*, v. 294-295)  
**Hécuba** (*Hecubam*, v. 501; *Hecuba*, v. 515)  
**Heitor** (*Hector*, v. 270; *Hectore*, v. 275; *Hector*, v. 282; *Hector*, v. 522)  
**Heitóreo** (*Hectoreum*, v. 543)  
**Hespéria** (*Hesperiam*, v. 781)  
**Hipanís** (*Hypanis*, v. 340; *Hypanis*, v. 428)  
**Ida** (*Idae*, v. 801)  
**Idaia** (*Idaea*, v. 696)

**Ifitos** (*Iphitus*, v. 435)  
**Ilíacas** (*Iliacas*, v. 117; *Iliaci*, v. 431)  
**Ilíades** (*Iliadum*, v. 580)  
**Ílion** (*Ilium*, v. 241; *Ilium*, v. 325; *Ilium*, v. 625)  
**Império de Príamo** (*Priami imperio*, v. 191)  
**Ímpio Tidida** (*Impius...Tydides*, v. 163-164)  
**Inventor de Crimes** (*scelerum inuentor*, v. 164)  
**Ítaco** (*Ithacus*, v. 104; *Ithacus*, v. 122; *Ithaci*, v. 128)  
**Iulo** (*Iuli*, v. 563; *Iulum*, v. 674; *Iulus*, v. 677; *Iuli*, v. 682; *Iulus*, v. 710; *Iulus*, v. 723)  
**Juno** (*Iuno*, v. 612; *Iunonis*, v. 761)  
**Júpiter** (*Iuppiter*, v. 326; *Iuppiter*, v. 689)  
**Júpiter Onipotente** (*Iuppiter omnipotens*, v. 689)  
**Juventude Troiana** (*Troiana iuuentus*, v. 63)  
**Juventude Esquíria** (*Scyria Pubes*, v. 477)  
**Laconiana** (*Lacaenae*, v. 601)  
**Laocoonte** (*Laocoon*, v. 41; *Laocoon*, v. 201; *Laocoonta*, v. 213; *Laocoonta*, v. 230)  
**Larisseu** (*Larisaeus*, v. 197)  
**Lídio** (*Lydius*, v. 781)  
**Lúcifer** (*Lucifer*, v. 801)  
**Luz da Dardânia** (*Lux Dardaniae*, v. 281)  
**Macáon** (*Machaon*, v. 263)  
**Máquina Fatal** (*fatalis machina*, v. 237)  
**Margens Ilíacas** (*Iliacas...oras*, v. 117)  
**Marte** (*Marte*, v. 335; *Martem*, v. 440)  
**Menelau** (*Menelaus*, v. 264)  
**Micenas** (*Mycenas*, v. 25; *Mycenas*, v. 180; *Mycenis*, v. 331; *Mycenas*, v. 577)  
**Migdonides** (*Mygdonides*, v. 342)  
**Minerva** (*Mineruae*, v. 31; *Mineruae*, v. 189; *Mineruae*, v. 404)

**Mirmidões** (*Myrmidonum*, v. 7; *Myrmidonum*, v. 252; *Myrmidonum*, v. 785)

**Monstro Infeliz** (*monstrum infelix*, v. 245)

**Muralhas dos Dardânidas** (*moenia Dardanidum*, v. 242)

**Muralhas Pelópias** (*Pelopea...moenia*, v. 193)

**Neoptólemo** (*Neoptolemus*, v. 263; *Neoptolemus*, v. 500; *Neoptolemus*, v. 549) **Nereu** (*Nereus*, v. 419)

**Netúnia** (*Neptunia*, v. 625)

**Netuno** (*Neptuno*, v. 201; *Neptunus*, v. 610)

**Nora da Divina Vênus** (*diuae Veneris nurus*, v. 787)

**Notos** (*Notus*, v. 417)

**Oceano** (*Oceano*, v. 250)

**Olimpo** (*Olympi*, v. 779)

**Oráculos de Febo** (*oracula Phoebi*, v. 114)

**Orco** (*Orco*, v. 398)

**Otríades** (*Othryades*, v. 319; *Othryadae*, v. 336)

**Pai dos Deuses e Rei dos Homens** (*diuom pater atque hominum rex*, v. 648)

**Pai Eneias** (*pater Aeneas*, v. 2)

**Paládio** (*Palladium*, v. 166; *Palladio*, v. 183)

**Palamedes** (*Palamedis*, v. 82)

**Palas** (*Palladis*, v. 15; *Palladis*, v. 163; *Pallas*, v. 615)

**Palas Tritônia** (*Tritonia...Pallas*, v. 615)

**Pantos** (*Panthis*, v. 318; *Panthis*, v. 319; *Panthis*, v. 322; *Panthis*, v. 429)

**Pantos Otríades** (*Panthis Othryades*, v. 319)

**Páris** (*Paris*, v. 602)

**Pelasgos** (*Pelasgi*, v. 83; *Pelasgae*, v. 106; *Pelasga*, v. 152)

**Pélias** (*Pelias*, v. 435; *Pelias*, v. 436)

**Pelida** (*Pelides*, v. 263; *Pelidae*, v. 548)

**Pelópias** (*Pelopea*, v. 193)

**Penates** (*penatis*, v. 293; *penatis*, v. 514; *penatis*, v. 717; *penatis*, v. 747)

**Penates Pátrios** (*patrios penatis*, v. 717)

**Penates Teucros** (*Teucros penatis*, v. 747)

**Peneleu** (*Peneleij*, v. 425)

**Pérgama** (*Pergama*, v. 177; *Pergama*, v. 291; *Pergama*, v. 375; *Pergama*, v. 556; *Pergama*, v. 571)

**Perifas** (*Periphias*, v. 476)

**Pirro** (*Pyrrhus*, v. 469; *Pyrrhus*, v. 491; *Pyrrhi*, v. 526; *Pyrrhus*, v. 529; *Pyrrhus*, v. 547; *Pyrrhus*, v. 662)

**Polites** (*Polites*, v. 526)

**Portas Escaias** (*Scaeas...portas*, v. 612)

**Priameia** (*Priameia*, v. 403)

**Príamo** (*Priami*, v. 22; *Priami*, v. 57; *Priamus*, v. 147; *Priami*, v. 191; *Priamo*, v. 291; *Priamo*, v. 344; *Priami*, v. 437; *Priami*, v. 454; *Priami*, v. 484; *Priamum*, v. 501; *Priami*, v. 506; *Priamum*, v. 518; *Priamus*, v. 533; *Priamo*, v. 541; *Priami*, v. 554; *Priamus*, v. 581; *Priami*, v. 662; *Priami*, v. 760)

**Raça Argólica** (*Argolica...gente*, v. 78)

**Refúgios Argólicos** (*Argolicas...latebras*, v. 55)

**Rei do Súpero Olimpo** (*superi regnator Olympi*, v. 779)

**Ripeu** (*Rhipeus*, v. 339; *Rhipeus*, v. 394; *Rhipeus*, v. 426)

**Sigeios** (*Sigea*, v. 312)

**Sínon** (*Sinonem*, v. 79; *Sinonis*, v. 195; *Sinon*, v. 259; *Sinon*, v. 329)

**Tênedos** (*Tenedos*, v. 21; *Tenedo*, v. 203)

**Thessandro** (*Thessandrus*, v. 261)

**Thoas** (*Thoas*, v. 262)

**Têucria** (*Teucria*, v. 26)

**Teucros** (*Teucri*, v. 48; *Teucris*, v. 247; *Teucri*, v. 252; *Teucrum*, v. 281; *Teucrorum*, v. 326; *Teucri*, v. 366; *Teucris*, v. 427; *Teucri*, v. 459; *Teucros*, v. 571; *Teucros*, v. 747)

**Tibre** (*Thybris*, v. 782)

**Tibre Lídio** (*Lydius...Thybris*, v. 781-782)

**Tidida** (*Tydides*, v. 164; *Tydides*, v. 197)

**Timoetes** (*Thymoetes*, v. 32)

**Tindarida** (*Tyndarida*, v. 569; *Tyndaridis*, v. 601)

**Tritônia** (*Tritonia*, v. 171; *Tritonidis*, v. 226; *Tritonia*, v. 615)

**Troas** (*Troes*, v. 325)

**Troia** (*Troiae*, v. 11; *Troiae*, v. 34; *Troia*, v. 56; *Troiam*, v. 60; *Troia*, v. 108; *Troia*, v. 161; *Troia*, v. 290; *Troia*, v. 293; *Troiam*, v. 342; *Troia*, v. 461; *Troiam*, v. 555; *Troiae*, v. 573; *Troia*, v. 581; *Troiam*, v. 603; *Troiae*, v. 622; *Troia*, v. 625; *Troia*, v. 637; *Troiae*, v. 660; *Troia*, v. 703; *Troiam*, v. 751)

**Troia Netúnia** (*Neptunia Troia*, v. 625)

**Troianas** (*Troianas*, v. 4)

**Troios** (*Troia*, v. 763)

**Ucalegão** (*Vcalegon*, v. 312)

**Ulisses** (*Vlixixi*, v. 7; *Vlixes*, v. 44; *Vlixixi*, v. 90; *Vlixes*, v. 97; *Vlixes*, v. 164; *Vlixes*, v. 261; *Vlixixi*, v. 436; *Vlixes*, v. 762)

**Vênus** (*Veneris*, v. 787)

**Vesta** (*Vestam*, v. 296; *Vestae*, v. 567)

**Virgem Degolada** (*uirgine caesa*, v. 116)

**Virgem Priameia** (*Priameia uirgo*, v. 403)

**Vulcano** (*Volcano*, v. 311)

**Zéfiro** (*Zephyrus*, v. 417)

## Bibliografia

ANDRÉ, Jacques. *Les noms des plantes dans la Rome antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

APOLLODORO. *Biblioteca*; introduzione, traduzione e note di Marina Cavalli. Milano: Mondadori, 2009.

APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 v.).

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français* (le grand Bailly); rédigé avec le concours de E. Egger. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraîne, avec en appendice, de nouvelles notices de mythologie et religion par L. Séchan. Paris: Hachette, 2000.

BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias* (II. poder, direito, religião); tradução de Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

CALLIMAQUE. *Les origines, Réponses aux Telchines, Élégies, Épigrammes, Iambes et pièces lyriques, Hécélé, Hymnes*; texte établi et traduit par Émile Cahen. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles, mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Édition revue et augmentée. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1982.

COLLOUTHOS. *L'enlèvement d'Hélène*; texte établi et traduit par Pierre Orsini. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

DELAMARRE, X. *Le vocabulaire indo-européen: lexique étymologique thématique*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1984.

DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaïque* (avec un appendice sur la religion des Étrusques). 2e. éd. Paris: Payot, 2000.

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Réimpression de la 4e. édition augmentée

d'additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck, 2001.

ÉSQUILO. *Tragédias: Os persas, Os sete contra Tebas, As suplicantes, Prometeu cadeeiro*; estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

EURIPIDE. *Tragédies: Héraclès, Les suppliantes, Ion*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Bacchantes*; texte établie et traduit par Henri Grégoire, avec le concours de Jean Meunier. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Troyennes; Iphigénie en Tauride; Électre*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Rhésos*; texte établi et traduit par François Jouan. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français* (le grand Gaffiot); nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hachette, 2000.

GANTZ, Timothy. *Mythes de la Grèce archaïque*; traduit par Danièle Auger et Bernadette Leclercq-Neveu. Paris: Belin, 2004.

GÉLIO, Aulo. *Noites Áticas*; tradução de José Rodrigues Seabra Filho, introdução de Bruno Fregni Basseto. Londrina: EDUEL, 2010.

GRAVES, Robert. *O grande livro dos mitos gregos*; tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Ediouro, 2008.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*; préface de Charles Picard. 15e. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

HÉRODOTE. *Histoires* (livre I, Clio); texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HÉSIODE. *Théogonie, Les travaux et les jours, Le bouclier*; texts établis et traduits par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

HESÍODO. *Teogonia*; tradução e ensaio crítico de Jaa Torrano. 3. ed. São

Paulo: Iluminuras, 2005.

*HINOS HOMÉRICOS*; tradução, notas e estudos de Edvanda Bonavinda da Rosa et alii; edição e organização de Wilson Alves Ribeiro Jr. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOMÈRE. *Hymnes*; texte établi et traduit par Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1936.

HOMÈRE. *Iliade*; texte établi et traduit par Paul Mazon; notes d'Hélène Monsacré. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

HOMÈRE. *Odyssée*; texte établi et traduit par Victor Bérard, notes de Silvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2001 (3 vol.).

HYGIN. *Fables*; texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HYGIN. *L'astronomie*; texte établi et traduit par André Le Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

KIENAST, Hermann J. Ο Πύργος των ανέμων - Οι Αέρηδες.  
Αθήνα: ΨΠΟΥΡΓΕΙΟ ΠΟΛΙΤΙΣΜΟΥ ΤΑΜΕΙΟ  
ΑΡΧΑΙΟΛΟΓΙΚΩΝ ΠΟΡΩΝ ΚΑΙ ΑΠΑΛΛΟΤΡΙΩΣΕΩΝ, 2007.

LUCRÈCE. *De la nature (De rerum natura)*; traduction, introduction et notes de José Kany-Turpin. Paris: Aubier, 1993.

LUCRÈCE. *De la nature*; texte établi, traduit et annoté par Alfred Ernout; introduction et notes par Élisabeth de Fontenay. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

MORKOT, Robert. *Atlas de la Grèce antique*; traduit de l'anglais par Carine Chichereau. Paris: Éditions Autrement, 1999.

OVIDE. *Les fastes*; texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003 (2 vol.).

OVIDE. *Les Métamorphoses*; texte établi par Georges Lafaye, émendé, présente et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

OVÍDIO. *Metamorfoses*; tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa : Cotovia, 2007.

RHODES, Apollonios de. *Argonáutica*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3

vol.).

ROBERT, Jean-Noël. *Les étrusques*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

SOPHOCLE. *Tragédies: Ajax, Oedipe roi, Electre*; texte établi par Alphonse Dain et traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY. Third edition revised. Edited by Simon Hornblower and Antony Spawforth. New York: Oxford University Press, 2003.

TITE-LIVE. *Histoire romaine I: la fondation de Rome*; texte établi et traduit par Gaston Baillet, introduction et notes de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

VERGÍLIO. *Eneida*; tradução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

VIRGILE. *Bucoliques*; texte établi et traduit par E. de Saint-Denis; nouvelle édition revue et augmentée d'un commentaire; cinquième tirage revu, corrigé et augmenté d'un complément bibliographique par Roger Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

VIRGILE. *Énéide*; texte établi et traduit par Jacques Perret. Quatrième tirage de l'édition revue et corrigée par R. Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 2006 (3 vol.).

VIRGILE. *Énéide*; texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Belessort. 7. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

VIRGILE. *Géorgiques*; texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis, introduction et notes de Jakie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VIRGÍLIO. *Eneida*; tradução de José Vitorino Barreto Feio (Livros I-VIII) e José Maria da Costa e Silva (Livros IX-XII). Edição organizada por Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIRGILIO. *Eneida*; traduzione di Luca Canali; introduzione de Ettore Paratore. 15. ed. Milano: Oscar Mondadori, 2004.